



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

**NATALIA MIKAELY DA SILVA CAVALCANTE**

**A CULTURA DA RENDA DE BILRO NA PRAINHA/AQUIRAZ-CE: O PROCESSO  
EDUCATIVO NA PRODUÇÃO DO ARTESANATO**

**FORTALEZA**

**2024**

NATALIA MIKAELY DA SILVA CAVALCANTE

A CULTURA DA RENDA DE BILRO NA PRAINHA/AQUIRAZ-CEARÁ: O PROCESSO  
EDUCATIVO NA PRODUÇÃO DO ARTESANATO.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação.

Orientador: Prof. Dr. Hildemar Luiz Rech

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- C364c Cavalcante, Natalia Mikaely da Silva.  
A cultura da renda de bilro na Prainha/Aquiraz-Ce: : o processo educativo na produção do artesanato /  
Natalia Mikaely da Silva Cavalcante. – 2024.  
104 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-  
Graduação em Educação, Fortaleza, 2024.  
Orientação: Prof. Dr. Hildemar Luiz Rech.
1. Trabalho. 2. Processo educativo. 3. Desvalorização. 4. Exploração. 5. Artesãs. I. Título.  
CDD 370
-

NATALIA MIKAELY DA SILVA CAVALCANTE

A CULTURA DA RENDA DE BILRO NA PRAINHA/AQUIRAZ-CEARÁ: O PROCESSO  
EDUCATIVO NA PRODUÇÃO DO ARTESANATO.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação.

Aprovada em 30/07/2024.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Hildemar Luiz Rech (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Eduardo Ferreira Chagas  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Lúcia Helena de Brito  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Dedico esse trabalho as artesãs da renda de bilro, que com paciência e criatividade repassam esse saber.

Dedico também aos meus pais, Maria Rocicler e Oziano, que sempre estiveram ao meu lado, sinônimos de compreensão, amor e dedicação. Sem eles a trajetória acadêmica não seria possível.

## AGRADECIMENTOS

À Deus, em primeiro lugar, por me dar discernimento e por sempre iluminar meus pensamentos e me guiar, me dando força, paciência e coragem para ir atrás dos meus sonhos e me fazendo compreender que na vida, por maior que seja o desafio, serei capaz de superá-lo, entendendo que tudo tem um tempo certo para acontecer.

À minha família, por sempre estarem ao meu lado e terem sido fundamentais em meio a minha vida acadêmica, sem eles esse momento não seria possível.

Aos meus pais, Maria Rocieler Pinheiro da Silva e Oziano de Sousa Cavalcante, que mesmo sem compreender a realidade acadêmica, sempre me incentivaram, aconselharam e me apoiaram, acreditando em mim mais do que eu mesmo. É a eles devo essa conquista.

As minhas irmãs Rochelly Pinheiro, Michelly Maria e Mirela Maria pelas palavras de ânimo, diálogos, companheirismo, incentivo e união ao longo da vida.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Hildemar Luiz Rech, por todos os conselhos e compreensões nesse percurso.

Aos professores da banca examinadora, Eduardo Ferreira Chagas e Lucia Helena de Brito, pela gentileza em aceitar o convite, para compor a banca e pelas observações, questionamentos e auxílio para a construção desse trabalho.

À Universidade Federal do Ceará, por ter tido a oportunidade de fazer parte da turma do Mestrado em Educação e a todos os docentes, cada um em sua essência e de modo único deixaram marcas em minha vida e foram fundamentais para a conclusão desse ciclo.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pela bolsa de estudos e auxílio financeiro que possibilitou a dedicação integral ao programa de pós-graduação e a realização desse estudo.

Agradeço, em especial, à minha companheira Naiane Oliveira Rodrigues, pela paciência, compreensão e acolhimento frente os meus momentos de angústia, por cada demonstração de amor, apoio e otimismo. Sem você esse momento não teria tamanho significado.

“É como a trama da renda da terra,  
Que a rendeira rebate e retorçe e Pontilha os  
espinhos,  
Na ânsia de endurecer a graça Petulante de uma  
traça,  
No afã de alinhar mais o trocado  
Do ponto de filó,  
E sai tão fina, tão delicada,  
Tão perfeita,  
Que vocês, meus irmãos do Sul, Mandam  
buscá-la aqui, na Barraquinha anônima das  
várzeas, Para ostentá-la, depois,  
No meio do seu luxo...” (Renda da terra - Rachel  
de Queiroz)

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo geral analisar as dimensões do processo educativo na produção do artesanato da renda de bilro, como objeto de transformação do cenário de exploração e desvalorização do trabalho artesanal para as mulheres que produzem a renda de bilro, de modo delimitado à realidade das rendeiras da Prainha de Aquiraz-Ce. E como objetivos específicos: Identificar como se estabelece o ensino da prática da renda de bilro e o processo de apreensão da mesma; Investigar as condições de trabalho e como as rendeiras tem capitalizado a produção da renda em meio a um cenário de exploração e desvalorização da força de trabalho dessas artesãs, presente na comercialização dos seus produtos. Examinar, assim, como esse processo educativo no repasse do saber, do trabalho artesanal, tem transformado a realidade local das artesãs. O método que fundamenta este estudo é o materialismo histórico-dialético e o percurso metodológico assume feição qualitativa, materializada através de pesquisa bibliográfica e de campo, a qual utilizou como técnicas a observação participante, a entrevista semiestruturada e o instrumento diário de campo. O trabalho está estruturado em três partes: A primeira parte iniciamos com o levantamento da problemática central de nossa pesquisa acerca do processo educativo no trabalho artesanal da renda de bilro, como base; em seguida objetivamos uma discussão ancorada na ontologia marxiano-lukacsiana, voltando aos escritos que tratam da relação ontológica entre a categoria fundante do ser social (o trabalho) colocados inicialmente por Marx na obra de *O capital* e por Lukács (1979) como a categoria de partida para a investigação dos fenômenos sociais subsequentes e os complexos fundados por ele adequado a análise da linguagem e educação. É, a partir desses autores basilares, e de seus interpretes que norteamos a pesquisa. A segunda parte cumpre um papel introdutório de apresentação geral da pesquisa; abordando a discussão sobre o artesanato e a historicidade da renda de bilro, bem como o seu desenrolar como ofício no Nordeste e, mais precisamente, no Ceará, para dar ênfase ao território em análise que é Aquiraz-Ce, com ênfase na relação do mesmo com a força de trabalho feminina. Para abranger os aspectos históricos do ofício, tomamos por base os estudos de Luiza Ramos e Arthur Ramos (1948), Armelle Enders (2012), e Valdenice Carneiro Girão (2013). Para refletir sobre o trabalho feminino e o mercado de trabalho, lançamos mão das análises de Lina Bo Bardi (1994); Eunice Ribeiro Durham (1983); Paulo Freire (1999); Helena Hirata (2016), Eric J. Hobsbawm (1984) e Maria Lúcia Martinelli (2001). Dentre outras fontes consultadas. A terceira parte apresenta os dados da empiria. Assim, com objetivo de conhecer sobre o cotidiano do ofício da renda de bilro, adentramos na discussão sobre o processo educativo mediado pela sociabilidade e a educação não formal, realizada em



consonância com o repasse do saber, onde finalizamos dando visibilidade a realidade das rendeiras da prainha de Aquiraz-Ce e de seu ofício.

**Palavras-chave:** trabalho; processo educativo; desvalorização; exploração; artesãs; transformação.

## ABSTRACT

The general objective of this work is to analyze the dimensions of the educational process in the production of bobbin lace crafts, as an object of transformation of the scenario of exploitation and devaluation of craft work for women who produce bobbin lace, in a way delimited to reality. of the lacemakers of Prainha de Aquiraz-Ce. And as specific objectives: Identify how the teaching of the practice of bobbin lace and the process of apprehending it are established; investigate working conditions and how lacemakers have capitalized on income production amidst a scenario of exploitation and devaluation of these artisans' workforce, present in the marketing of their products. To examine, therefore, how this educational process in the transfer of knowledge, of artisanal work, has transformed the local reality of artisans. The method that underpins this study is historical-dialectical materialism and the methodological path takes on a qualitative nature, materialized through bibliographical and field research, which used participant observation, semi-structured interviews and the field diary instrument as techniques. The work is structured in three parts: The first part we begin with the survey of the central problem of our research regarding the educational process in the artisanal work of bobbin lace, as a basis; then we aim for a discussion anchored in Marxian-Lukacsian ontology, returning to the writings that deal with the ontological relationship between the founding category of social being (work) initially placed by Marx in the work of Capital and by Lukács (1979) as the category of departure for the investigation of subsequent social phenomena and the complexes founded by him suitable for the analysis of language and education. It is from these basic authors and their interpreters that we guide the research. The second part fulfills an introductory role of general presentation of the research; addressing the discussion about craftsmanship and the historicity of bobbin lace, as well as its development as a craft in the Northeast and, more precisely, in Ceará, to emphasize the territory under analysis which is Aquiraz-Ce, with an emphasis on the relationship between with the female workforce. To cover the historical aspects of the craft, we are based on studies by Luiza Ramos and Arthur Ramos (1948), Armelle Enders (2012), and Valdenice Carneiro Girão (2013). To reflect on female work and the job market, we used the analyzes of Lina Bo Bardi (1994); Eunice Ribeiro Durham (1983); Paulo Freire (1999); Helena Hirata (2016), Eric J. Hobsbawm (1984) and Maria Lúcia Martinelli (2001). Among other sources consulted. The third part presents empirical data. Thus, with the aim of learning about the daily life of the bobbin lace trade, we enter into the discussion about the educational process mediated by sociability and non-formal education, carried out in line with the transfer of knowledge, where we end by giving visibility to the reality of lacemakers in the little beach of Aquiraz-Ce and his craft.

**Keywords:** Work; Educational process; devaluation; exploitation; artisans; transformation.

## LISTA DE FIGURAS

|            |   |    |
|------------|---|----|
| Figura 1 – | Mapa da cidade de Aquiraz.....                            | 47 |
| Figura 2 – | Bilros.....   | 68 |
| Figura 3 – | A almofada onde é realizado o trabalho das rendeiras..... | 69 |
| Figura 4 - | Três pontos básicos para a confecção de uma blusa.....    | 70 |
| Figura 5 – | Vestido com detalhes de renda.....                        | 72 |
| Figura 6 – | vestido todo de renda.....                                | 72 |
| Figura 7 – | Molde de uma blusa exclusiva criada por Olenir.....       | 73 |
| Figura 8 – | Foto retirada na pesquisa de campo realizada em 2024..... | 81 |

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

|          |                                       |
|----------|---------------------------------------|
| HANDMADE | Trabalho artesanal feito manualmente. |
| CEART    | Central de Artesanato do Ceará.       |
| M-D-M    | Mercadoria, dinheiro, mercadoria.     |
| D-M-D    | Dinheiro, mercadoria, dinheiro        |

## SUMÁRIO

|              |  |            |
|--------------|--|------------|
| <b>1</b>     | <b>INTRODUÇÃO.....</b>   | <b>13</b>  |
| <b>2</b>     | <b>A RELAÇÃO INTRÍNSECA ENTRE TRABALHO E EDUCAÇÃO..</b>  | <b>23</b>  |
| <b>2.1</b>   | <b>O trabalho enquanto precursor do ser social.....</b>  | <b>23</b>  |
| <b>2.2</b>   | <b>A linguagem e a sua origem a partir do trabalho.....</b>  | <b>28</b>  |
| <b>2.3</b>   | <b>A educação enquanto construção social mediada pelas relações de trabalho.....</b>   | <b>38</b>  |
| <b>3</b>     | <b>O ARTESANATO DA RENDA DE BILRO: HISTÓRIA, MEMÓRIA E SUJEITOS APROXIMAÇÃO DAS CATEGORIAS DE COMPREENSÃO DO OFÍCIO.....</b>           | <b>46</b>  |
| <b>3.1</b>   | <b>História, imagens e sujeitos.....</b>   | <b>46</b>  |
| <b>3.2</b>   | <b>O artesanato da renda de bilro e a força de trabalho feminina.....</b>  | <b>50</b>  |
| <b>4</b>     | <b>AS RENDEIRAS E AS ANÁLISES TECIDAS ATRAVÉS DA PESQUISA DE CAMPO.....</b>  | <b>60</b>  |
| <b>4.1</b>   | <b>O processo de ensino e apreensão na cultura da renda de bilro na prainha de Aquiraz: de mulheres rendeiras a “professoras”.....</b> | <b>61</b>  |
| <b>4.1.1</b> | <b><i>Educadora do ofício.....</i></b>   | <b>65</b>  |
| <b>4.1.2</b> | <b><i>História de Olenir.....</i></b>  | <b>65</b>  |
| <b>4.2</b>   | <b>O processo de exploração do trabalho das rendeiras e o dilema da tradição: permanência e mudança.....</b>                           | <b>74</b>  |
| <b>5</b>     | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>   | <b>88</b>  |
|              | <b>REFERÊNCIAS.....</b>  | <b>91</b>  |
|              | <b>APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS.....</b>  | <b>100</b> |
|              | <b>APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>  | <b>103</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho debruça-se sobre a cultura da renda de bilro e toma por objetivo abordar as dimensões do processo educativo na produção do artesanato da renda de bilro, como objeto de transformação do cenário de exploração e desvalorização do trabalho artesanal das mulheres que produzem essa renda de bilro, delimitado à realidade das rendeiras da Prainha de Aquiraz-Ce.

O interesse em tratar a temática da cultura da renda de bilro na cidade de Aquiraz-Ceará, iniciou-se na graduação de bacharelado em Serviço Social, analisando as dimensões de exploração e desvalorização desse trabalho artesanal, com foco nas questões advindas do sistema capitalista contemporâneo e por se tratar de algo do cotidiano de muitas mulheres da realidade social na qual eu estou inserida, referente à família e ao ciclo social que produzem este tipo de renda.

Analisando esse cenário, buscamos ir além, – ao passar na seleção de Mestrado em Educação na UFC, durante as disciplinas de Educação Brasileira e Trabalho e Educação I, ao resolvermos começar a dissertação, com enfoque em analisar as dimensões do processo educativo, mediante a produção desse trabalho, mostrando não somente a articulação entre trabalho e educação, mas também as transformações que se objetivam na realidade local das artesãs, mediante a realização do fazer artesanal.

Sabemos que, na contemporaneidade, há uma grande valorização da renda, motivada principalmente pelos interesses turísticos e pela nova tendência da chamada “cultura do *handmade*”<sup>1</sup> ou seja, peças feitas à mão, com abundante riqueza de detalhes e beleza, impossíveis de serem produzidas industrialmente. Entretanto, pouco se registra sobre a prática e construção desse trabalho, os processos que os permeiam, a não rentabilidade e exploração<sup>2</sup> do trabalho para quem as produz, as transformações que geram na vida das artesãs e os desdobramentos pelos quais esse ofício vem passando ao persistir e resistir em meio ao sistema capitalista.

A renda de bilro é um trabalho majoritariamente feminino, que vem sendo passado de geração a geração. A singularidade de cada peça reside na sua unicidade, pois pode sair

---

<sup>1</sup> *Handmade* - Peças feitas à mão que possuem valor único com riqueza de detalhes e que muitas vezes, as máquinas não conseguem fazer e nem chegam perto da beleza das mesmas, pois estas vêm carregadas de histórias. Disponível em: <https://www.printi.com.br/blog/handmade-nova-tendencia-do-design>; acesso em data: 22/08/2023, 15hrs.

<sup>2</sup> Para Hirata (2016) a desvalorização do trabalho feminino e os baixos salários que recebem as mulheres, é uma forma de desincentivo à sua incorporação à força de trabalho.

semelhante, mas nunca igual. Resultado da teleologia de quem a produziu, portanto, saturada de história, constitui-se literalmente a exteriorização de sentimentos, sensações, aspirações, um verdadeiro *fazer vivência*<sup>3</sup> do cotidiano dessas mulheres.

Assim, ao analisarmos o processo de produção e reprodução do trabalho das referidas artesãs, percebemos que existem processos educativos, mediado pelo trabalho e nas relações nele existentes, fazendo com que haja a permanência e a perpetuação desse ofício mediante o sistema capitalista contemporâneo. Observamos, que esse *processo educativo* é realizado através de um percurso, conectando sempre a escuta com a prática.

Segundo Bosi (1987), “a cultura se faz dimensão de ações educativas por ser um processo que resulta de uma atividade essencialmente humana – o trabalho. A cultura é pensada a partir da ideia de ação de trabalho empreendido para a reprodução da vida humana, em sua dimensão material e simbólica.” (Bosi apud Brito, 2016, p. 104)

A nossa perspectiva de análise sobre o sentido das práticas de cultura popular tradicionais como experiências educativas, parte da compreensão de que a cultura como ação e trabalho, é, em si, mediação em que circulam saberes, em suas distintas formas de expressão. (Brito, 2016, p. 104)

No ofício da renda de bilro essa prática de repasse do saber tradicional, é expresso e reproduzido por meio da oralidade. Segundo a autora Brito (2016) “A cultura popular, em sua evocação aos saberes de tradições mediadas pela memória herdada e pela oralidade, reproduz-se em um tempo próprio e objetiva-se em condições que permitam o intercâmbio de experiências, constituindo assim uma comunidade de narradores e ouvintes.

A atividade educativa existente no repasse desse saber tradicional, é uma atividade em seu *sentido amplo de formação e humanização do homem*, que se espraia em diferentes formas sociais e culturais. [...] As práticas de cultura popular são atividades que exigem trabalho educativo, pois pressupõem um processo de aprendizagem. (Brito, 2016, p. 105;110)

Entende-se que através da realização da produção de cada peça realizada pelas rendeiras do Centro das Rendeiras da Prainha Luiza Távora, existe também processos educativos mediados pelas relações de trabalho. Em decorrência disto, justificamos a necessidade desta pesquisa, uma vez que a mesma partirá da compreensão do cenário onde se objetiva o trabalho enquanto uma categoria fundante do ser humano, para a análise de uma categoria que surge, subsequentemente em decorrência dessas relações de trabalho, a educação.

Essa forma de artesanato resistiu ao tempo e expressa uma parte significativa da

---

<sup>3</sup> Expressão criada por mim com o significado de fazer algo inspirado no seu cotidiano, movido a paixões e experiências advindas do mesmo.



cultura do Ceará. Daí a relevância de estudar tal temática e entender a problemática a qual nos propomos a estudar, pois para haver a perpetuação dessa profissão, uma vez que a produção artesanal aqui tratada se realiza por meio do saber da tradição e sua dinâmica de perpetuação de uma geração a outra, é preciso antes de tudo valorizar esse ofício, e compreender que no mesmo existe um saber carregado de práticas da vida daquelas artesãs que o produz, é compreender que as mesmas se reinventam a cada dia, através de suas peças, usando a criatividade e acompanhando as atualidades do mercado consumidor, é perceber que a mercadoria por elas produzida é acrescida da impossibilidade de mensurar o valor do produto uma vez que não se adequa à mensuração do trabalho industrial cujo valor se mede pelo tempo médio de trabalho socialmente necessário à produção da mercadoria. Desse modo, ao alternar o tempo despendido pela artesã na produção do seu artesanato com o tempo de trabalho despendido em seus afazeres domésticos, o valor do produto artesanal é normalmente arbitrado pela artesã em negociação com os compradores, ficando, pois, ao arbítrio da negociação que envolve também a relação entre oferta e demanda, qualidade do produto, e, sobretudo, da demanda do mercado do turismo, destino do produto artesanal no contexto contemporâneo do desenvolvimento econômico e social.

Ao longo dessa referida experiência acadêmica, algumas vivências moldaram o pensamento crítico que desenvolvemos para poder fomentar essa pesquisa. Desta forma, buscamos responder questões até então intrigantes sobre uma lógica mercantil de exploração e desvalorização do trabalho manual da renda de bilro, compreendendo que mediante esse cenário existem processos educativos, mediados pela produção e pelas relações sociais existentes no trabalho, e como estes processos transformam a realidade local das mesmas. Alguns dos questionamentos são: como as rendeiras tem apreendido esse ofício? Como elas tem repassado esse saber cultural? Como as rendeiras tem capitalizado a produção da renda em meio a um cenário de exploração e desvalorização da força de trabalho dessas artesãs? Como esse processo educativo tem transformado a realidade local das artesãs. Desse modo, definimos como objetivo geral analisar as dimensões do processo educativo na produção do artesanato da renda de bilro, como objeto de transformação do cenário de exploração e desvalorização do trabalho artesanal para as mulheres que produzem a renda de bilro, de modo delimitado à realidade das rendeiras da Prainha de Aquiraz-Ce. E como objetivos específicos: Identificar como se estabelece o ensino da prática da renda de bilro e o processo de apreensão da mesma; Investigar as condições de trabalho e como as rendeiras tem capitalizado a produção da renda em meio a um cenário de exploração e desvalorização da força de trabalho dessas artesãs, presente na comercialização dos seus produtos. Examinar, assim, como esse processo educativo no repasse do saber, do

trabalho artesanal, tem transformado a realidade local das artesãs.

Tudo isso para saber o processo educativo na cultura da renda de bilro, como ele se efetiva, como é apreendido e o porquê de a renda de bilro ser um artesanato tão conceituado no mercado capitalista e as artesãs não terem o retorno monetário da valorização de seu trabalho, pois, este se confunde com as variáveis presentes na estipulação dos preços, e, portanto, à margem do trabalho e dos meios de trabalho empregados na produção do produto. Os comerciantes ou atravessadores são os mediadores entre as artesãs produtoras e o mercado para seus produtos. É importante salientar que não nos referimos à desvalorização da peça do artesanato de bilro produzida, mas sim da força de trabalho empregada, o trabalho das mulheres que as produzem.

Na busca de respostas para tais questões, torna-se imperativo compreender como o sistema do capital, ao apropriar-se do trabalho, apropria-se também do espaço, da cidade; e como o artesanato, mesmo tendo em si um sentido mais amplo como preservação da cultura, torna-se mercadoria sob a égide do capital.

A escolha do Centro das Rendeiras da Prainha Luiza Távora, deveu-se ao fato de se constituir num espaço dinâmico, que concentra grande variedade de rendeiras e produtos artesanais comercializáveis, mostrando-se num rico espaço com seus aspectos sociais, econômicos e culturais. Somado a isso, o Centro das Rendeiras funciona próximo ao município onde residimos, de modo que cada vez que passávamos pelo local o trabalho das artesãs desafiava nossa curiosidade investigativa.

Neste estudo com as rendeiras, dada a pesquisa ser realizada no espaço eludido acima e ser esta a categoria que a nosso ver melhor traduz a dinâmica das relações de trabalho. Compreendemos que a análise das condições socioeconômicas e a compreensão da realidade das rendeiras proporcionará uma visão mais crítica sobre esse tipo de trabalho e a ampliação de pesquisas sobre o tema. Este estudo possibilitará observar a realidade em que estas artesãs estão inseridas, podemos analisar os sentidos positivos e negativos do trabalho, dando base as consequências advindas da relação capital e trabalho. Portanto, a observação dessa realidade nos revelará as reais condições de trabalho e de vida a que estão submetidas as rendeiras da prainha de Aquiraz.

Observamos, por fim, que a pesquisa realizada, não obstante sua singela contribuição diante da complexidade e dinamicidade da totalidade social, constitui-se significativa para a ampliação da discussão dessa temática, a qual precisa ser posta em debate, para reforçar a importância dessa tradição e os saberes nela contidos, para que assim, se encontrem alternativas para a continuidade e perpetuação desse ofício, posteriormente, planejar

e implementar políticas públicas com o intuito de dar maior visibilidade para essa cultura.

O método que fundamenta este estudo é o materialismo histórico-dialético, visto que este permite apreender a realidade a partir das suas múltiplas e contraditórias relações, num complexo movimento que articula universalidade, particularidade e singularidade. Na definição de Marx (1968, p. 16):

Meu método dialético, por seu fundamento, difere do método hegeliano, sendo a ele inteiramente oposto. Para Hegel, o processo do pensamento [...] é o criador do real, e o real é apenas sua manifestação externa. Para mim, ao contrário, o ideal não é mais do que o material transposto para a cabeça do ser humano e por ela interpretado.

Segundo Netto (2009, p. 6-7) que o método de Marx não resulta de “[...] descobertas abruptas ou de intuições geniais – ao contrário, resulta de uma demorada investigação: de fato, é só depois de quase quinze anos das suas pesquisas iniciais que Marx formula com precisão os elementos centrais do seu método, [...]”.

Esclarece o autor que para Marx, o objeto da pesquisa tem existência objetiva, isto é, prescinde do sujeito para existir, significa dizer que a relação sujeito/objeto no processo do conhecimento teórico não é uma relação de externalidade, mas antes uma relação em que o sujeito está implicado no objeto, uma vez que pesquisador e objeto pertencem à mesma espécie. Nesse preciso sentido, o conhecimento que daí resulta, exclui qualquer possibilidade de “neutralidade”, o que não quer dizer que inexista “[...] objetividade do conhecimento teórico: a teoria tem uma instância de verificação da sua verdade, instância que é a prática social e histórica”(Netto, 2009, p. 9).

Isto posto, o papel do pesquisador é partir do aspecto fenomênico para apreender a essência, a estrutura e a dinâmica do objeto. Nos termos de Netto (2009, p. 8):

[...] o método de pesquisa que propicia o conhecimento teórico, partindo da aparência, visa alcançar a essência do objeto. Alcançando a essência do objeto, isto é: capturando a sua estrutura e dinâmica, por meio de procedimentos analíticos e operando a sua síntese, o pesquisador a reproduz no plano do pensamento; mediante a pesquisa, viabilizada pelo método, o pesquisador reproduz, no plano ideal, a essência do objeto que investigou.

Vale elucidar com o mesmo que esta reprodução não é um reflexo mecânico, em que o pensamento espelha a realidade tal como um espelho reflete a imagem a sua frente, pois se assim se configurasse o pesquisador teria um papel meramente passivo:

Para Marx, ao contrário, o papel do sujeito é essencialmente ativo: precisamente para apreender não a aparência ou a forma dada do objeto, mas a sua essência, a sua

estrutura e a sua dinâmica (mais exatamente: para apreendê-lo como um processo), o sujeito deve ser capaz de mobilizar um máximo de conhecimentos, criticá-los, revisá-los e deve ser dotado de criatividade e imaginação. O papel do sujeito é fundamental no processo de pesquisa. Marx, aliás, caracteriza de modo breve e conciso tal processo: na investigação, o sujeito ‘tem de apoderar-se da matéria, em seus pormenores, de analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e de perquirir a conexão que há entre elas’(Marx, 1968, p. 16 *apud* Netto, p. 9-10).

Inspirado nesse referencial teórico, o **percurso metodológico** desta investigação delinea-se nos seguintes termos: a pesquisa constitui-se de caráter qualitativo, pois ao longo de seu percurso buscou responder a questões mais amplas, postas pela dinâmica social e suas manifestações na realidade. Como bem aponta Minayo (2007, p. 21-22):

[...] a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A investigação efetivou-se a partir da pesquisa bibliográfica e de campo. Realizamos inicialmente um levantamento da produção recente sobre o tema; em seguida, já de posse das principais referências, passamos à contextualização do nosso objeto de estudo a partir da leitura atenta da literatura especializada, a saber: Karl Marx (1997;2004;2013), Karl Marx e Friedrich Engels (1979;1989), Gyorgy Lukács (1979; 2018b; 2018), Lima (2009), István Mészáros (2002), Ricardo Antunes (1999, 2005, 2009), Sérgio Lessa (2012; 2015), e entre outros, referenciados ao longo da dissertação.

A observação direta do objeto em questão, através da pesquisa de campo, nos permitiu articular a teoria com o dado empírico, de modo a compreender tanto o processo educativo existente na produção do artesanato da renda de bilro e as condições e relações de trabalho, quanto o significado das falas, dos comportamentos e das representações presentes nas narrativas das rendeiras entrevistadas.

O *lócus* desta pesquisa, conforme já informamos anteriormente, foi o Centro das Rendeiras da Prainha Luiza Távora, em Aquiraz- CE, visto ser um local de grande relevância para o município e representatividade cultural daquele povo, faz-se necessário o estudo em questão. O Centro das Rendeiras, funciona todos os dias (segunda- domingo) de nove horas da manhã as dezessete horas da tarde.

A pesquisa de campo utilizou como técnicas, a observação participante e a entrevista semiestruturada e como instrumento, o diário de campo. Para melhor determos as informações, lançamos mão da máquina fotográfica, com autorização dos sujeitos investigados

através do termo de permissão e consentimento.

A utilização do diário de campo foi essencial para o registro das informações, fatos e fenômenos observados durante a pesquisa empírica. Essa técnica de anotações diárias proporciona ao pesquisador analisar e interpretar as impressões e fenômenos observados no campo de investigação.

Os diários de campo, entretanto, não servem apenas como um instrumento de 'passara limpo' todas as situações, fatos e acontecimentos vividos durante o tempo transcorrido de um dia compartilhado no interior de uma família moradora de uma vila popular, com quem passou um tempo para pesquisar o tema da violência urbana. Ele é o espaço fundamental para o (a) antropólogo (a) arranjar o encadeamento de suas ações futuras em campo, desde uma avaliação das incorreções e imperfeições ocorridas no seu dia de trabalho de campo, dúvidas conceituais e de procedimento ético. Um espaço para o (a) etnógrafo (a) avaliar sua própria conduta em campo, seus deslizes e acertos junto às pessoas e/ou grupos pesquisados, numa constante vigilância epistemológica (Rocha; Eckert, 2008, p. 23).

A escolha do uso da entrevista semiestruturada como técnica de coleta de dados deu-se pelo fato de mesma combinar perguntas abertas e fechadas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada.

O uso da entrevista proporcionou maior aproximação com os sujeitos da pesquisa, em que através das perguntas traçamos o perfil socioeconômico visando saber quem são as rendeiras que trabalham no Centro das Rendeiras da prainha Luiza Távora e apreender os aspectos de sua realidade cotidiana.

Para Minayo (2007, p. 65), a entrevista é uma técnica privilegiada de comunicação e interação com os sujeitos entrevistados,

[...]referem-se a informações diretamente construídas no diálogo com o indivíduo entrevistado e tratam da reflexão do próprio sujeito sobre a realidade que vivencia. Os cientistas sociais costumam denominar esses últimos dados "subjetivos", pois só podem ser conseguidos com a contribuição da pessoa. Constituem uma representação da realidade: ideias, crenças, maneira de pensar; opiniões, sentimentos, maneiras de sentir; maneiras de atuar; condutas; projeções para o futuro; razões conscientes ou inconscientes de determinadas atitudes e comportamentos.

Assim, como observa Minayo (2007), a entrevista semiestruturada possibilita ao pesquisador maior flexibilidade, já que permite fazer intervenções, de acordo com o seu desenvolvimento, e trazer novos questionamentos para a pesquisa.

A observação participante é essencial para aproximação e interação com o objeto de estudo, bem como para a obtenção de dados bastante úteis à pesquisa. Conforme assevera a referida autora:

[...] a observação participante é um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador, no caso, fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa, na medida do possível, participando da vida social deles, no seu cenário cultural, mas com a finalidade de colher dados e compreender o contexto da pesquisa (Minayo, 2007, p. 70).

No processo da observação participante o pesquisador deve ser fiel à realidade dos fenômenos, não ir munido com teorias e naturalizações que não abrangem o contexto real dos sujeitos. Como afirma Bezerra (2010, p. 14), “A observação participante implica saber ouvir, escutar, ver, fazer uso de todos os sentidos. É preciso ponderar sobre o momento certo para perguntas e por vezes esperar mais do que o imaginado”.

E a utilização da máquina fotográfica também é importante como mais um instrumento de apreensão da dinâmica da realidade e suas relações na totalidade, pois como assevera Ferrara (1999, p. 268) “[...] a fotografia mostra uma dimensão invisível da informação que é possível extrair do cotidiano, exatamente porque essa informação não está na realidade ambiental, mas é elaborada a partir dos impactos que aquela realidade cria diariamente”.

Em toda pesquisa é essencial que os sujeitos pesquisados assinem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando sua participação no processo e permitindo a coleta dos dados. Desse modo, também são esclarecidos sobre o processo da pesquisa, seus objetivos e sua relevância, que nos dizeres de Barroso (2009, p. 133):

A validade do consentimento não reside em sua expressão formal – a assinatura de um documento. [...] os valores se objetivam de forma determinada: para realizar a liberdade de acordo com os pressupostos do Código de Ética é preciso objetivá-la de forma democrática, não autoritária, respeitando o outro, tendo a capacidade de transmitir todas as informações de forma acessível, buscando garantir que não haja nenhum tipo de coação e respeitando as decisões do participante em todas as fases da pesquisa.

Na compreensão da referida autora durante todo o processo da pesquisa social é necessário o compromisso ético-político, em que é garantido o sigilo e a preservação das informações obtidas; o respeito à liberdade dos sujeitos quanto as suas decisões de aceitar, recusar ou interromper sua participação na pesquisa; a participação democrática, com respeito à linguagem, opinião e diferenças culturais dos entrevistados.

A entrevista foi realizada, a priori, com 07 rendeiras do Centro das Rendeiras da Prainha Luiza Távora. Segundo Martinelli (1999, p. 23) a pesquisa qualitativa “não se trata, portanto, de uma pesquisa com grande número de sujeitos, pois é preciso aprofundar o

conhecimento em relação àquele sujeito com o qual estamos dialogando”.

A análise dos dados embasou-se na proposta de Minayo (2007, p. 78) a partir das seguintes etapas: ordenação dos dados, que consistiu na organização de todos os dados coletados no trabalho de campo, na transcrição da entrevista e na releitura das produções teóricas; classificação dos dados, que foi a fase da leitura exaustiva dos textos, da construção e articulação das categorias apresentadas na pesquisa; análise final, momento de resposta aos questionamentos da pesquisa de acordo com seus objetivos e articulação entre a teoria e a prática.

A Dissertação em tela estrutura-se em três partes. A primeira parte iniciamos com o levantamento da problemática central de nossa pesquisa acerca do processo educativo no trabalho artesanal da renda de bilro, como base; em seguida objetivamos uma discussão ancorada na ontologia do ser social de Lukács, voltando aos escritos que tratam da relação ontológica entre a categoria fundante do ser social (o trabalho) colocados inicialmente por Marx na obra de *O capital* e por Lukács como a categoria de partida para a investigação dos fenômenos sociais subsequentes e os complexos fundado por ele adequado a análise da linguagem e educação. Entendendo o trabalho enquanto categoria fundante do ser social, tomando por base os estudos de Marx (1997; 2004; 2013).

A partir dessa categoria, em Lukács (1979; 2018b; 2018), estudaremos sobre os complexos linguagem e educação, que surgem mediante as necessidades existentes do ser social no desenvolvimento de suas habilidades, na realização do trabalho, e em suas necessidades de (re) produção social. É, a partir desses autores basilares, e de seus interpretes que norteamos a pesquisa.

A segunda parte cumpre um papel introdutório de apresentação geral da pesquisa; abordando a discussão sobre o artesanato e a historicidade da renda de bilro, bem como o seu desenrolar como ofício no Nordeste e, mais precisamente, no Ceará, para dar ênfase ao território em análise que é Aquiraz-Ce, com ênfase na relação do mesmo com a força de trabalho feminina. Para abranger os aspectos históricos do ofício, tomamos por base a definição de Eduardo Barroso Netto (2015), sobre o artesanato os estudos de Luiza Ramos e Arthur Ramos (1948), Armelle Enders (2012), e Valdenice Carneiro Girão (2013). Para refletir sobre o trabalho feminino e o mercado de trabalho, lançamos mão das análises de Lina Bo Bardi (1994); Eunice Ribeiro Durham (1983); Paulo Freire (1999); Helena Hirata (2016), Eric J. Hobsbawm (1984) e Maria Lúcia Martinelli (2001). Analisamos também duas páginas eletrônicas voltadas à

temática, a saber: *Continuidade da Tradição* (2020)<sup>4</sup>, publicação do jornal Diário do Nordeste, que de forma sucinta descreve pontos cruciais sobre esse fazer profissional; e *Projeto Objeto Brasil – 500 anos de Design: A forma e a função dos objetos contam a História do Brasil* (2001) que é uma página livre.

A terceira parte apresenta os dados da empiria. Assim, com objetivo de conhecer sobre o cotidiano do ofício da renda de bilro, adentramos na discussão sobre o processo educativo mediado pela sociabilidade e a educação não formal, realizada em consonância com o repasse do saber. Apresentando os dados colhidos na pesquisa de campo, em conversa com as rendeiras. Analisando, a realidade socioeconômica traçamos o perfil das rendeiras entrevistadas; relatando suas experiências, as estratégias utilizadas no repasse do saber, e os sentidos atribuídos ao trabalho frente às transformações impostas pelo capital. Para a análise, nos apoiamos nas reflexões de Karl Marx (1983; 2013), Lúcia Helena de Brito (2015;2016), Sabrina Albuquerque de Araújo Costa (2014), Leo Huberman (1981), entre outros autores. Por fim, apresentamos nossas considerações finais.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opinioao/editoriais/continuidade-da-tradicao-1.2965759> Acesso em: 20/04/2024



## 2 A RELAÇÃO INTRÍNSECA ENTRE TRABALHO E EDUCAÇÃO

Nesta parte, iniciamos o levantamento da problemática central de nossa pesquisa acerca do processo educativo no trabalho artesanal da renda de bilro, como base; em seguida objetivamos uma discussão ancorada na ontologia do ser social de Lukács, voltando aos escritos que tratam da relação ontológica entre a categoria fundante do ser social (o trabalho) colocados inicialmente por Marx na obra de *O capital* e por Lukács como a categoria de partida para a investigação dos fenômenos sociais subsequentes e os complexos fundado por ele adequado a análise da linguagem e educação.

Para iniciar uma investigação acerca da educação na produção de um trabalho artesanal, torna-se indispensável referir o trabalho como gênese do ser social, para situar nossa justificativa de dada categoria. Compreendemos que se encontram em Marx os fundamentos do trabalho enquanto categoria que possibilitou o salto ontológico; fundante do ser social, sendo este o nosso pontapé inicial da pesquisa para perceber que existe um processo educativo na realização do trabalho.

### 2.1 O trabalho enquanto precursor do ser social

Conforme Kuerzen (1991, p.16), o ponto de partida para a produção do conhecimento, portanto, são os homens em sua atividade prática, ou seja, em seu trabalho, compreendido como todas as formas de atividade humana através das quais o homem aprende, compreende e transforma as circunstâncias ao mesmo tempo que é transformado por elas.

Segundo a obra *Para Compreender a Ontologia de Lukács* do autor Sérgio Lessa, ano 2015, as três esferas ontológicas (inorgânica, biológica e social) são essencialmente distintas e articuladas entre si. “Isso significa, entre outras coisas, que o estudo de cada uma delas deve revelar tanto os momentos de *distinção ontológica* como, também, os de articulação ontológica que permeiam as três esferas do ser.” (p. 21)

Conforme Lessa (2015) a esfera inorgânica leva ao surgimento da biológica, que, conseqüentemente, leva a existência do ser social por meio do que o filósofo Lukács chamou de ‘salto ontológico’. O novo ser, dá-se não através de uma linha de continuidade com a esfera anterior, mas através do salto, como dito anteriormente, inaugurando sua nova forma. O trabalho origina a existência desse novo ser diferenciando-o da esfera biológica.

Como explica Lukács (1979, p. 17-18), “todo salto ontológico implica uma mudança qualitativa e estrutural do ser, na qual a fase inicial contém certamente em si

determinadas premissas e possibilidades das fases sucessivas e superiores, mas estas não podem se desenvolver daquelas a partir de uma simples e retilínea continuidade.” Ou seja, a essência do salto é constituída por essa ruptura com a continuidade normal do desenvolvimento.

Nessa perspectiva temos o que Lukács (1979), no rastro da concepção marxiana nomeou de salto ontológico, compreendido como um momento que coloca o homem não mais como pertencente somente à esfera natural, mas sim um ser capaz de idealizar um objeto e materializá-lo através da sua consciência, um ser social. Nesse processo, o homem modifica a natureza e a si mesmo, distinguindo-se do agir animal, instintivo.

Percebemos, assim, que o ser se distingue entre as esferas ontológicas; inorgânica, biológica e o ser social, ou seja, isto confirma que uma esfera inexistente sem a outra; sendo distintas, porém, conectadas entre si.

Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião ou por tudo que se queira. Mas eles próprios começam a se diferenciar dos animais tão logo começam a produzir seus meios de vida, passo este que é condicionado por sua organização corporal. Produzindo seus meios de vida, os homens produzem, indiretamente, sua própria vida material. (Marx; Engels, 1977, p. 27)

O trabalho constituído como uma relação estabelecida entre homem e natureza, consiste no pressuposto fundamental da teoria marxiana, pois os homens, para fazerem história, precisam obter suas necessidades básicas de existência.

Para Marx (2013, p. 188) o trabalho configura-se como um processo entre o homem e a natureza,

[...] processos este em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como com uma potência natural. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza.

Na sua compreensão, o processo de trabalho se compõe de três elementos fundamentais, a saber: a força de trabalho aplicada numa atividade orientada a um fim, ou seja, a energia humana desprendida no sentido de transformar os objetos de trabalho em bens úteis à satisfação de necessidades; o objeto de trabalho, que é tudo aquilo sobre o que incide o trabalho humano; e os meios de trabalho, compreendidos como uma coisa ou um conjunto de coisas que o trabalhador interpõe entre si e o objeto de trabalho. A terra, por exemplo, é o objeto geral do trabalho humano, os objetos de trabalho são eminentemente naturais, mas ao sofrer intervenção

do trabalho, tornam-se matéria prima. Marx designou o conjunto desses elementos como forças produtivas.

As forças produtivas operam dentro de relações determinadas entre os homens e a natureza e entre os próprios homens. As mesmas, inferem-se em relações de caráter técnico e relações de caráter social, estreitamente vinculadas e que constituem as relações de produção.

O processo de trabalho para ser bem analisado precisa ser visto como algo que foi construído socialmente por um ser capaz de usar sua teleologia<sup>5</sup> para desenvolver o mesmo. Assim, para o referido autor, existe um intervalo de tempo que separa o estágio em que o trabalhador se apresenta no mercado como vendedor de sua própria força de trabalho, daquele em que o mesmo ainda não se desvencilhou de sua forma instintiva. E é neste intervalo que observamos o papel do trabalho enquanto fundante do ser social.

Analisando a obra *Ontologia do ser social* de Lukács (1979) observamos que o primeiro ato de trabalho está inserido em uma circunstância que gera uma pergunta: “o que fazer?”. Inicia-se a partir daí a necessidade da construção de uma resposta, um ato mediado pela consciência.

Segundo o autor, a teleologia “é um princípio de auto movimento autoposto”, ou seja, uma ideia ou um conjunto de ideias cuja função social é dirigir uma ação, com uma determinada finalidade, diante de uma necessidade gerada em uma determinada circunstância sócio histórica. “Assim, para Lukács, o “pôr [a teleologia] tem, aqui, portanto, um inexorável caráter ontológico” (Lukács, 2018b, p. 13-14).

Vale ressaltar que nem toda ideia, é uma teleologia. Apenas aquelas ideias cuja função social é dirigir o comportamento humano a realizar um fim previamente estabelecido é uma teleologia. A teleologia é, assim, a resposta subjetiva e socialmente dada pelos seres humanos a um determinado ‘o que fazer?’ social.

Para Lukács (2018b), o processo de objetivação de teleologia é a “essência” do trabalho, diz ele: “Podemos falar racionalmente de ser social apenas se compreendemos que sua gênese, seu afastar-se de sua base, o seu tornar-se-independente, baseia-se no trabalho, na contínua realização de posições teleológicas” (p. 17).

Partindo dessa análise os seres humanos transformam materiais naturais em produtos que atendem às suas necessidades. Além disso, o trabalho é uma atividade projetada, teleologicamente direcionada e conduzida a partir do fim proposto pelo sujeito, tomando por base os estudos de Lessa (2015, p. 28):

---

<sup>5</sup> Segundo Lessa (2015), a teleologia é a capacidade que o ser humano tem de projetar de forma ideal e prévia a finalidade de uma ação.

Os indivíduos, então, operam novas prévias-ideações tendo em vista as novas exigências e possibilidades que surgiram, e efetuam novas objetivações, dando origem a novos objetos que, por sua vez, desencadeiam novos nexos causais. Essa relação dialética entre teleologia (isto é, projetar de forma ideal e prévia a finalidade de uma ação) e causalidade (os nexos causais do mundo objetivo) corresponde à essência do trabalho, segundo Lukács. O que nos permite compreender com clareza que, no contexto da ontologia lukacsiana, a teleologia, longe de ser um epifenômeno da processualidade social, se constitui em 'categoria ontologicamente objetiva' pertencente à essência do mundo dos homens.

Assim como as outras espécies de animais, os seres humanos buscam atender suas necessidades. Explica o filósofo húngaro G. Lukács (1979) que o que diferencia as atividades realizadas pelo ser biológico das realizadas pelo ser social é a forma de agir sobre a natureza: enquanto os animais agem por instinto sobre a mesma, uma herança determinada geneticamente; o ser social age conscientemente, ou seja, através da prévia-idealização planeja a ação antes de realizá-la na prática. Netto e Braz (2007) esclarecem essa questão através do exemplo do João-de-barro, que já nasceu 'programado' para construir a sua casa. Assim como exemplifica Marx (2013, p. 188):

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e uma abelha envergonha muitos arquitetos com a estrutura de sua colmeia. Porém, o que desde o início distingue o pior arquiteto da melhor abelha é o fato de que o primeiro tem a colmeia em sua mente antes de construí-la com a cera. No final do processo de trabalho, chega-se a um resultado que já estava presente na representação do trabalhador no início do processo, portanto, um resultado que já existia idealmente. Isso não significa que ele se limite a uma alteração da forma do elemento natural; ele realiza neste último, ao mesmo tempo, seu objetivo, que ele sabe que determina, como lei, o tipo e o modo de sua atividade e ao qual ele tem de subordinar sua vontade.

Nesse sentido, os animais atuam diretamente sobre a matéria natural. Só que esse modo de agir diretamente sobre a natureza foi rompido pelo ser social, em decorrência de um salto ontológico, como Lukács (1979) assevera, como uma quebra necessária para a evolução do ser, surgindo assim um novo modelo criado pelos homens, seres racionais. O qual, segundo Netto e Braz (2007, p. 30-31) segue três linhas de raciocínio:

[...] o trabalho não se opera com uma atuação imediata sobre a matéria natural [...], ele exige instrumentos, que no seu desenvolvimento, vão cada vez mais se interpondo entre aqueles que o executam e a matéria; em segundo lugar, porque o trabalho não se realiza cumprindo determinações genéticas; bem ao contrário, passa a exigir habilidades e conhecimentos que se adquirem inicialmente por repetição e experimentação e que se transmite mediante aprendizado; em terceiro lugar, porque o trabalho não atende a um elenco limitado e praticamente invariável de necessidades.

Foi, pois, nesse processo histórico de transformação da natureza para responder às necessidades humanas que ocorreu o salto do ser biológico para o ser social. Na formulação de

sua obra sobre a ontologia o autor G. Lukács inicia a sistematização de seu texto com elaborações que originam o seu estudo, partindo da análise do conceito de trabalho em Marx. Inicialmente, expondo esta categoria como fundante do ser social, seguida pela análise que o referido autor efetua mediante observações que apontam para a efetivação da justificativa de que o trabalho de fato tem seu papel importante e formador na construção do gênero humano.

[...]. No trabalho estão contidas todas as determinações que, como veremos, constituem a essência do novo ser social. O trabalho pode ser considerado, portanto, como o fenômeno originário, como modelo do ser social; o esclarecer dessas determinações já fornecem um quadro tão claro sobre seus traços essenciais, que parece metodologicamente vantajoso começar por sua análise. (Lukács, 2018, p. 10)

Analisando sobre a obra de Engels, o mesmo, descreve em um parágrafo de seu texto manuscrito o que caracteriza a diferença pelo qual separa homens e animais, conforme apresentado:

[...], só o que podem fazer os animais é utilizar a natureza e modifica-la pelo mero fato de sua presença nela. O homem, ao contrário, modifica a natureza e a obriga a servi-lhe, domina-a. E aí está, em última análise, a diferença essencial entre o homem e os demais animais, diferença que, mais uma vez, resulta do trabalho. (Engels, 1999, p. 22)

Portanto, segundo o pensador Lukács (2018) a essência do trabalho é uma articulação entre teleologia e causalidade, onde analisamos que a primeira se faz presente apenas no ser social, o ser capaz de prévia-idealização, pois é no contexto do trabalho que a teleologia acontece.

Enquanto, a causalidade é estabelecida por um auto movimento, entre a realidade dada e que a mesma volta para si mesma, mantendo sua característica inicial; a teleologia é uma categoria posta, de modo que todo seu processo demanda uma finalidade.

[...], a causalidade é um princípio de auto movimento autoposto que preserva este seu caráter mesmo quando uma série causal tem seu ponto de partida em um ato de consciência; a teleologia, por sua essência, é uma categoria posta: todo processo teleológico implica em uma posição de finalidade e com isso uma consciência que põe fim. Pôr não significa, por isso, nessa conexão, nenhuma elevar-à-consciência, como com outras categorias, sobretudo com a causalidade; ao contrário, a consciência inicia, com o ato de pôr um processo real, justamente o teleológico. (Lukács, 2018, p. 13-14)

Mediante isso, a consciência é quem estabelece o processo de realização no trabalho, até a finalidade. A teleologia é a antecipação de uma determinada ação antes de sua prática, ou seja, é a etapa onde se planeja o que será feito e como será realizado, bem como

quais as possibilidades para sua fabricação, se é viável ou não.

É através dessa articulação entre teleologia e causalidade que o homem produz objetivações necessárias para a produção de si mesmo por meio do resultado objetivo de sua produção material. Analisar a centralidade ontológica de tal categoria (trabalho), permite uma percepção da relação constituída entre subjetividade e objetividade: “[...] trabalho é um ato de pôr consciente e, portanto, pressupõe um conhecimento concreto, ainda que jamais perfeito, de determinadas finalidades e determinados meios [...], o trabalho chama à vida produtos sociais de ordem mais elevada” (Lukàcs, 1979, p. 9)

Nesse sentido, o trabalho é uma atividade exercida exclusivamente pelo ser humano, pois como bem pontua Lessa (2015), somente o ser social é capaz de agir teleologicamente, propor finalidades e anteciparem as metas, pois dispõem da capacidade de projetar. O ser humano cria produtos e artefatos, representações e símbolos que ganham objetividade na medida em que concretizam projetos, e assim têm uma existência que transcende a existência singular do seu criador ou criadores.

Analisamos e concluímos que toda objetivação evidencia uma transformação da realidade, pois a mesma surge para responder a necessidades humanas efetivas e são estas que impulsionam a transformação dessa realidade, dando espaço ao surgimento de novas necessidades, que tem como necessárias novas habilidades, que impulsionam a constantes novos ciclos, em situações cada vez mais complexas.

Neste sentido, foi importante iniciar pela categoria fundante do ser social (o trabalho), para que conexões entre o trabalho e a teleologia pudessem ser iluminadas para facilitar a exposição sobre a linguagem e o seu papel frente as relações sociais desenvolvidas pelo trabalho. É o que veremos a seguir.

## **2.2 A linguagem e a sua origem a partir do trabalho**

O trabalho é a fonte de toda a riqueza, afirmam os economistas. Assim é, com efeito, ao lado da natureza, encarregada de fornecer os materiais que ele converte em riqueza. O trabalho, porém, é muitíssimo mais do que isso. É a condição básica e fundamental de toda a vida humana. E em tal grau que até certo ponto podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem. (Engels, 1876, p. 4)

Segundo F. Engels (1876) em cada novo progresso, o domínio do homem sobre a natureza que teve início a partir do trabalho, ampliou os horizontes desse ser, levando-o a descobrir constantemente nos objetos novas propriedades, até então desconhecidas. Por outro lado, “o desenvolvimento do trabalho, ao multiplicar os casos de ajuda mútua e de atividade

conjunta, e ao mostrar assim as vantagens dessa atividade conjunta para cada indivíduo, tinha que contribuir forçosamente para agrupar ainda mais os membros da sociedade.” (p. 9-10)

Observando o que foi expresso no subtópico anterior e o que foi dito por F. Engels no parágrafo acima, notamos que tanto Marx, Lukács e Engels condicionam o trabalho enquanto fundante do ser social. Assim, nos escritos de Engels (1876) observamos que o trabalho ao transformar o homem, trouxe a ele novas necessidades também, dentre elas “a necessidade de dizer algo uns aos outros.” (p. 10)

[...] um olhar superficial ao ser social mostra a indissolúvel entrelaçabilidade de suas categorias decisivas *como trabalho, linguagem, cooperação e divisão do trabalho*, mostra novas relações da consciência com a realidade e, por isso, consigo própria etc. Nenhuma pode ser adequadamente apreendida em uma consideração isolada [...] (Lukács, 2018b, p. 7).

Na obra *Prolegômeros para a Ontologia do Ser Social* de Lukács (2018b), observamos que com “o surgimento da relação sujeito-objeto e em seu distanciamento real e necessariamente nela operante do objeto com o sujeito”, “cria imediatamente uma base indispensável” para um tal “distanciamento”. Desse “Fenômeno consequente do trabalho” surge uma base “provida com vida própria, para o ser social dos seres humanos”, essa base é “a linguagem” (p. 88).

Como veremos a seguir, em uma citação longa, Lukács realiza uma consideração sobre a *linguagem* realizada por Engels. Faz-se necessário uma observação mais detalhada dela:

Engels diz com razão que ela decorre de que os seres humanos tinham algo para dizer um ao outro. Da necessidade criou-se seu órgão. Contudo, o que significa dizer algo? Comunicações e de fato muitíssimo importantes, como as que se referem ao perigo, aos meios de alimentação, aos desejos sexuais etc. encontramos já nos animais superiores. O salto entre essas comunicações e aquelas dos seres humanos, como Engels aponta apropriadamente, repousa precisamente nessa distância. O ser humano fala sempre »sobre« algo determinado, que ele extrai de sua existência imediata em um duplo sentido: primeiro, na medida em que é posto como um objeto independentemente existente, segundo — e com isto possivelmente o distanciamento vem à luz ainda mais intensamente —, na medida em que de fato está empenhado em tornar nítido o respectivo objeto enquanto concreto; seus meios de expressão, suas designações são feitas de tal modo, contudo, que podem figurar com plena validade em conexões inteiramente outras. Com isto se separa, o representado, no signo linguístico, dos objetos a que se refere e, com isto, também do sujeito que o expressa; torna-se expressão intelectual para todo um grupo de fenômenos determinados que, em conexões inteiramente distintas, podem ser empregados em maneira similar por todos os outros sujeitos (Lukács, 2018b, p. 88).

É importante analisar que Lukács faz uma diferenciação entre os sentidos das palavras comunicar e dizer. Para ele, o ato de comunicar já existe entre os animais irracionais,

exemplificando a respeito das necessidades de alertar sobre o perigo, a alimentação e etc. Já o dizer se difere disso, como ele disse, os seres humanos falam de algo determinado, não apenas de situações genéricas. Com isso:

As formas de comunicação dos animais não conhecem qualquer distanciamento desse tipo; constituem um componente orgânico do processo de vida biológico e, mesmo quando possuem um conteúdo nítido, este está ligado assim a determinadas situações dos que dela participam; podemos sobretudo aqui falar de sujeitos e objetos apenas em um sentido muito figurado, facilmente mal-entendível, embora seja sempre um ser vivo concreto que se esforça por fazer uma comunicação acerca de um fenômeno concreto, embora estas comunicações costumem ser muitíssimo claras em sua incessante dependencialidade para com a situação. A posição simultânea de sujeito e objeto no trabalho e, igualmente dele brotando, na linguagem, distancia o sujeito do objeto e vice-versa, o objeto concreto de seu conceito etc. No sentido aqui indicado. Através disto torna-se pela primeira vez possível uma compreensão tendencialmente ampliável ilimitadamente dos objetos e seu domínio pelos seres humanos. Não é surpresa que o denominar dos objetos, o expressar de seu conceito, de seu nome por longo tempo foi considerado como um milagre mágico; ainda no Velho Testamento expressa-se o domínio do ser humanos sobre o animal, em que Adão lhes dá nomes, com o que ao mesmo tempo é nitidamente indicado o sair da linguagem para fora da natureza (Lukács, 2018b, p. 88-89).

Com isso, retoma Lukács, tomando por referência Engels (1876), dizendo que a linguagem é o “órgão” do ser social dos seres humanos, como pode ser lido na passagem abaixo. Vejamos:

Antes de tudo, tem-se de chamar a atenção a que Engels, com razão, compreendeu o surgimento da linguagem como um processo simultâneo ao do trabalho e a linguagem, como recordamos, deriva da consequência do trabalho de os seres humanos terem algo a dizer um ao outro. Este novo conteúdo e a nova forma a ele correspondente, o novo médium da comunicação, corresponde precisamente àquele novo complexo do comportamento humano para com a realidade, seu novo tipo de reação que nós, anteriormente, assim caracterizamos, que o ser humano é um ser que responde. Nessa conexão igualmente indicamos que a resposta pressupõe sempre uma pergunta, é impossível, contudo, que esta seja imediatamente dada na ontologicidade originária, suas bases constituem determinados efeitos sobre os seres humanos de parte de sua realidade circundante (natureza e sociedade), estes ainda têm de ser submetidos a uma transformação ideal para se tornar, ante os seres humanos, uma pergunta a ser respondida, para desencadear neles posições teleológicas (Lukács, 2018b, p. 339).

Esse processo que ocorre, em consequência das demandas do trabalho no momento ideal, produz uma relação de distanciamento entre sujeito e objeto e “torna-se pela primeira vez possível uma compreensão tendencialmente ampliável ilimitadamente dos objetos e seu domínio pelos seres humanos” (Lukács, 2018b, p. 88). É nessa conexão – observada na citação e complementada no início desse parágrafo – que a linguagem opera, como “novo médium da comunicação”. Pode-se indicar que ela “corresponde àquele novo complexo de comportamento” que surge com o ser social; que ela expressa o “desencadear” das posições



teleológicas (Lukács, 2018b, p. 339).

Ora, observa-se também no que foi citado anteriormente, que para filósofo Lukács “a resposta pressupõe sempre uma pergunta”, “pergunta essa advinda de uma necessidade existente”, que brota dos “efeitos” provocados pelas “bases” da “ontologicidade originária”, efeitos que são mediados na vida cotidiana – naquela “parte de sua realidade circundante (natureza e sociedade)”. Entretanto, a resposta ainda é submetida “a uma transformação ideal” para que se converta em “uma pergunta a ser respondida” e, assim, “desencadear” nos seres humanos “posições teleológicas”, que eles comunicam uns aos outros por meio da linguagem (Lukács, 2018b, p. 339).

Segundo a autora Costa (2018) em sua obra *Ontologia e Linguagem*, Lukács considera que “a linguagem emerge decisivamente como mediação universal do ser social, uma categoria ontológica essencial à constituição do gênero humano” (p. 124). A autora argumenta que:

O desenvolvimento da linguagem é derivado da divisão do trabalho no processo de reprodução social mediante a necessidade da comunicação entre as pessoas que estabelecem relações na realização de uma atividade de trabalho. A linguagem permite fixar o conhecimento da essência dos objetos e estabelece os mecanismos da comunicação entre os homens reunidos para uma atividade. Nesse sentido, impulsiona a vida humana para momentos cada vez mais sociais e participa ativamente do afastamento das barreiras naturais que se efetiva com o movimento contínuo de reprodução social (Costa, 2018, p. 124).

Mediante isso, percebemos que a linguagem é “uma outra determinação decisiva do ser social. Ela é um processo espontâneo que, segundo Lukács, “se objetiva teoricamente (...) paralelamente com sua aplicação na *práxis* do trabalho” (Lukács, 2018, p. 345)

Assim descrita, a linguagem é a mediação para todos os complexos sociais. Para o filósofo húngaro Lukács (2018b):

À medida que as experiências de um trabalho concreto são utilizadas em outro, emerge gradualmente sua — relativa — independentização, *i.e.*, a fixação generalizadora de determinadas observações, as quais, de agora em diante, não mais se referem exclusiva e diretamente a uma execução singular, ao contrário, recebem em geral uma dada generalização como observação de eventos da natureza. (p. 48).

Aponta Lukács (2018b) que, os seres humanos também são capazes de estabelecer comunicação simples e biologicamente determinada, mas os animais irracionais não são capazes de desenvolver a complexidade da fala, pois a base para a objetivação linguística que se expressa em “operações sintáticas altamente complicadas” está no momento ideal, no

desencadeamento de posições teleológicas, numa consciência não mais muda. Se os sinais têm um caráter de “exortação” (de estímulo), a linguagem extrapola a mera exortação sem, contudo, deixar de tê-la como base (p. 346).

A exortação requer formas de expressão práticas específicas, as quais, justamente porque também intencionam objetividades, têm de ir para além do mero caráter de sinal. Linguisticamente, digo eu: não deves roubar (ou uma outra proibição), visando, portanto, um comportamento humano-geral na sociedade. O mero sinal, por exemplo, a luz vermelha num cruzamento, proíbe meramente o cruzar deste determinado pedaço de uma certa rua no interior de uma duração de tempo precisamente determinada. Está, portanto, estritamente ligado à situação (Lukács, 2018b, p. 346-347).

Para o referido autor a linguagem caracteriza-se como um complexo resultante de um processo socioeconômico no qual “a palavra bem como a sentença” expressam a “socialidade” do ser (Lukács, 2018b, p. 348). Ela expressa sempre “uma abstração” e “uma generalização”, que constantemente se universalizam em conceitos. O conceito pode ser expresso em palavras ou frases que devem abarcar a relação tempo-espaço e “a relação posta de forma-conteúdo”, pois, como acentua Lukács, uma exortação “estritamente” ligada a uma “situação” possui conteúdo e forma específicos (Lukács, 2018b, p. 357).

Conforme argumenta Lukács é que a “linguagem, portanto, não é apenas uma imagem intelectual das objetividades, mas, simultaneamente a isso, sua objetivação consciente” (Lukács, 2018b, p. 357-358). Segundo ele:

Isso se mostra não apenas no espontâneo caráter de valor de uma mera expressão linguística, a qual se movimenta de modo necessário no interior da alternativa de correto ou incorreto, mas também em que o conteúdo (igual à relação-matéria-forma) pode se elevar sempre acima das reais relações- matéria-forma sem perder a sua inequivocabilidade sintética, a possibilidade de ser expressão correta; pense-se, já na vida cotidiana, em abstrações como móveis, cereais, frutas etc., onde o conteúdo preserva sempre, inequivocamente, a unidade objetivada de forma e matéria, mesmo a aprimora, e ajuda a avançar o processo de socialização dos seres humanos através do representar intelectual da extensão do mundo objetivado, não mais meramente objetivo no e ao redor do ser humano (Lukács, 2018b, p. 358).

O autor ainda constata que essa “objetivação consciente” possui um “espontâneo caráter de valor” e atua na relação entre “correto ou incorreto” que ocorre no interior da categoria da “alternativa”. Neste sentido, “uma mera expressão linguística” surge como “uma imagem intelectual” de uma determinada “objetividade”. Ao expressar o mundo socialmente objetivado, a linguagem demonstra sua dualidade em ser a “imagem intelectual” da sociabilidade e ao mesmo tempo “sua objetivação consciente” (Lukács, 2018b, p. 358).

Segundo G. Lukács, ainda que “o conteúdo” se descole das “objetividades” às quais

a palavra originalmente se refere, ela não perde “a sua inequivocabilidade sintética, a possibilidade de ser expressão correta”. Lukács argumenta que esse movimento, na vida cotidiana, faz com que a própria linguagem se aperfeiçoe (e com que se aprimore “a unidade objetivada de forma e conteúdo”), o que significa o aprimoramento também do “representar intelectual” do mundo objetivo que “ajuda a avançar” a socialidade do ser social em um meio ambiente “não mais meramente objetivo no e ao redor do ser humano”, mas na “extensão do mundo objetivado”. Segundo Lukács, “Quanto mais altamente desenvolvidas são essas formas intelectuais, momentos, modos fenomênicos etc. da posição teleológica, tanto mais pronunciadamente se expressa seu caráter objetivador” (Lukács, 2018, p. 357).

A objetivação e exteriorização são, para Lukács, “os dois polos que constituem, em sua inter-relação, o caráter essencial desse complexo de ser, na medida precisamente em que nele é visível a essência não mais muda do gênero humano” (Lukács, 2018b, p. 358-359).

Segundo Lukács afirma,

[...] a relação típica do ser humano com o mundo, com seu mundo, é uma inter-relação na qual atua permanentemente o sujeito sobre o objeto, o objeto sobre o sujeito que se remodela, tendo o efeito permanente de produzir o novo, na qual, portanto, não pode ser compreendido nem um nem outro componente pode ser isolado, separado do par de opostos, portanto, compreendido independentemente (Lukács, 2018b, p. 359).

A relação entre o ser humano e o mundo ambiente é, segundo o filósofo G. Lukács, o conteúdo das “posições teleológicas”, da relação de não identidade entre o sujeito e o objeto. Lukács assevera que a apreensão correta do ser social deve reconhecer a “inseparabilidade ontológica” entre objetivação e exteriorização. Para ele, apenas quando “se aponta a inseparabilidade ontológica de ambos os polos que se correspondem no ser social — justamente em sua heterogeneidade imediata —, torna-se nítido que todo ato de objetivação do objeto da *práxis* é, ao mesmo tempo, um ato de exteriorização do sujeito” (LUKÁCS, 2018b, p. 359).

O referido autor afirma que a exteriorização tem no trabalho um longo e desigual processo de desenvolvimento. Para ele, ainda que a exteriorização tenha levado um “longo” e “variadamente desigual desenvolvimento” para que pudesse alcançar uma certa “determinada autoconsciência”, as marcas da exteriorização já estavam presentes “no patamar da mera singularidade”, como uma “exteriorização real” do ser social, sem possuir uma influência significativa no processo de desenvolvimento social como um todo (LUKÁCS, 2018b, p. 360). Diz G. Lukács:

Apenas a desantropomorfização do trabalho, que começa de uma forma não ainda

consistente com a divisão do trabalho na manufatura, deixa desaparecer o momento da exteriorização em tais objetivações. Claro que também aqui apenas tendencialmente, já que, ainda que também a porção objetiva da exteriorização costuma desvanecer nas últimas execuções feitas por trabalhadores singulares, o plano geral de um modelo de produto, seu »estilo«, pode sim trazer, para a concepção, a marca da exteriorização (Lukács, 2018b, p. 360).

Essa desigualdade que ocorre na exteriorização quando vista sob o prisma do trabalho, repete-se na linguagem, entretanto, ela assume uma forma distinta, pois, para G. Lukács:

O tornar-se-mais-social, a crescente integração não produz aqui imediatamente nenhuma uniformização desantropomorfizadora; contudo, a crescente socialização cria com frequência padrões linguísticos de todo despersonalizados etc.; ao mesmo tempo, contudo, também aumenta o caráter de exteriorização individual da linguagem. Torna-se cada vez mais facilmente possível reconhecer seres humanos, apreender suas individualidades nas suas escolhas de palavras, nos seus vocabulários, nas suas expressões sintáticas etc. do que em patamares anteriores (Lukács, 2018b, p. 360).

Na linguagem a exteriorização, segundo o autor, mantém uma certa antropomorfização. Todavia, não obstante a essa preservação da personalidade do indivíduo na forma da sua comunicação, a crescente socialização produz, “com frequência”, “padrões linguísticos de todo despersonalizados”, potencializando o “caráter individual da linguagem” e facilitando o reconhecimento dos “seres humanos” e a apreensão das “suas individualidades” (Lukács, 2018b, p. 360).

O filósofo G. Lukács não perde de vista o argumento de que objetivação e exteriorização são “produtos ontológicos de um ato unitário” (Lukács, 2018b, p. 361). Neste sentido, nenhuma “personalidade” pode se expressar sem que se objetive, ou seja: “os pensamentos, os sentimentos etc. não exteriorizados dos seres humanos são meras possibilidades, o que eles realmente significam mostra-se apenas no processo de sua objetivação” (Lukács, 2018b, p. 360-361).

Mediante isso, para G. Lukács, objetivação e exteriorização formam uma “identidade, como identidade e não identidade de objetivação e exteriorização”, um “sistema das objetivações-exteriorizações” que, “apenas porque cada exteriorização-objetivação constitui em si um componente do ser social, desencadeia de modo necessário, simultaneamente com seu tornar-se existente, valores e, na sua consequência, avaliações” (Lukács, 2018b, p. 361).

Para Lukács, a “essência” dessa relação:

[...] repousa em que a relação-sujeito-objeto em si homogênea, que está na base de

sua unidade, efetua na objetivação uma alteração no mundo objetivo na direção de seu tornar-se-social, enquanto a exteriorização fomenta o veículo do desenvolvimento do sujeito na mesma direção. Agora, o tornar-se-social dos objetos é um processo amplamente mais homogêneo que aquele do sujeito (Lukács, 2018b, p. 361).

Segundo o que o autor assevera, dizemos que a interação entre o ser social e a natureza é também uma interação do ser social com ele próprio, isto é, “a relação-sujeito-objeto em si homogênea” se desdobra em duas direções, tanto na direção do desenvolvimento das forças produtivas quanto no desenvolvimento das individualidades.

O autor húngaro G. Lukács afirma a “irreversibilidade” do salto ontológico, ao argumentar que:

Portanto, o desenvolvimento da humanidade do ser-em-si do gênero ao seu ser-para-si é um processo que ocorre nos seres humanos, por último, em cada ser humano singular, como separação interior do ser humano meramente particular (*partikularen*) daquele no qual – e por mais primitivo, por mais equivocado – o ser-para-si do gênero luta para sua existência (Lukács, 2018b, p. 363).

Cada “ser humano particular” já é um ser, segundo G. Lukács (2018b), “genérico” e ainda que a “generidade existente ainda meramente em si” não se manifeste “já em atos teleológicos”, esse “ser humano particular” já não é mais apenas biologicamente um “exemplar singular do seu gênero”, ele já transforma conscientemente a objetividade natural através de uma objetivação social. Não tem relevância para a argumentação de Lukács, mas devemos destacar que muitas vezes os seres humanos envolvidos no processo de objetivação não possuem “uma conscienciosidade sobre o que fazem” (p. 363).

Podemos averiguar, segundo a obra de Lukács (2018b) em estudo que os seres humanos expressam os primeiros movimentos em direção ao seu “ser- para-si do gênero” na medida em que essa “conscienciosidade” se manifesta e “toda tal atividade recebe também uma expressão linguística”. Quando esse processo se inicia o sistema objetivação-exteriorização adquire “também o caráter de uma auto-objetivação do sujeito”. Todavia, Lukács chama a atenção que com tudo isso a “nova generidade” que é o ser social ainda se manifesta “como realidade imediata [...] no seu ser em si”. O “ser-para-si do gênero” é, para ele, apenas uma “possibilidade”, a nova “generidade” possui no seu “ser-em-si” apenas “uma intenção para com o ser-para-si do gênero” (p. 363).

O sistema de objetivação-exteriorização ao ser mediado pela expressão linguística torna o ser humano capaz de avaliar “positiva ou negativamente” suas ações, ao passo que avalia também suas objetivações, essa atividade intelectual, ao indicar a presença da linguagem, demonstra a função fundamental que ela cumpre para o desenvolvimento do ser humano em

seu sentido genérico. Ao escolher entre alternativas, os seres humanos criam sistemas valorativos objetivos e subjetivos. Segundo Lukács:

Os propósitos, sentimentos, opiniões, capacidades etc. de cada ser humano tornam-se, para ele próprio, objetivações avaliadas positiva ou negativamente, que, como consequência de sua socialidade elementar, de sua elementar comunidade para com os seres humanos – por todas as diferenças que existem desde o início – atuam sobre as posições teleológicas posteriores dos sujeitos (Lukács, 2018b, p. 363).

Concluimos que a linguagem é, para ele, o complexo que faz a mediação entre sujeito e objeto, ela garante o “distanciamento intelectual” do sujeito em relação ao “objeto”, o que torna “pela primeira vez” esse “real distanciamento” “comunicável”. E é, segundo o húngaro, exatamente esse distanciamento do sujeito em relação ao objeto que “torna fixável o possível patrimônio comum de uma sociedade” (Lukács, 2018b, p. 89). A linguagem, assim, torna-se uma espécie de demonstração empírica da não identidade entre sujeito e objeto, dado a comunicação desse distanciamento realmente existente entre ambos.

O resultado da relação de interação realizada entre o homem (ser social) e natureza recebe, por meio da linguagem, sua primeira figura social consciente e, para o filósofo húngaro Lukács, a linguagem torna-se com isso precisamente uma objetivação e exteriorização sociais do ser humano. Todavia, ele argumenta que ela é apenas “capaz de expressar o geral”. A simples palavra, como a primeira figura da linguagem socialmente posta conscientemente, ao sintetizar a “objetivação e a exteriorização sociais”, atua sobre uma situação concretamente particular fixando sua imagem geral. (Lukács, 2018b, p. 418- 419).

Percebemos, que o processo histórico de vida impõe aos seres humanos questões que devem ser respondidas e eles objetivam algo prático, mesmo que seja meramente a expressão de seu sentimento através da linguagem que, segundo sua essência, é preponderantemente genérica. A individualidade se expressa, dessa forma, “naqueles atos que, consciente ou inconscientemente, tomam parte na formação de sua própria genericidade” (Lukács, 2018b, p. 464).

Para o autor, a linguagem é subjetivamente um instrumento orgânico da consciência e objetivamente o meio para a conservação da reprodução do ser social na sua luta cotidiana em conhecer o desconhecido, para dominar teórica e praticamente a natureza e, assim, garantir a existência do ‘ser-para-si do gênero’. Nesse processo de acumulação ascendente, o conhecimento possibilitado pelo trabalho e pela linguagem garante “uma conservação da continuidade do gênero no interior de uma transformação ininterrupta de todos os momentos subjetivos bem como objetivos da reprodução”. A linguagem possibilita a identificação do novo

normal e a reorganização do cotidiano na contínua ultrapassagem do imediato ou mesmo depois de radicais transformações. O complexo social da linguagem é uma totalidade plena de contradição entre o conservar e o ir-para-além (Lukács, 2018b, p. 169).

Desta forma, G. Lukács caracteriza a linguagem como uma necessidade social, que emerge como complexo indispensável ao processo de trabalho, com a dupla função social de, por um lado, atender as necessidades do trabalho e, por outro, as necessidades dos indivíduos. Segundo o autor:

A linguagem é, portanto, profundamente dependente de todas as transformações da vida social e, ao mesmo tempo, passa por um desenvolvimento que é determinado decisivamente por sua legalidade própria. Também esta contradição não contém nenhum ou-ou antinômico, antes possui uma opositividade interna, intimamente enredada na interação dialética. O desenvolvimento da linguagem procede autolegalmente, contudo, no que concerne aos seus conteúdos e formas, em ininterrupto entrelaçamento com a sociedade, de cuja consciência é órgão. Não pode adentrar nenhuma alteração na linguagem que não corresponda às suas leis internas (Lukács, 2018b, p. 178).

Em suma, para G. Lukács, a linguagem cumpre uma função de extrema importância no interior do momento ideal, em um processo que ocorre em meio a escolhas, alternativas realizadas pelos seres humanos no cotidiano de sua reprodução social. Para tanto, tiveram que surgir, no interior do momento ideal, as posições teleológicas (posições de finalidade). Segundo Lukács, existem duas formas de posições teleológicas, as primárias e as secundárias. Note-se que não se trata aqui, alerta Lukács, de quem aparece primeiro, mas a função social que cada uma das posições cumpre no processo de trabalho como um todo. Assevera o autor:

Em outras conexões foi seguidamente apontado que posições que são imediatamente dirigidas ao metabolismo entre sociedade e natureza, essencialmente se diferenciam, tanto subjetivamente quanto objetivamente, daquelas cuja intenção direta é a alteração da consciência de outros seres humanos; também estas podem mostrar diferenças qualitativas, tudo depende de quão amplas são as mediações das visadas alterações na consciência com o problema direto da reprodução dos seres humanos, e qual é o conteúdo dessas alterações (Lukács, 2018b, p. 337).

Compreendemos que as posições primárias possuem a finalidade de transformar a natureza, pois como disse o filósofo Lukács, “são dirigidas ao metabolismo entre sociedade e natureza”, para criar uma combinação nova entre componentes retirados da natureza, a partir de um projeto construído previamente no momento ideal, para satisfazer a necessidade da reprodução social (Lukács, 2018b, p. 337).

No que concerne as posições teleológicas secundárias, entretanto, segundo Lukács, possuem a função social de se dirigir a consciência daqueles outros indivíduos integrantes da

divisão social de trabalho, com o objetivo de convencê-los a tomarem determinadas decisões ao longo do processo como um todo, pois a “intenção direta é a alteração da consciência de outros seres humanos”. As posições teleológicas secundárias são, segundo Lukács, responsáveis pela organização da vida social (Lukács, 2018b, p. 337).

Concluimos assim, que essa ação costura-se nas malhas da reprodução social de grupos particulares de seres humanos. As posições possuem diferenças “qualitativas”, entretanto, ambas são responsáveis pelo processo de trabalho em sua unitariedade (transformação da natureza e convencimento dos indivíduos no interior de uma divisão social de trabalho) e pela condução do processo social em sua totalidade (Lukács, 2018b, p. 337-338).

Notamos, que até aqui, buscou-se demonstrar os argumentos de Lukács sobre o trabalho como complexo que funda o ser social e a linguagem como órgão da consciência que possibilita o afastamento entre sujeito e objeto. Na próxima seção, veremos sobre a educação enquanto construção social mediada pelas relações de trabalho.

### **2.3 A Educação enquanto construção social mediada pelas relações de trabalho**

Segundo Rossi (2018, p. 42) “O trabalho, [...], é uma práxis social que se diferencia substancialmente das outras práxis humanas em razão da sua função social, ou seja, do papel que exerce para a reprodução social, para a continuidade do “mundo dos homens”.

Analisando, o que foi dito nos subtópicos anteriores sobre o trabalho enquanto categoria que funda o ser social e a linguagem enquanto categoria necessária desenvolvida mediante o trabalho e suas relações sociais, iremos a partir desse momento articular tais categorias a categoria da educação, mediada nas relações de trabalho, por meio da reprodução social.

Discutir o complexo da educação, ancorado no núcleo das relações de trabalho, nos leva a reafirmar o que foi dito no subtópico anterior; que o trabalho é a categoria fundante do homem enquanto ser social, entrelaçando, assim, nossas discussões.

A “educação” entre esses animais é marcadamente determinada pelo aspecto biológico. Aquilo que não lhes é transmitido geneticamente, mas “aprendido” através da observação do comportamento dos animais adultos, não implica uma ação teleológica que se origina na decisão alternativa (nem do sujeito cujas ações servem de modelo, nem daqueles que reproduzem a prática a partir da observação), como na educação entre os homens. Ao contrário, as atitudes que o indivíduo animal “aprende” encontram-se no interior dos limites dados de cada espécie. Desse modo, a sua “educação” não se afasta da determinação biológica, como acontece no interior do ser social. Nesse caso, o momento predominante é dado pelas determinações biológicas, e não por uma determinação social fundada em uma decisão teleológica. (Talvanes, 2017, p. 92)



A educação vem então cumprir o seu papel fundamental: o de fazer o ser humano capaz de dar continuidade a sua vida social, na aquisição de novos desdobramentos de conhecimentos, adaptações, circunstâncias, situações e possibilidades que surgem mediante as articulações e necessidades mais profundas de sua existência.

Segundo Tonet (2005) no trabalho, a educação, é constituída na relação de interação de um indivíduo para com o outro e, para isso, suas ações devem estar relacionadas com o ato da consciência. Por isso:

[...], o trabalho é uma mediação entre homem e natureza, ao passo que a educação é uma mediação entre o indivíduo e a sociedade. [...], também o trabalho medeia a relação entre o indivíduo e a sociedade, assim como a educação medeia a relação entre homem e natureza. (p. 139).

Debater sobre o complexo da educação nos leva a reafirmar o trabalho como categoria fundante do homem enquanto ser social, retornando assim nossas discussões acerca das bases da relação ontológica mantida entre os dois. Como explica Marx em *O capital Cap. V*, o trabalho é descrito como a atividade prática que efetiva a existência do ser social, diferenciando o homem de sua esfera orgânica. Elemento este que faz com que o homem seja o ser responsável pela criação de sua própria história, acumulando experiências (positivas/negativas) e gerando conhecimento. Este é o ponto crucial de diferença dos animais irracionais.

Levando em consideração de que a educação é um complexo fundado pelo trabalho, e que este dá início ao homem enquanto ser social, Tonet (2005) explica que a educação e o trabalho mantêm uma estreita relação, embora, elas não se unam em sua totalidade, já que no trabalho existe a relação, homem x natureza e, na educação, a relação é estabelecida entre indivíduo e sociedade. Pelo trabalho, o homem transforma a natureza, ou seja, o mesmo tem sua ação sobre uma “matéria-prima”, surgindo da necessidade de o homem transformar-se, manter-se e assegurar-se como indivíduo.

À diferença dos animais, nós humanos não nascemos geneticamente determinados a realizar as atividades necessárias à nossa existência. Precisamos aprender o que temos que fazer. Precisamente porque o trabalho implica teleologia, isto é, uma atividade intencional prévia e a existência de alternativas. Nada disto é biologicamente pré-determinado. Precisa ser conscientemente assumido. Daí a necessidade da educação, vale dizer, de um processo de aquisição de conhecimentos, habilidades, comportamentos, valores, etc. que permitam ao indivíduo tornar-se apto a participar conscientemente (mesmo que essa consciência seja limitada) da vida social. (Tonet, 2011, p. 140)

Na educação, a relação que é constituída dá-se mediante a interação de um indivíduo para com o outro e, para isso, suas ações devem estar relacionadas com o ato da consciência.

O referido autor, resgata, ao examinar o ato do trabalho, que o ser social é formado entre os dois polos bem diferentes, o que origina a singularidade e o que se constitui por meio da universalidade, pois, ao mesmo tempo, em que ele se reconhece como homem, um ser singular, assim também se efetua como parte da espécie humana. Em relação a isso, ele ressalta que,

[...] a constituição desses dois pólos é um processo que se desenvolve concretamente ao longo de toda a história humana, tanto no sentido geral como individual. Por um lado, o pólo universal, genérico, se constitui como um patrimônio que resulta da atividade dos indivíduos e que se objetiva de muitas formas. Por outro lado, o pólo da singularidade, os indivíduos, se constitui na medida em que esses indivíduos se apropriam desse patrimônio genérico. Disto resulta que nascemos com potencialidades para nos tornarmos indivíduos humanos, mas não nascemos já como indivíduos humanos. Tornamo-nos indivíduos humanos na medida em que nos apropriamos do patrimônio humano universal. (2011, p. 140).

Na ontologia de ukács, Lima (2009), observa, assim como os autores citados anteriormente, que o trabalho é caracterizado como o ato fundante do ser social, embora, em sua totalidade não se esgote a este mesmo. Nisso, a referida autora reafirma que o trabalho funda o ser, mas não inteiramente, devido a isso, o homem produz mais do que o necessário para suprir suas necessidades, gerando uma ampliação da reprodução humana, expandindo o surgimento de novas necessidades e também uma busca maior para as satisfazer. Em consequência disso, o trabalho concebe novos complexos sociais, que criam e estabelecem relações sociais cada vez mais complexas. Conforme explica Tonet:

Contudo, o trabalho, embora seja fundante, é apenas um dos momentos da realidade social. Além dele, muitos outros momentos fazem parte dela. Alguns, como a sociabilidade, a linguagem, a educação, o conhecimento, integrarão o ato do trabalho desde o seu momento mais original. Outros surgirão na medida em que, a partir do incremento das forças produtivas, a sociedade se tornar mais complexa, exigindo outras atividades que não aquelas voltadas à produção dos bens materiais. A natureza dessas atividades e sua função social sempre dependerão da natureza da demanda a ser satisfeita. (2011, p. 139).

Observa-se que Tonet (2011) reconhece que o ato do trabalho está ligado a outros complexos advindos dessa categoria, e por ser um ato social este implica na necessidade indispensável da socialização e comunicação (linguagem) que posteriormente direciona a educação. O autor segue dizendo que diferente dos animais, os homens não nascem propensos

a realizar atividades relacionadas a manter sua existência, indicando que nos seres humanos estamos em constante aprendizagem e que esta é adquirida no decorrer do processo de busca por suprir necessidades primordialmente básicas do ser humano.

Por este não ser um processo biológico, pré-determinado ou instintivo desde o nosso nascimento, mas sim uma construção com desenvolvimento contínuo, a educação torna-se necessária na aquisição de elementos que tornem os indivíduos aptos para o ato social consciente. Conforme reitera Tonet (2011); “[...], a educação cumpre a função de permitir aos indivíduos essa apropriação dos conhecimentos, habilidades, valores e comportamentos que lhes permitam inserir-se no processo social. (p. 140-141)

Reafirmo o que fora explicado por este pesquisador, Lima (2009, p. 107), caracteriza que:

A educação é um complexo social e como tal não pode ser compreendida à luz das categorias biológicas, pois as categorias pertinentes à sociabilidade humana só podem ser explicadas em termos sociais, não podem ser reduzidas às categorias do ser orgânico ou inorgânico. A subsunção da base natural realizada pelo ser social é um processo que perpassa todos os complexos sociais. Isso significa que, embora a base biológica continue ineliminável, o momento predominante na processualidade dos complexos sociais não consiste nas forças motrizes da natureza e sim da sociabilidade.

O surgimento do complexo da educação possui como objetivo a conservação do patrimônio cultural já adquirido. O que define, portanto, o sentido da educação são propriamente as necessidades sociais, visto que o trabalho é o caráter fundante do ser social. Em cada período histórico, a forma de trabalho define cada sociedade.

Através da necessidade de sociabilidade, perante cada momento histórico, existe uma forma concreta de educação.

Segundo Lima (2009, p. 104), “Por ser fundada pelo trabalho, a educação estabelece com ele uma relação de identidade da identidade e da não-identidade”. Nesse sentido vê-se possível afirmar que a essência humana é produzida pelo trabalho e transmitida pela educação, tornando clara a relação de identidade entre ambos.

A relação de dependência ontológica nos mostra como a educação possui sua origem histórico-ontológica vinculada aos atos de trabalho e como que ela irá transmitir os conhecimentos, valores, comportamentos, habilidades etc. necessários para a reprodução social de uma forma de sociedade fundada num determinado tipo de trabalho. Por exemplo: o campo de possibilidades inerentes à sociabilidade feudal — fundada no trabalho servil — impunha ao complexo educacional a transmissão dos comportamentos e habilidades necessários para a reprodução daquela ordem societária baseada na relação de suserania e vassalagem entre os servos e os senhores feudais, ou seja, a educação era limitada pela reprodução daquela forma típica de

propriedade privada baseada no trabalho dos servos. (Rossi, 2018, p. 36-37)

A autonomia relativa que a educação apresenta em sua relação com o trabalho é expressa pelo fato de que, esta funda os demais complexos, onde apesar de estarem infinitamente relacionados ao ato fundante, não é limitado por este. Sobre a autonomia relativa que este complexo exerce em relação a sua categoria fundante, é dito através da Ontologia de Lukács que;

[...] podemos perceber a autonomia relativa dos complexos sociais com relação ao momento fundante. O fato de o trabalho “chamar à vida produtos sociais de ordem mais elevada” faz com que a educação se insira neste aspecto — isto não quer dizer que tais complexos se separam de modo absoluto, mas sim de modo relativo, possibilitando a explicitação tanto da dependência ontológica quanto da autonomia relativa de que Tonet (2005) nos esclarece. Já a determinação recíproca está presente no fato de que o trabalho, ao “chamar à vida” novos complexos sociais, passa a influenciar no desenvolvimento desses complexos e, também, por eles passa a ser influenciado. (Rossi, 2018, p. 43- 44)

Podemos dizer assim que, trabalho e educação são “[...] ontologicamente distintos e com *funções sociais igualmente distintas* no processo de reprodução social *do ponto de vista ontológico, do ponto de vista do próprio desenvolvimento concreto do ser social*. [...]”. Rossi (2018, p. 44-45)

Em outras palavras a relação de não identidade entre trabalho e educação se encontra no fato de que a teleologia primária da categoria fundante se constitui na mediação entre homem e natureza “(...) e tencionam transformar objetos naturais em valores de uso, enquanto na educação as posições teleológicas secundárias visam influenciar outros indivíduos a realizarem determinadas posições. (...)”. Através de tal descrição é possível afirmar que “(...) À luz da análise ontológica, a educação não é trabalho, é práxis; e as funções por ela assumidas a vinculam à reprodução social”. Lima (2009, p. 104).

Para entender esse caminho do desenvolvimento da sociabilidade humana, Lukács (2018) expõe considerações acerca de outros dois complexos, distintos do trabalho, mas que intervêm na reprodução social, sendo estes, a linguagem e o direito, tendo como objetivo expor a estrutura diversificada destes complexos. O autor dar menção que estes são tão específicos que cada uma exige uma análise minuciosa de seu funcionamento. No decorrer de seus escritos, a linguagem é apresentada como instrumento de fundamental importância para compreender o ser social, já que segundo Tonet (2011, p. 140) “[...]. Toda atividade social implica comunicação, coordenação de atividades. Por isso a linguagem, não importa sob que forma, se faz presente já neste primeiro momento do trabalho”.

Lukács (2018, p. 172), descreve a linguagem, como sendo originalmente, “[...] o instrumento social para conferir validade àquelas posições teleológicas que têm por finalidade guiar outros seres humanos a determinadas posições teleológicas. [...]”. O filósofo segue em sua compreensão, expondo a linguagem dentre outros complexos, como um complexo universal e natural da reprodução que cumpre com a função de ser “[...] órgão e *médium* da continuidade do desenvolvimento, do preservar e do ultrapassar. [...]”. A linguagem institui a mediação metabólica entre sociedade e natureza, ao passo que o trabalho constitui uma mediação direta com a própria natureza. Lukács (2018, p. 181)

Como afirma Lessa (2015, p. 64), “Ao contrário da fala, o complexo do direito não tem sua gênese fundada em uma necessidade universal do gênero humano, mas sim em necessidades peculiares às sociedades de classe”. Este complexo mostra-se contrário a linguagem, pois não é universal; de modo que existiram sociedades organizadas sem este e nem surge naturalmente na vida cotidiana. Em outras palavras, conforme as palavras de Lukács (2019, p. 185) “[...] o direito, surgido como consequência da existência da sociedade de classe, sua essência é por necessidade um Direito de classe: um sistema de ordenação para a sociedade correspondente aos interesses e ao poder da classe dominante. [...]”.

Assim, segundo Lima (2009, p. 99), na concepção de Lukács (1981, p. 225), a linguagem em sua dinâmica e espontaneidade ‘é efetuada por todos os homens na sua práxis cotidiana, na maior parte sem o desejar ou saber, e está presente como médium inevitável da comunicação em todas as atividades interiores e exteriores dos homens. Conforme a autora, involuntariamente os homens desenvolvem e reproduzem a linguagem através de sua prática habitual, passando assim a assumir um papel de tamanho significado para a manutenção da reprodução social, de maneira que a linguagem se mostre presente em todos os tipos e níveis de sociedade essencialmente. O desenvolvimento da linguagem se faz assim independente da divisão de classes ou de um grupo específico.

Ainda conforme a autora (2009, p. 104), a linguagem, enquanto complexo fundado pelo trabalho, constitui junto a ele uma dependência ontológica, visto que o trabalho precede em relação às outras categorias e complexo sociais, de maneira que os demais complexos alcançam sua autonomia segundo o desenvolvimento deste, enquanto categoria fundante do ser social; o trabalho antecede toda e qualquer forma de reprodução social. A autonomia relativa que a linguagem exerce sobre o trabalho se deve ao fato de que ambos estão relacionados, porém, possuem funções específicas e distintas opostas ao do trabalho.

Voltando a citar novamente o complexo da educação, a autora ressalta que:

[...]é um complexo essencial para a reprodução do gênero humano, consistindo na mediação entre a individuação e a generalidade. O caráter social a ela inerente também constitui uma característica especificamente humano- genérica e se traduz num aspecto que distingue o ser social da esfera precedente. (Idem, 2009, p. 106).

Nas palavras da intérprete da obra lukacsiana, a educação enquanto complexo surge no ser social para garantir que o homem exista enquanto ser genérico;

O surgimento do complexo da educação no ser social está atrelado a essa necessidade fundamental para a continuidade do homem enquanto ser genérico. A educação surge para desempenhar essa função imprescindível: através dela cada indivíduo singular se apropria das objetivações que constituem os traços da sociabilidade, as características humano-genéricas produzidas pelos próprios homens. Portanto, a função realizada pela educação atende a uma necessidade universal do ser social, pois todas as formas de sociedade demandam um processo de reprodução da sociabilidade que a caracteriza. (Idem, 2009, p. 109)

A educação assim, em seu sentido ontológico, capacita os homens para os momentos variados do desenvolvimento da sociabilidade humana, sendo possível, dizer de tal maneira que:

O essencial da educação dos seres humanos consiste, ao contrário, em qualificá-los a reagir adequadamente a eventos e situações novas e inesperadas que ocorrerão mais tarde em suas vidas. [...] a educação dos seres humanos — tomada no sentido mais amplo — jamais está inteiramente completa. [...]. (Lukács, 2018, p. 133).

Podemos entender assim que: “[...], a função realizada pela educação atende a uma necessidade universal do ser social, pois todas as formas de sociedade demandam um processo de reprodução da sociabilidade que a caracteriza”. (Lima, 2009, p.110). A educação em seu sentido amplo visa realizar a função social de transmissão e apropriação de todo conhecimento adquirido historicamente pelos homens.

A existência de tal complexo não se veria possível sem sua dependência ontológica com o trabalho como já dito até aqui. Cada modelo social é determinado pelo seu modo de produção, através de sua forma de trabalho existente. De igual forma a educação em cada período é usada para orientar o desempenho e a forma de trabalho, determinando o conjunto de relações sociais propriamente existentes de cada modelo de sociedade. Portanto, o complexo da educação, advinda do trabalho, é de fundamental importância para o ser social porque é ela a maneira propícia para a transmissão/apropriação do patrimônio produzido historicamente pela humanidade.

Diante disso, é comprovado que apesar de possuir um caráter que vai ao

encontro do ato fundante do trabalho; a educação possui características mediadas por teleologias secundárias, onde este complexo mesmo em sua condição de fundado, não é idêntico à categoria que lhe deu surgimento.

Todo esse percurso basilar teórico traçado até aqui, norteou o que analisaremos a seguir, sobre as categorias centrais da pesquisa e como as mesmas subsidiaram a pesquisa de campo desenvolvida.

### **3 O ARTESANATO DA RENDA DE BILRO: HISTÓRIA, MEMÓRIA E SUJEITOS APROXIMAÇÃO DAS CATEGORIAS DE COMPREENSÃO DO OFÍCIO**

Nesta parte apresentamos um pouco sobre a cidade de Aquiraz e a historicidade do ofício da renda de bilro, buscando ir à gênese da mesma, pois para pensar a respeito do processo educativo na produção do artesanato, através da mediação do saber, realizado por meio da sociabilidade, sentimos a necessidade de entender como essa profissão emergiu, se consolidou na história e como a mesma está resistindo em meio ao sistema capitalista.

Bem como, procuramos compreender os aspectos predominantes desse fazer, composto pela força de trabalho feminina, historicamente destinada a ocupar os espaços da vida doméstica ou, por assim dizer, “produzir coisas delicadas”, como a renda, inserindo-se no mercado de trabalho de forma bastante desvalorizada.

Para abranger os aspectos históricos do ofício, tomamos por base os estudos de Barroso Neto (2015), Luiza Ramos e Arthur Ramos (1948), Armelle Enders (2012) e Valdenice Carneiro Girão (2013). Para refletir sobre o trabalho feminino e o mercado de trabalho, lançamos mão das análises de Lina Bo Bardi (1994); Eunice Ribeiro Durham (1983); Paulo Freire (1999); Helena Hirata (2016), Eric J. Hobsbawm (1984), Maria Lúcia Martinelli (2001) e Luiza Margareth Rago (1985). Dentre outros autores.

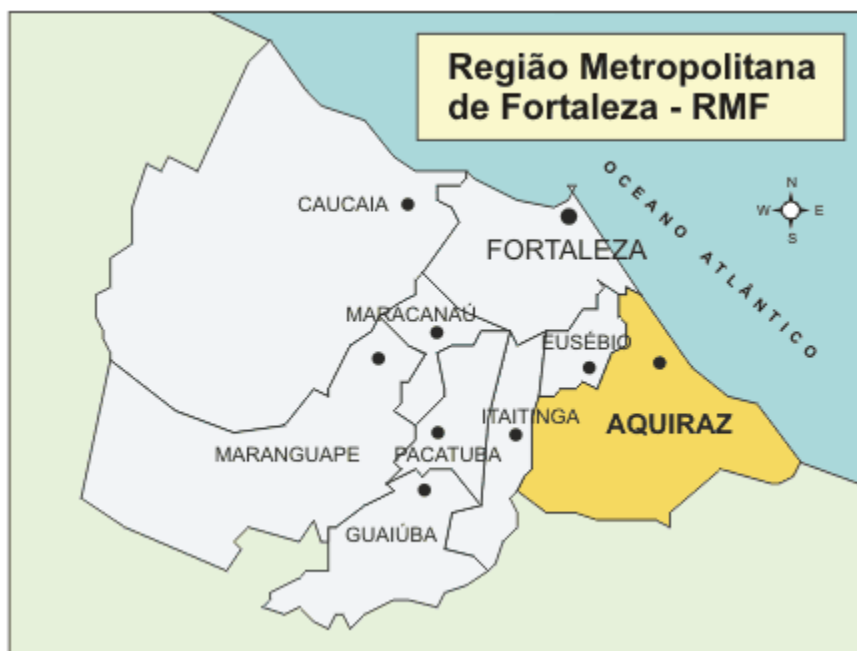
Outrossim, recorreremos a duas páginas eletrônicas voltadas à temática, a saber: *Continuidade da Tradição* (2020), publicação do jornal Diário do Nordeste, que de forma sucinta descreve pontos cruciais sobre esse fazer profissional; e *Projeto Objeto Brasil – 500 anos de Design: A forma e a função dos objetos contam a História do Brasil* (2001) uma página livre, que reflete sobre o processo de colonização e a diversidade cultural que resultou do mesmo, no que consiste a nos deixar uma cultura que se ‘tornou nossa’.

#### **3.1 História, Imagens e Sujeitos**

Prainha, prainha é uma comunidade localizada no município de Aquiraz, com distância de 27 km de Fortaleza, a mais bonita do Estado do Ceará. Além de suas riquezas naturais, o mesmo guarda relíquias preciosas de incalculável valor histórico e cultural, como a cultura da renda de bilro, um ofício realizado majoritariamente por mulheres.



Figura 1 – Mapa da cidade de aquiraz



Fonte: Disponível em: [www.aquiraz.ce.gov.br](http://www.aquiraz.ce.gov.br)

Nesse cenário, adentramos aqui a “heróis” não mencionados na história, pessoas simples, que desempenham trabalhos majestosos e de grande valia, onde o amanhecer e o anoitecer se esbarram entre os bilros e os seus entrelaçar. Cabe aqui observar sobre a importância dos sujeitos inseridos. Pois, ‘toda história depende finalmente de seu propósito social’.<sup>6</sup> O estudo sobre a cultura da renda de bilro na Prainha de Aquiraz, é relevante uma vez que procura focar historicamente as experiências e a realidade de pessoas comuns, as rendeiras e o modo de se posicionarem como sujeitos ativos na comunidade em que vivem.

Nessa perspectiva, o cotidiano surge como um espaço rico para o estudo da cultura, um lugar também de produção, de educação, de pluralidade de ações e tensões que refletem uma política de sobrevivência. Um lugar, enfim, de homens e mulheres comuns, de erros e acertos no processo de construção de suas subjetividades.

A história, passou por várias alterações e ressignificações, os espaços até então sediados apenas aos grandes heróis da história, abriram lugar para temáticas, questões e fontes até então excluídas do seu campo de interesse, contribuíram assim, significativamente para que os chamados “grupos marginalizados”, como as mulheres, a família, os operários e tantos outros, fossem alcançados à condição de sujeito e objeto de estudo. Foi no bojo dessas

<sup>6</sup> THOMPSON. E. P. APUD: PRINS, Gwyn. História Oral. In: BURKE, Peter (org.) *A Escrita da História – Novas perspectivas*. São Paulo. Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 192

transformações que surgiu a História das Mulheres.

Antes de adentrarmos ao começo embrionário da história da renda de bilro, cabe aqui primeiramente definirmos o que é artesanato em sua configuração e definição prévia. Segundo Barroso Neto (2015) o artesanato ou fazer manual, é toda atividade que tem por fim um produto exteriorizado por meio de objeto e artefatos naturais, compreendendo assim como um segmento de métodos tradicionais.

Conforme essa perspectiva, observamos que a renda de bilro é um artesanato, pois a mesma é um trabalho produzido manualmente, com toda uma técnica voltada para o seu fazer, englobando um fazer conservador de uma cultura. A partir dessa análise sucinta da palavra artesanato, partimos para a origem do ofício aqui estudado.

Informa a página *Continuidade da Tradição* (2020) que a origem da renda de bilro é um fato, por vezes, considerado incerto<sup>7</sup>. Há os que advogam que seu surgimento se deu aproximadamente no século XV, e o que defendem que sua origem se deu a 500 anos atrás, sendo o exato local de seu nascedouro também uma série de suposições sobre.

Há quem diga que tudo começou na Itália, outros citam a região de Flandres como pioneira, mas existem versões de que países como Inglaterra, Espanha e Bélgica sejam os responsáveis pela disseminação desta cultura na Europa. (Continuidade Da Tradição, 2020).

Entretanto, L. Ramos e A. Ramos (1948) apontam a referência do ponto de partida desse ofício, assegurando que a origem da renda de bilro se deu na Itália e, a partir dela teria se difundido e ganhado visibilidade em outros pontos da península e nos países vizinhos. Para dar menção a tal perspectiva antropológica, esses autores fizeram um estudo minucioso sobre as origens do artesanato feminino, como o bordado e a renda e como se estabeleceu o processo de aculturação no Brasil, esta obra se deteve no exame da difusão da renda-de-bilro em algumas regiões da Europa, sobretudo na Península Ibérica e, em seguida, no Brasil<sup>8</sup>.

Na conclusão de L. Ramos e A. Ramos (1948) esse processo de difusão de culturas teria sido algo em que o ofício da renda de bilro teria passado por gerações e se disseminado pelo mundo.

Sobre o processo de surgimento da renda de bilro no Brasil, observa Enders (2012)

---

<sup>7</sup> Endereço eletrônico da página Continuidade da tradição:  
<http://hotsite.diariodonordeste.com.br/especiais/fios-de-tradicao/>

<sup>8</sup> Disponível em: <https://mauc.ufc.br/pt/exposicoes-realizadas/exposicao-1974-04-rendas-de-bilro-e-pecas-da-colecao-arthur-e-luiza-ramos-24-10-1974/> acesso em: 21/07/2021, 14:03.

que o processo histórico de colonização do Brasil pelos portugueses, não se limitou às trocas de produtos por meio de escambo, mas também da cultura e esse é um ponto crucial do surgimento do fazer artesanal no país. Pois esse repasse de cultura, tem seu centro até atualmente nas ementas da cultura brasileira, um exemplo disso é o Nordeste, região em que a renda de bilro tem sua maior configuração no território nacional.<sup>9</sup>

Segundo Girão (2013) é possível afirmar que a renda foi trazida por mulheres portuguesas em meio ao processo de colonização, como uma forma de saber e de repasse de uma cultura sobre outra já existente. Para nos debruçarmos sobre essa visão precisa-se compreender um pouco a história e esse processo de colonização. Enders 2012, 35-36) em seus escritos explica de forma clara que:

[...] foi somente a partir de 1558 que os jesuítas aplicaram um método de colonização que garantiu a evangelização dos indígenas e sua incorporação à nova sociedade como camponeses sob tutela. [...] Além da renúncia às suas crenças e ritos tradicionais quando se convertiam ao cristianismo, a monogamia rígida, o uso de roupas, a organização do espaço, os horários durante o dia, todo esse ambiente novo representou uma ruptura com o mundo indígena.

Podemos perceber que na imposição de uma cultura sobre a outra, se deu esse compartilhamento de cultura, esse repasse e, por assim dizer, essa assimilação do artesanato ibérico pela mulher indígena. Conforme aponta Continuidade da Tradição (2020), nesse processo de troca cultural ocorrida no período colonial, vale destacar que esse fazer artesanal, passado de um povo para outro.

Podemos perceber que na imposição de uma cultura sobre a outra, deu-se esse compartilhamento de cultura, esse repasse e, por assim dizer, essa assimilação do artesanato ibérico pela mulher indígena.

Conforme aponta a página *Continuidade da Tradição* (2020), nesse processo de troca cultural ocorrida no período colonial, vale destacar que esse fazer artesanal, passado de um povo para outro, continua nos aproximando, pois desde que as rendas de bilros desembarcaram, vindas de Portugal para o Brasil, por volta do século XVII, nunca mais se perdeu o hábito de entrelaçar fios e produzir lindas rendas. Desse modo, denota Girão (2013), foi assim que esse ofício veio a aculturar-se e prevalecer-se entre nós, nesse miscigenar de culturas.

Para a página *Projeto Objeto Brasil – 500 anos de Design: A forma e a função dos*

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opiniao/editoriais/continuidade-da-tradicao-1.2965759> cesso em: 21/07/2024

*objetos contam a História do Brasil* (2001)<sup>10</sup>, a diversidade da cultura brasileira pode ser observada e admirada de diversas formas e através de inúmeros materiais. Objetos, roupas, ornamentos e artesanatos presentes no nosso dia-a-dia são resultados de influências de povos que aqui estiveram ao longo desses 500 anos de História – como os colonizadores, invasores e imigrantes de diversas partes do mundo – e ainda, muito antes, os índios.

É preciso compreender esses fatos históricos, pois como observa Heller (1992), a história é a substância da sociedade, cujo ente principal é o ser humano, o mesmo é o portador do que se chama objetividade social, de modo que lhe é dado como competência, a construção e a transmissão de cada estrutura social.

A partir da informação dessa troca e transmissão de saberes e de conhecimentos entre os povos que passaram a habitar o Brasil, torna-se possível compreender melhor como a renda de bilro se inseriu no território brasileiro. É importante ressaltar que entendemos por tradição o saber que é repassado, por meio da oralidade e da prática cotidiana que os mais velhos transmitem as gerações seguintes.

A tradição, pois, se perpetua por meio de uma dinâmica de relações que lhes são próprias, por se efetuar na dinâmica das relações sociais nas quais estão inseridos os sujeitos portadores desses saberes de tradição. Aqui nossa premissa é de que a tradição não é um elemento fixo, estático, é saber e um saber fazer inserido no movimento que presume a dialética entre permanência e mudança. É no âmbito da dialética das relações sociais que as tradições se perpetuam, existem, se objetivam, continuam vivas, e, apenas podem ser entendidas na dialética de sua perpetuação, que transmuda ao se relacionar com outras culturas, outros saberes, numa troca permanente.

### **3.2 O artesanato da renda de bilro e a força de trabalho feminina**

Segundo Bo Bardi (1994) o artesanato brasileiro é uma rica atividade artística proveniente da cultura popular das regiões mais carentes e pobres do Brasil (como o Nordeste, por exemplo). O secular ofício prossegue nas mãos de talentosas mulheres até os dias atuais, como uma profissão passada de geração a geração que tem como intuito principal a preservação da mesma.

Cabe aqui analisar que essa transmissão de conhecimento, de um ofício que está

---

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/501anos/br06.htm>; acesso em: 19/11/2023.

cada vez mais refletindo a contemporaneidade em seu traçado, essa herança de conservar esse fazer profissional, ensinando o mesmo para as crianças e os jovens é o que se chama de preservação da cultura. Para Hobsbawm (1984, p. 10) esta assume um sentido amplo, porém, o conceito básico diz que se trata de tudo o que é produzido pelo ser humano, desde conhecimentos, costumes, herança cultural e tradição social. Cultura significa a apropriação de saberes e ações por meio das quais o homem humaniza a natureza e a si mesmo. Transforma a natureza e, ao transformá-la, transforma a si mesmo. Nesse sentido, utilizamos como referência a acepção *ergótica* de cultura – cultura como ação e trabalho. (BOSI, 1987).

O que as rendeiras passam para as crianças e os jovens é um conhecimento popular, mostrando o seu trabalho e a importância diferencial do mesmo no desenvolver de uma peça feita a mão, as dimensões do saber, o que Freire (1999) explicita como uma dimensão intelectual, um transmitir do sentir, pensar e agir de grupos, categorias, classes sociais, pois o artesanato não se dissocia do cotidiano, estando com ele extremamente imbricado. Portanto, esse saber repassado tem dimensão intelectual, afetiva e prática, que traduz a realidade por meio do artesanato. O saber como tradição, no caso das artesãs, é cultura, ação e trabalho. Um saber originário, por esse motivo é, sobretudo, tradicional, quase sempre, para as artesãs, é um saber que aprendem com os mais velhos e dificilmente elas saber ao certo o momento em que se inicia seu aprendizado, por não ser sistematizado. Essa é também uma característica que identifica a acepção de tradição.

Observamos que uma das particularidades dessa profissão é a composição de sua força de trabalho majoritariamente por mulheres pertencentes à classe trabalhadora. Segundo Durham (1983) há em qualquer forma de sociedade humana uma divisão sexual do trabalho, uma diferenciação entre papéis femininos e masculinos. A renda de bilro por ser um ofício considerado como algo delicado, sendo basicamente atribuído às mulheres, por isso é uma profissão feminina.

Faz-se importante considerarmos com a referida autora, que a divisão sexual do trabalho nunca se restringe a esses aspectos gerais, mas tende a abranger grande número de outras atividades. Aliás, sua própria extensão, rigidez, variam de uma cultura para outra.

Atividades específicas como trançar, tecer, fabricar cerâmicas, plantar hortas, podem ser definidas numa sociedade como tarefas femininas, assim [...] atribuem às mulheres a fragilidade; pode-se ver as mulheres como seres frágeis (DURHAM, 1983, p. 329).

Partindo desse pressuposto da divisão sexual de trabalho e sobre as mulheres serem direcionadas a atividades tidas como delicadas, ou domésticas, compreende-se porquê de a trabalhadora artesã não ter o retorno esperado perante sua peça nos dias atuais, podemos remeter

ao que Martinelli (2001) ressalta que desde o ingresso das mulheres no mercado de trabalho, as mesmas, juntamente com as crianças, recebiam salários inferiores aos dos homens, considerando uma mão de obra barata. Aqui denota-se a histórica exploração do trabalho, numa sociedade econômica e culturalmente constituída em bases do patriarcado. E isso só acontecia devido o mercado não reconhecer a mulher como uma provedora do lar, não aceitando sua desvinculação dos afazeres do lar para se dedicar ao trabalho fora.

Segundo Margareth (1985) a família nuclear, reservada, voltada sobre si mesma, deveria estar instalada numa habitação aconchegante que exercesse uma sedução sobre o espírito do trabalhador, integrando-o ao universo dos valores dominantes. Essa concepção dominante apresenta um novo modelo normativo de mulher, elaborado desde meados do século XIX, pregando formas de comportamento e de etiqueta, inicialmente às moças das famílias mais abastadas e, paulatinamente, às das classes trabalhadoras, exaltando as virtudes burguesas da laboriosidade, da castidade e do esforço individual.

Segundo Martinelli (2001) essa utopia de uma habitação aconchegante para a família operária só ecoou no âmbito do discurso, pois os bairros e as moradias operárias desse período eram completamente inóspitos, a situação da classe operária na Inglaterra, citado várias vezes por Martinelli era considerada desumana. Conforme a autora observa-se que:

Há nesse momento uma demanda contínua de mão de obra para atender ao ritmo da produção fabril e, assim a concentração da produção leva a uma concentração da população operária, que, passando a viver nos arredores da fábrica vai incrementando o surgimento das cidades industriais, como condição necessária do capital. [...] O surgimento das cidades industriais impôs uma nova fisionomia ao contexto social, passando a própria urbanização a ser uma variável da industrialização capitalista. As precárias vilas operárias, construídas com frequência em locais inadequados a qualidade de vida, porém moldadas as exigências do capital. (Martinelli, 2001, p. 36-41)

Margareth (1985) relata que desde 1870, por exemplo, fundava-se em São Paulo a Escola Americana, que daria origem ao *Mackenzie College*, onde uma pedagogia importada dos Estados Unidos oferecia cursos de cultura física e práticas esportivas às jovens. Às mulheres pobres e miseráveis, as fabricas, os escritórios comerciais, os serviços em lojas, nas casas elegantes ou na companhia telefônica apareciam como alternativas necessárias.

Conforme Margareth (1985) quanto mais a mulher escapa da espera privada da vida doméstica, tanto mais a sociedade burguesa lança sobre seus ombros o anátema do pecado, o sentimento de culpa diante do abandono do lar, dos filhos carentes, do marido extenuado pelas longas horas de trabalho, também não se abre perspectivas profissionais para ela, como se poderia supor no primeiro momento. Afinal, a preocupação com a educação visa prepará-la não

para a vida profissional, mas sim para exercer sua função essencial: a carreira doméstica. Os conhecimentos que adquirisse deveriam, portanto, auxiliar a dissipar os antigos preconceitos que povoavam sua mente fraca e torná-la uma companhia mais agradável e interessante ao homem.

Para a autora, a construção de um modelo de mulher simbolizado pela mãe devotada e inteira, implicou sua completa desvalorização profissional, política e intelectual. Esta desvalorização é imensa porque parte do pressuposto de que a mulher em si não é nada, de que deve esquecer-se deliberadamente de si mesma e realizar-se através dos eixos dos filhos e do marido. Na poesia *A Operária* de Raimundo Reis (1910)<sup>11</sup>, a figura da mulher é associada a ideia da flor frágil e desamparada, vítima do capitalismo, corruptor e assassino, “máquina inconsciente” destinada a trabalhar e a procriar, ao contrário do homem, dotado de razão, símbolo da força e da coragem, princípio objetivo da humanidade, ativo e poderoso.

Como uma deusa toda-poderosa, a mulher, figura frágil e explorada, é, no entanto, o símbolo da anarquia, força que há de parir a nova sociedade, livre das misérias e das injustiças sócias. As denúncias que a imprensa operaria publicava sobre a exploração do trabalho da mulher apelavam, em primeiro lugar, para o problema moral da sexualidade e para os obstáculos à realização da função materna. (Margareth, 1985)

Engels (1984) também mostrava como o trabalho feminino nas ‘indústrias desorganiza inevitavelmente a família, e esta desorganização tem, no estado atual desta sociedade assente na família, as consequências mais desmoralizantes, tanto para os pais quanto para os filhos’, segundo o mesmo, o sistema fabril, para ele, impedia ainda que a mulher aprendesse os trabalhos domésticos e se tornasse uma boa dona de casa.

Margareth (1985) argumenta que o discurso operário masculino diz para a mulher trabalhadora, que a mesma é um “sexo frágil”, física e moralmente, numa atitude paternalista que visa protegê-la contra os dons Juan das fábricas e conscientizá-la da importância de uma organização política. Nesse sentido, o movimento operário, mesmo o anarquista, atribui-se o direito de liderança sobre as mulheres, seja devido à sua “débil constituição física”, seja devido à falta de combatividade que caracteriza a “natureza feminina”.

No século XIX, a imprensa operaria e o sindicatos eram comandados por homens, o que segundo a mesma Margareth (1985), dificultava encontrar relatos sobre a luta feminista tanto no âmbito do trabalho quanto em outros espaços da sociedade. Nesse período, o movimento grevista das mulheres ganhou força e elas começaram a destacar-se, sendo assim constituíram-se duas comissões para representar os trabalhadores (as), uma formada por homens e a segunda por mulheres. As greves das operárias buscavam a conquista de direitos que até

então não tinham, pois eram maltratadas, exploradas e caso faltassem pagavam multas, como não havia acordo como patrão, elas decretavam greves.

É possível observar que alguns recortes que a autora fez sobre as manchetes que saíam no jornal sobre esses movimentos grevistas eram carregadas de machismo, o que não é surpresa para ninguém, já que a mulher luta até hoje para conquistar seu espaço no mercado de trabalho e na sociedade. Sendo assim, as mulheres não participavam das organizações sindicais ou partidária, dando a impressão que seu movimento era desorganizado e que elas não tinham consciência política.

No entanto, quando o movimento grevista das mulheres foi ganhando força, a visão de mulher dócil, submissa e pacata foi desmistificada e os jornais operários passaram a construir duas imagens femininas, a submissa e a que sai a luta pelo que quer. A visão romantizada sobre a mulher também foi desmistificada porque nesse mesmo século elas foram as principais responsáveis por pedidos de anulação de matrimônio e divórcios, assumindo assim a despesa da casa, substituindo os homens em vários espaços da sociedade. Ou seja, elas enfrentaram todos os tipos de pressão e lutaram contra o aumento exagerado dos gêneros alimentícios. (Margareth, 1985)

Como relata Margareth (1985), os discursos normativos masculino designam um papel para mulher na sociedade e assim sustentam um discurso de que a mulher é a “guardiã do lar”. O que reforça a procriação como uma missão sagrada e vocação natural da mulher, um discurso para convencer a mulher sobre a importância do aleitamento materno. Pois no período do século XIX havia uma preocupação com a estética do corpo feminino, o que não é diferente nos dias atuais.

Conforme a sobredita autora, nesse período, haviam mulheres abastardas que contratavam amas de leite para amamentar seus filhos, já que elas queriam conservar seu corpo, muitas vezes com medo de perder o marido. Para mudar essa visão, os médicos tentavam persuadir as mulheres, fazendo com que olhassem a maternidade com outros olhos, e querendo desmistificar o que elas acreditavam. Como havia uma taxa de mortalidade infantil alta, os médicos faziam campanha sobre a importância do leite materno para as crianças.

No entanto, observa a mesma, não eram somente as mulheres ricas que tinham dificuldade de amamentar, por motivos bastante diferentes, as mulheres trabalhadoras também não podiam cumprir esse papel, pois tinham que trabalhar, por isso muitas delas também contratavam uma ama de leite. Ao perceber que as amas de leite, naquele momento, eram necessárias para as famílias e que não teriam como impedir que fossem contratadas, o poder médico da época articula um meio de fiscalizar essa função, criando um projeto de



regulamentação do serviço de amas de leite, que era composto por onze artigos, dentre os quais o segundo determinava que para exercer a função de ama de leite, a mulher teria que passar por exames médicos e assim receber um certificado para trabalhar, caso não tivessem esse certificado seriam multadas.

Essa função, porém, não era vista de uma forma boa por algumas pessoas da sociedade, principalmente os médicos sanitaristas, e os argumentos mais utilizados eram de cunho moral. Já que a Ama de leite era uma mulher negra e pobre, havia muito preconceito, afirmando que as crianças corriam risco de adoecer e que a “mão de obra” estava cara demais, e ainda tinha o fato da incômoda presença de uma pessoa negra no lar, o que poderia causar uma desagregação da família. (Margareth, 1985)

Em busca de convencer a mulher de que ela devia cumprir o seu papel de guardiã da família, evitando que uma pessoa estranha adentre o seio de sua casa, como não era só as mulheres ricas que tinham esse preconceito com a amamentação, em 1902, foi instituído o concurso de Robustez, esse concurso premiava as mães pobres que alimentassem naturalmente seus filhos até o sexto mês. (Margareth, 1985)

Para Margareth (1985) a valorização do papel materno nos meados do século XIX era difundido pelos médicos, que tentavam convencer às mulheres que o amor materno era inato, puro e sagrado, portanto, uma vocação natural da mulher a maternidade e a educação dos filhos. Desse modo, aquelas mulheres que não preenchessem esses “requisitos” eram vistas como anormais e pecadoras, em contrapartida, a sociedade patriarcal lhe impunha a responsabilidade do futuro da nação, pois caso não aceitassem esse papel, estavam pondo em risco o futuro da nação, uma vez que haviam desobedecido a ordem natural das coisas.

Para essa concepção a maternidade é como um sacerdócio, deixando sobre os ombros da mulher a responsabilidade pela saúde, higiene da criança e do marido e pela felicidade da família. A figura da mulher era como a de um complemento para o homem, pois tudo que faltava nele ela tinha e vice e versa. (Margareth, 1985)

As análises de Margareth nos possibilitaram refletir sobre o discurso masculino e moralizador dos médicos e sanitaristas sobre o papel materno, fazendo do mesmo uma "vocação natural", de modo que tanto a mulher burguesa quanto a mulher trabalhadora, tinham como tarefa natural a criação e a educação dos filhos. Assim, aquela que não obedecesse a essa regra de ouro da sociedade do capital, era vista como anormal, como pecadora e até mesmo criminosa, visto que não amamentar, não ser esposa e nem mãe colocava em risco até mesmo o futuro da nação.

A nação era colocada em risco, pois essa imagem da "nova mãe" passa a

desempenhar um papel fundamental no nascimento da família nuclear moderna. Essa nova mãe engloba em seu seio inúmeras questões que têm como objetivo o bem-estar de sua família. O lar, onde a mulher desempenhava seu papel (no campo privado), é considerado como o lugar privilegiado em que se forma o caráter das crianças, onde se adquirem os traços que definirão a conduta da nova força de trabalho do país. Daí, a enorme responsabilidade moral atribuída à mulher para o engrandecimento da nação. (Margareth, 1985).

A mulher operária passa a fazer parte do campo público (só que ainda em ambientes privados), porém com uma dupla jornada de trabalho, pois as mesmas trabalhavam nos espaços domésticos de outros lares e ainda tinham como responsabilidade o cuidado de sua família, evitando que seu esposo se embebedasse e que todos fiquem na rua até tarde. (Margareth, 1985).

Na obra resgata um pouco do pensamento de Rousseau, Juvenal M. das Neves e do Dr. Amarante e entre outros, acerca do que para eles seriam as características dessa “nova mulher” e as suas diferenciações do sexo masculino, dando ênfase também na análise da diferenciação dessa mulher que seria a certa para casar e que teria como imagem e referência a Virgem Maria, contrapondo com aquela mulher que se desvincula de todos os padrões, as prostitutas. (Margareth, 1985)

Destaca o pensamento de Rousseau (1977), para quem o homem tem características de um ser forte, corajoso, ativo, inteligente, pensante; enquanto que a mulher é naturalmente fraca, submissa, passiva, complemento masculino, reproduzindo e aprofundando a representação burguesa da mulher, definida por aquilo que o homem não tem. Daí, ao estabelecer como deve ser a boa educação da futura esposa e mãe, o referido autor acreditava que a mulher não deveria desviar-se do caminho já traçado pela natureza. (Margareth, 1985, p.81 apud rousseau, 1977, p. 238)

Ao estabelecer uma rígida linha de demarcação entre a diferenciação dos sexos, de sexualiza a mulher. Assim, o aspecto sexual da mulher perante o casamento só aparece se associado à ideia de procriação. O direito ao prazer no ato sexual é reservado ao homem, enquanto que a mulher deve manter sua castidade mesmo depois de casada. A mulher, destinada à carreira da maternidade. (margareth, 1985)

Essa relação entre esses homens e essas mulheres do mundo, se davam devido elas negarem a sua natureza biológica, tendo assim prazer nas suas relações e sobrevivendo através das mesmas. (Margareth, 1985)

A Margareth (1985) afirma que a transformação radical só será possível em outra organização social, na qual a integridade das relações familiares seja assegurada, de modo que se possa escolher seus companheiros e formar sua família, independente dos fatores econômicos, tão presentes na sociedade capitalista.

Para que haja uma verdadeira emancipação feminina é necessário um reordenamento moral, há uma necessidade de libertação do modelo burguês, deve-se quebrar o paradigma implementado em uma sociedade burguesa e masculina. Muitas autoras criticam a condição feminina dentro da sociedade capitalista, a luta pelos direitos, a necessidade de instrução, orientação sexual para jovens, liberdade de amar, a liberdade no ato da maternidade e dentro dessas discussões apontam a necessidade de conscientização das mulheres sobre a sua situação de opressão, mostrando a possibilidade de serem ouvidas, numa tentativa de libertação do domínio machista. (Margareth, 1985)

Há uma necessidade de estabelecer relações de igualdade entre homens e mulheres, de forma que tenham os mesmos direitos e oportunidades e que suas diferenças sejam respeitadas. As relações sociais não podem ser ordenadas por partidos políticos, assim como o amor, pois é impossível de ser organizado. (Margareth, 1985)

O ideal feminino, defendido por autores anarquistas, principalmente escritos por mulheres, negam a figura da mulher como a “rainha do lar”, negam também, a função de exclusividade na procriação. A crítica ao modelo burguês da esposa-mãe-dona-de casa, assexuada, vigilante e ordeira é delineada de forma difusa dentro dos textos anarquistas. Os debates sobre a emancipação da mulher na sociedade evidenciam a recusa do casamento monogâmico, imposição e autoridade dos companheiros, defendendo uma nova forma de relacionamento afetivo. (Margareth, 1985)

Uma relação conjugal, somente é válida, quando se estabelece de forma livre, independentemente de interesses econômicos ou de obrigações sociais. É importante conceituar o que seria esse amor livre, não é como alguns pensam e julgam, relações sexuais em praças públicas, ou andar registrado sob um número de polícia, é um ato onde homem e mulher se completam, estão juntos porque se querem, vivem juntos por vontade própria, diferente de muitos casamentos, em que duas pessoas são obrigadas a se suportarem, pois a mulher está ligada ao homem pelo fato de o casamento ser indissolúvel. Para Margareth (1985) em nossa sociedade atual, as relações afetivas entre homem e mulher são falsas e imorais, pois são regidas por interesses econômicos, evidenciando a dominação masculina, a mulher se torna escrava do homem, a quem deve obediência e assim faz sua anulação social, e conclui que as mulheres devem se rebelar diante desse papel humilhante que representam.

No regime capitalista, as relações familiares são fundadas sobre relações de interesse, unindo pessoas com desejos e objetivos diferentes, que se ofendem, se violentam ou até mesmo se odeiam, uma verdadeira relação de opressão. Diferentemente, o comunismo anárquico diz que a base da família é o amor e não uma relação mercantil, livre de interesses

econômicos. Caso essa relação sofra alterações e torne-se insuportável, dissolve-se a família e a comunidade ampara os filhos, defendendo assim, o divórcio. Portanto o amor deve ser livre, não comporta regras, e padrões já definidos e impostos pela sociedade. (MARGARETH, 1985)

É como Hirata (2016) reforça, a desvalorização do trabalho feminino e os baixos salários que recebem as mulheres, é uma forma de desincentivo à sua incorporação à força de trabalho. Uma tentativa de oprimir a mulher a voltar para o seu lugar segundo o modelo conservador a coloca. Para a referida autora, os mecanismos tradicionais de divisão entre o trabalho produtivo e reprodutivo hierarquizam a sociedade e o mercado de trabalho e reproduzem as desigualdades e discriminações de gênero.

Um fator chave para compreender a desvalorização da força de trabalho das mulheres, consiste no fator das mesmas serem diretamente ligadas ao trabalho reprodutivo e doméstico, visto que os homens são considerados os provedores do lar e essa ideologia ainda é muito forte, impregnada na sociedade patriarcal. O que leva a observação da atual conjuntura, quando assistimos a retomada do conservadorismo com mais efervescência, possibilitando a compreensão de que o mesmo não se extinguiu, mas, sim ficou por um tempo “adormecido”.

De acordo com Hirata (2016), a crescente entrada das mulheres no mercado de trabalho questiona os mecanismos tradicionais de reprodução social, ao diminuir a disponibilidade de tempo destinada pelas mulheres ao cuidado de suas famílias. Se bem denotarmos não existe apenas uma distribuição desigual do trabalho de cuidado da família entre homens e mulheres, mais também a organização e as condições de trabalho dificultam que muitas trabalhadoras desenvolvam suas potencialidades no trabalho e desfrutem uma vida pessoal e familiar satisfatória.

Voltando o nosso foco para o trabalho das rendeiras, observamos que as mesmas, a partir da necessidade de conquistar sua autonomia, mas, sem poder deixar de cumprir as atividades domésticas ou por consequência da autonomia do ofício, realizam seus trabalhos artesanais em casa, fazendo com que tenham uma dupla jornada de trabalho. Hirata (2007, p. 114) constata que a América Latina enfrenta atualmente uma crise do cuidado, em suas palavras:

Essa crise se desenvolve em um centenário de profundas transformações resultantes da crescente entrada das mulheres no mercado de trabalho e pelas tensões causadas pela persistência da noção tradicional de que as mulheres são as responsáveis exclusivas ou principais pelas atividades de cuidado ou, quando muito, uma força de trabalho secundária. [...] essa noção se reflete na organização das famílias, com a persistência de um modelo que pouco avançou no sentido de uma maior responsabilidade dos homens pelas atividades de cuidados. O que se reflete, ainda, na organização do mercado de trabalho e nos processos de formulação de políticas públicas, fazendo com que muitas dessas políticas

continuem baseadas na imagem da mulher como cuidadora principal, com total disponibilidade de tempo para encarregar-se das necessidades da família.

Com isso analisamos que o uso do tempo para as mulheres, é um fator essencial na articulação entre o trabalho e as responsabilidades familiares. Como esclarece Hirata (2016) as mulheres tendem a trabalhar mais em atividades não remuneradas, como por exemplo, em casa, cuidando do lar. Porém, quando se trata de a mesma ingressar no mercado, ela acaba por trabalhar mais que o homem, sua jornada é duplicada, fazendo assim com que a mesma tenha menos tempo para ter lazer.

#### **4 AS RENDEIRAS E AS ANÁLISES TECIDAS ATRAVÉS DA PESQUISA DE CAMPO**

Esta parte apresenta, em linhas gerais, a pesquisa de campo realizada através da sistematização e análise dos dados coletados através das técnicas de entrevista semiestruturada e observação participante na busca de compreender sobre o cotidiano das rendeiras e e dar base a respostas dos objetivos propostos pelo estudo aqui condensado.

A pesquisa de campo compreendeu 07 meses, entre a análise de como seria feita mediante o cenário pós pandemia e as fragilidades que esse trouxe, e sua efetivação, tempo esse subdividido entre o início de 2024 até julho do mesmo, demarcados entre os meses de janeiro e julho de 2024. O estudo realizado teve apenas uma vertente de análise e coleta de dados, a mesma se estabeleceu de forma presencial, em conversa com 07 rendeiras ali presentes. Visando preservar a identidade das entrevistadas, atribuímos nomes fictícios as que foram citados nessa pesquisa. Com exceção de uma entrevistada que contemplou o tópico seguinte, sobre o processo educativo.

A primeira forma de contato que tivemos com uma rendeira para a entrevista, foi de modo presencial, conversamos, e o desenrolar desse diálogo, trouxe à tona, muitas lembranças, de como tudo começou, para que atualmente, o Centro das Rendeiras exista, tudo o que enfrentaram, a pandemia, que foi um momento que fragilizou a todas, em virtude das incertezas e percas que a mesma trouxe, de parentes e amigas de caminhada , nesse ofício, do fechamento do centro das rendeiras, ocasionado pela pandemia e das barreiras que o mesmo proporcionou, essas artesãs, falaram com paixão do ofício e ao mesmo tempo com um certo tipo de tristeza, por ver que o mesmo não se efetiva de forma tão viva como era antes, mediante as mulheres.

A segunda análise, levou dois dias para ser realizada em sua completude, pois no período de julho a qual fora realizada essa segunda parte do trabalho dissertativo, presencialmente, no espaço de entrevista só estavam algumas rendeiras em seus boxes, devido a um curso que estava sendo realizado, que começou em maio e se encerraria em julho, o mesmo levou dois meses de grandes aprendizados e contribuições, trocas de saberes entre novas rendeiras e as mais experientes no ofício da renda. Essa parte foi dividida em dois aspectos, primeiramente no dia 20 de junho de 2024, resolvemos nos debruçarmos sobre a observação da dinâmica do centro das rendeiras com vistas a apreender a realidade dos sujeitos que trabalham naquele espaço.

Em seguida, no dia 17 do mês de julho de 2024, fomos conversar com as rendeiras

presentes no local, do total de 38 boxes, 20 estavam em funcionamento, entrevistamos aquelas que se dispuseram a participar, um total de 07.

Com o intuito de alcançar os objetivos traçados por essa investigação, a entrevista com formato semiestruturado compõe-se de perguntas que buscaram, sobretudo, entender como as rendeiras tem apreendido esse ofício; como elas tem repassado esse saber cultural; como as rendeiras tem capitalizado a produção da renda em meio a um cenário de exploração e desvalorização da força de trabalho dessas artesãs; como esse processo educativo tem transformado a realidade local das artesãs; podemos enfatizar aqui, sem os devidos aprofundamentos, que a importância desse artesanato no município ganhou força sobretudo com a política de interiorização do desenvolvimento a partir do primeiro governo de Tasso Jereissati – com o incentivo ao mercado do turismo que se iniciou com a criação do Centro de Artesanato Luiza Távora.

Diante da realidade a qual vivenciamos, no cenário atual no qual realizamos tal estudo, impôs uma brevidade da abordagem, devido as rendeiras em sua maioria estarem realizando um curso. Contudo, avaliamos que os questionamentos realizados na entrevista, possibilitaram que as rendeiras contassem, suas histórias de trabalho, de vida, de aprendizado e ensino, vivenciados através do trabalho artesanal.

#### **4.1 O processo de ensino e apreensão na cultura da renda de bilro na prainha de Aquiraz: de mulheres rendeiras a “professoras”**

Em consonância com a perspectiva ontológica anunciada nos tópicos anteriores, iniciaremos falando sobre a categoria central desta pesquisa que é processo educativo (o saber) existente na produção do artesanato da renda de bilro, mediado pela “sociabilidade, enquanto uma totalidade de processos e relações sociais que constituem o ser precisamente assim da vida dos homens”. (Lukács, 1984 apud Araújo, 2006, p. 43). No entanto ela nos remete a outra categoria, vida cotidiana, extremamente necessária neste trabalho de pesquisa.<sup>11</sup>

Em detrimento do que vimos anunciando, a perspectiva que adotamos é a materialista histórica e dialética, com sua fundamentação em Marx e seus seguidores, destacando as contribuições de Lukács e seus interpretes. Na obra de Lukács (1984), o autor apresenta a *reprodução social*, se articulando-se através de dois processos que ocorrem simultaneamente e em relação dialética, denominando-os como: sociabilidade e de

---

<sup>11</sup> Nosso suporte teórico-metodológico está fundado no método marxiano, cujo texto central de Marx (2013) foi por nós analisado em Araújo (2006).

individuação. Ou seja, à medida que os homens dominam a natureza e a transformam para a satisfação de suas necessidades, eles vão modificando a si mesmo e o mundo natural a sua volta.

Como visto no referencial teórico, retomamos com os autores Marx e Engels (1989), “o movimento de sociabilidade trata-se do próprio desenvolvimento histórico dos homens, um processo de naturalização do homem e de dominação da natureza. Neste processo os homens criam o mundo objetivo, pela mediação da *linguagem* e do *trabalho*, produzindo as condições materiais de vida.” (1989 apud Araújo, 2006, p. 44) É a própria sociabilidade<sup>12</sup> enquanto mundo criado pelos homens que se torna a condição básica da sua própria existência. Uma existência, que se apresenta cada vez mais universalizada e interdependente da natureza e dos outros homens.

A universalidade do homem aparece precisamente na universalidade que faz da natureza inteira o seu corpo inorgânico, tanto na medida que ela é meio de vida imediato, quanto na medida que é a matéria e o instrumento da sua atividade vital. A natureza é o corpo inorgânico do homem, a saber, a natureza na medida que ela mesma não é corpo humano (Marx; Engels, 1989, p. 155).

É necessário compreender que a sociabilidade está fundamentada nas relações de produção, o que pressupõe homens em relação entre si e com a natureza, portanto ela é a manifestação da produção material da vida dos homens. “A sociabilidade se constitui fundamentada em determinadas relações de produção, com a linguagem mediando o intercâmbio entre os indivíduos e plena de contradições” (Sousa Junior, 1993 apud Araújo, 2006, p.43).

Mediante esse processo, os homens estabelecem relações com o mundo objetivo e com os outros, assim constroem a sociabilidade enquanto mundo objetivo, mundo da sua prática social. Nisso constroem a vida cotidiana onde afirmam sua individualidade, através de seus atos singulares e escolhas. Sociabilidade, vida cotidiana e atividade humana são categorias sociais em relação. A compreensão de uma nos remete as outras, e vice versa. Como afirma Lukács (1977, apud Araújo, 2006, p. 48) “a sociedade só pode ser compreendida em sua totalidade, em sua dinâmica evolutiva, quando se está em condições de entender a vida cotidiana”. Podemos a partir desta exposição, afirmar que nossa busca por compreender a sociabilidade engendrada na Cultura da Renda de Bilro na Prainha de Aquiraz- CE, com toda a sua particularidade, nos remete para a vida cotidiana ali existente.

Os estudos de Heller (1970, 1977 apud Araújo, 2006, p. 48-49) são fundamentais

---

<sup>12</sup> Segundo Mota (2005) a sociabilidade se configura a partir das relações dos “indivíduos e grupos no trabalho, e, também nos seus grupos de pertencimento.” (p. 63)



para a compreensão da vida cotidiana, lembrando que as suas primeiras obras sobre a temática neste trabalho utilizadas, foram elaboradas no tempo em que a autora se pautava pelas teorizações lukacsianas. Para ela, a vida cotidiana é a materialidade da sociabilidade. É a vida de todo homem.

A vida cotidiana é o conjunto de atividades que caracterizam a reprodução dos homens particulares, dos quais, por sua vez, criam a possibilidade da reprodução social. [...] não está fora da história, mas no centro do acontecer histórico; é a verdadeira ‘essência’ da substância social. (Heller, 1970, p. 19).

Para Heller (1970, p.17), a vida cotidiana é a vida de todo homem, no qual este “participa com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade [...] seus sentidos, capacidades intelectuais, suas habilidades, sentimentos, paixões, idéias, ideologias [...] todos em relação [...]”. Nesta perspectiva, a autora demonstra o caráter dialético e histórico da vida cotidiana, por onde os homens constroem o mundo objetivo, ao mesmo tempo em que se formam e conformam.

A partir dessas relações mediadas pelo trabalho, no cotidiano, podemos adentrar as análises do trabalho de campo, nesse primeiro momento de modo sucinto, definiremos a palavra tradição e posteriormente falaremos sobre como essa mesma é mediada pela sociabilidade, com a educação não formal, marcada pela oralidade do repasse do saber. A palavra tradição, tem por significado<sup>13</sup> *entregar* ou *passar adiante* a transmissão de costumes, comportamentos, memórias, rumores, crenças, lendas, para pessoas de uma comunidade, sendo que os elementos transmitidos passam a fazer parte da cultura. E como esse passar adiante é realizado? O mesmo se realiza a partir da sociabilidade, da vida cotidiana e das relações humanas, por meio da educação não formal.

Segundo Tardif (2002), existem evidências de que a prática de uma vida, atrelada a técnicas de ensino e à convivência com o meio em que se desenvolve uma profissão, constituem ferramentas que culminam, por vezes, com a formação de profissionais como os professores de ofício, aqui exemplificados na pessoa destas duas mulheres que se tornaram “professoras da renda”, por uma decorrência de suas experiências e convívio com o ofício de rendeira. Adquiriram saberes que advêm, justamente, do trabalho de rendeiras e da convivência em uma comunidade, que perpetua a tradição da produção de renda. Como analisamos a seguir:

---

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.significados.com.br/tradicao/> Acesso em: 21/06/2024

[...] os próprios professores, no exercício de suas funções e na prática de sua profissão, desenvolvem saberes específicos, baseados em seu trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio. Esses saberes brotam da experiência e são por ela validados. Eles incorporam-se à experiência individual e coletiva sob a forma *habitus* e de habilidades, de saber-fazer e de saber-ser. Podemos chamá-los de saberes experienciais ou práticos. (Tardif, 2002, p. 39).

Ainda sobre as experiências das rendeiras, aqui tratadas como rendeiras-“professoras”, existe seu trabalho como artesãs, que existia muito antes de se tornarem educadoras. As rendeiras, praticam uma atividade muito antiga, que trazem como herança familiar, ou que faz parte do local onde cresceram: a produção de renda de bilros. O trabalho diário das mulheres na produção de renda não nos parece leve, ao contrário, além da paciência que é um fator principal tanto para aprender esse ofício, como para dar continuidade no mesmo, percebemos que é um trabalho realizado muitas vezes em turnos, que se combina aos trabalhos domésticos, como citado nos tópicos anteriores.

As mulheres sentam-se, pela manhã e pela tarde, em frente às almofadas, para trabalhar durante todo o expediente. Quem não tem filhas ou qualquer outra pessoa para fazer o trabalho doméstico, às vezes, comparece somente em um turno ao “local de trabalho”, mas ficam ali sentadas, com pouco descanso, durante quase todo o tempo. Se por acaso têm uma encomenda com urgência, demoram-se por vezes até a noite.

Segundo Catherine A. E. Fleury (2002) O trabalho pode ser definido como “toda atividade humana intencional que acaba na produção de um bem ou de um serviço que tem valor de troca” (p. 62). Quando se trata do trabalho da rendeira, o mesmo é visto geralmente como trabalho doméstico, trabalho feminino. Conforme Fleury observemos:

A confecção da renda sempre foi associada ao trabalho feminino e também caracterizado como trabalho doméstico. Contudo, não podemos deixar de lado a verdadeira indústria de rendas, que se constituiu principalmente nos séculos XVII e XVIII, quando proliferaram as manufaturas na França, em Flandres e na Inglaterra. ( p. 62).

É possível que o trabalho das rendeiras na Prainha tenha sido alvo de alterações de algumas formas, relativamente a este pensamento: a primeira delas diz respeito ao fato de que nem todas produzem mais a renda somente em casa, formando turnos de trabalho no Centro da Rendeiras da Prainha Luiza Távora. Outra modificação neste formato ocorre por intermédio da atividade que nasce quando algumas rendeiras se tornam também educadoras, o que as assemelha com suas mães, que iniciavam as filhas. Isto as situa em um patamar no qual praticam uma atividade profissional, que não é exclusividade de mulheres.

Estabelecendo com seu ofício uma relação de orgulho e capricho, podem contribuir com a perpetuação deste trabalho, entre as novas gerações de mulheres da Prainha. Indo além do exemplo, passam a conduzir o aprendizado das mais jovens como mestras, repassando a elas conhecimentos que adquiriram ao longo da vida. A exemplo disso, observamos que na última pesquisa de campo realizada no dia 16 de julho de 2024, a mestre do Centro das Rendeiras, Maria Cleide dos Santos, 66 anos, presidente da Associação das Rendeiras da Prainha de Aquiraz (ARPA), estava finalizando um curso que teve como parceria a Universidade Estadual do Ceará – UECE, de duração de 2 meses sobre ‘Artesã em Bordado a mão’, onde a mesma assumiu o papel de uma “professora”, ao ministrar as aulas, e passar para as alunas novas esse saber profissional. “Um professor tem uma história de vida, é um ator social, tem emoções, um corpo, poderes, uma personalidade, uma cultura, ou mesmo culturas, e seus pensamentos e ações carregam as marcas dos contextos nos quais se inserem”. (Tardif, 2002, p. 265).

Em geral, a formação de uma professora, seja ela de que disciplina for, começa antes pela sua formação enquanto ser humano: suas experiências, vivências, buscas, escolhas e conquistas. Sua história a faz, juntamente com o seu ofício, o universo que é. Como aqui trato do ensino da renda de bilros, mister que pertence à tradição oral e só por seu intermédio é transmitido, é possível que esse componente seja ainda mais importante. Por este motivo, ouvir as “professoras” de renda me pareceu importante para a compreensão deste artesanato. “Reconhecer que os professores de profissão são sujeitos do conhecimento é reconhecer, ao mesmo tempo, que deveriam ter direito de dizer algo a respeito de sua própria formação profissional, pouco importa que ela ocorra na universidade, nos institutos ou em qualquer outro lugar.” (Tardif, 2002, p. 240).

Ouçamos, pois, a seguir, a fala das duas “professoras de renda”, que tive a oportunidade de conhecer durante esta pesquisa, e que contam um pouco da sua trajetória de vida e do seu amor para com o ofício.

#### ***4.1.1 Educadora do ofício***

#### ***4.1.2 História de Olenir***

Chamo-me Olenir, sou rendeira do Centro das Rendeiras da Prainha Luíza Távora. Tenho 72 anos e faço renda desde criança. Minha infância e minha adolescência me trazem boas recordações, principalmente quando lembro de como aprendi o ofício.

Aprendi a fazer renda, com oito anos de idade, adorava ver minha mão

trabalhando, ainda pequena, imitava ela utilizando cocos secos como almofada. Mas quando chegou minha vez de aprender, foi maravilhoso, me senti importante. Todos os dias havia uma tarefa para fazer na almofada.

Quando começamos a conversar em meio a realização da entrevista, a mesma lembrou de sua infância, falando o quanto aprendeu com a mãe, o ofício da renda e os trabalhos domésticos, um atrelado ao outro. Como disse a seguir:

[...] eram outros tempos, outros valores, a mulher tinha um papel muito voltado as atividades do lar. O ofício da renda de bilro, foi para mim o meu primeiro ponto de independência. relatando que com 14 anos pagava a prestação da escola que frequentava. Olenir, aprendeu a cortar e a costurar cedo, com apenas treze anos, a mesma relatou que como era menor de idade a matrícula dela tinha como responsável o pai. (Olenir, rendeira e educadora, 2024)

Dona Olenir, aprendeu a fazer renda no dia-a-dia familiar, olhando sua mãe e sua avó fazer. Segundo ela, era costume naquela época as mulheres fazerem renda na porta de suas casas, observando os filhos brincarem e articulando junto o trabalho as atividades domésticas. Assim, também, muitas dessas mulheres, eram mulheres de pescadores, e faziam esse trabalho também a beira mar.

O modo como a rendeira Olenir aprendeu o ofício, segundo ela, foi o melhor, pois ela aprendeu por partes, cada processo tem sua importância, como veremos a seguir, em suas palavras:

O modo como aprendi o ofício da renda de bilro, foi o melhor jeito de aprender, pois a pessoa que deseja aprender, tem que vivê-lo, tem que entender que aprender a fazer renda é um processo criativo, lindo, mas demorado, os pontos bases, leva tempo e com esse tempo, leva a paciência também, é necessário dedicação, aprender a fazer renda é olhar, é ouvir, é receber a instrução pelos mais velhos, que já trabalham com o ofício, através da oralidade, é colocar em prática, entre erros e acertos. (Olenir, rendeira e educadora, 2024)

Ela disse que sua mãe lhe ensinou e como ela aprendeu dessa forma, é dessa maneira que ela repassa esse saber para as pessoas que chegam até a ela com a vontade de aprender o ofício. Segundo Brito (2015) “as tradições orais de cultura popular representam, antes de tudo, formas de conhecer o mundo, de comunicar valores, crenças e experiências de vida partilhadas num contexto de sentidos.” (p. 302)

A artesã, por ora entrevistada, lembra com carinho de como começou. Com a fala dela, lembramos o que Tardif (2002) observa, que este aprendizado como algo que leva uma vida para acontecer “através da imersão no ambiente familiar e social, no contato direto e cotidiano com as tarefas dos adultos para cuja realização as crianças e os jovens

são formados pouco a pouco, muitas vezes por imitação, repetição e experiência direta do labor.” (p. 57)

No período das entrevistas que realizei em 2024, tive oportunidade de ouvir algumas histórias sobre a beleza e a adversidade existente mediante o ofício. Segundo Olenir, quando você faz uma peça de renda, seja um aplique para uma blusa, um vestido completo ou um acabamento em um pano de prato, você tem que pensar em todo o processo, não é só fazer, é pensar em como vai fazer, o que vai ser necessário, tudo pode ser criado, mas exige um processo para obter êxito.

Dona Olenir, no momento da entrevista nos disse que concluiu o ensino médio, e a mesma tem graduação em ciências contábeis, ela relata que essa formação foi muito útil para a vida dela, principalmente para o ofício da renda de bilro, a profissional de renda comenta que com seu estudo e experiências tanto da vida pessoal, como já realizando o fazer profissional, fazem ela se sentir segura para repassar seu saber à frente.

A artesã relata que a primeira pessoa a quem ela ensinou o ofício foi para sua filha mais nova e desde então não parou mais de repassar esse saber, a quem se interessasse. Em entrevista, ela nos disse que tem 4 filhos e somente a mais nova se interessou pelo ofício, a mesma aprendeu, mas não quis seguir trabalhando enquanto artesã. A rendeira Olenir, diz que a geração de atualmente quer tudo fácil, quer ganhar dinheiro rápido, não tem paciência, por isso muitos não se interessa pelo ofício.

Quando entrevistamos ela, perguntamos qual a diferença entre a mestre da cultura da renda dos Centro das rendeiras, das demais rendeiras que ali estavam, ela me respondeu que:

A diferença é só o status mesmo, e porque a rendeira mestre do Centro das Rendeiras, atualmente, foi a única que foi até a Central de Artesanato do Ceará – CEART com a documentação necessária para obter esse título. Segundo Olenir, qualquer rendeira pode ministrar um curso sobre o ofício, desde que a mesma saiba e domine o fazer artesanal. Entretanto, a mesma explica que tem gente que sabe renda, mas, não sabe ensinar. Porque ensinar, é dom, requer paciência e essa virtude, poucos tem.

A mesma relatou que sua mãe, disse a ela várias vezes para fazer pedagogia, e ela disse que não tinha o interesse em fazer esse curso, pois não queria ser professora. A mesma disse que quando fazia a 8ª série, foi professora durante um ano, e essa experiência foi o suficiente para ela não querer ser professora. Porém, segundo ela mesmo falou: Eu sou uma professora de vocação, eu não sou uma professora de formação, eu não quis me formar como professora, mas já ensinei muito o ofício da renda e também já aprendi muito com

isso, há sempre o que se aprender. (Olenir, rendeira e educadora, 2024)

Segundo a entrevistada, depois que ela começou a se dedicar somente ao trabalho com a renda, nunca mais parou. Surgiu para ela várias oportunidades de ensinar o ofício. Ela relatou que foi difícil no início, pois precisou aprender a ser professora. Até então a única experiência que ela tinha tido foi ensinando sua filha e sendo aluna. Entretanto, ela disse que nunca se desesperou, pelo contrário, lembrou de tudo que aprendeu com a mãe e assim repassou esse saber. Como Olenir (rendeira, 2024) disse:

Na época em que aprendi, era tudo tão difícil, nós mesmos produzíamos o papelão em que é feito o desenho. Atualmente, ninguém tem mais essa preocupação, compra-se feito. O “ensino” hoje é diferente. Mas, ainda ensino como aprendi, com minha mãe. No repasse do saber tradicional, enquanto “professora” sempre busco primeiramente falar o que será necessário para começar. Olenir diz que: primeiramente precisamos dos materiais de trabalho, para a confecção do artesanato, aqui nos detemos, nos primordiais. Como: os materiais de uso na produção. A renda de bilro, é produzida em uma almofada cilíndrica, feita de sacaria (tecido de saco) ou chita<sup>14</sup>, recheada com folha de bananeira ou palha de carnaúba, na qual são presos o pique ou papelão com os desenhos de molde (molde esses rabiscados de canetas e furados com o espinho de mandacaru, para marcar o desenho que será traçado pelo enrolar dos bilros) e os bilros, nos quais a linha é enrolada. A almofada é a base para a confecção do trabalho e ela fica apoiado em um suporte de madeira chamado grade. Na Prainha de Aquiraz, os bilros são feitos com uma haste de madeira leve e delgada, presa a uma espécie de coquinho escuro e esférico, denominado “tucum” ou de caroço de buriti.

A exemplo do que a rendeira Olenir, citou anteriormente, sobre os materiais necessários, para a produção do artesanato. Trouxemos a seguir, imagens sobre os mesmos:

Figura 2 – Bilros



Fonte: Disponível em: <https://www.infoescola.com/wpcontent/uploads/2019/12/renda-bilros-1112792708.jpg>

<sup>14</sup> Chita é um tecido de planta barato, e antigamente de pouca qualidade, com estampas de cores fortes, geralmente negras, e tramas difíceis. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Chita\\_\(tecido\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Chita_(tecido)); Acesso em: 10/07/2024

Agora, veremos com mais detalhe uma almofada completa. Nesta foto observamos uma dimensão simbólica, onde mostra da almofada pequena, para a maior, mostrando que foi assim que essas rendeiras aprenderam, desde bem pequenas.

Figura 3 – A almofada onde é realizado o trabalho das rendeiras



Fonte: elaborado pela autora.

Depois de conseguir os materiais para a produção, é importante aprender a ouvir e observar, para só depois começar a tentar fazer os pontos básicos, que dão base a qualquer outro ponto mais sofisticado. Segundo a rendeira Olenir, essa é a parte mais difícil, pois cada um tem um tempo para aprender, tem pessoas que aprendem com mais facilidade e outras que levam um pouco mais de tempo, entretanto, se tiver paciência, dedicação e observar atentamente cada passo a passo, mediado pelas rendeiras que estão ensinando, a aluna aprende esses pontos em uma semana ou em um mês.

Na observação do próprio aprendizado, Olenir, desenvolveu um método para ensinar, que se pauta pela introdução dos pontos e modelos em uma complexidade crescente:

Quando comecei a fazer renda, só eram usadas linhas finas e brancas. Hoje, se aprende com linhas grossas e coloridas: trabalhamos com todo tipo de fios. Antigamente, fazíamos nosso próprio papelão, para os desenhos. Dava trabalho, mas sempre gosto de dizer isso para as pessoas que ensino, pois conseguimos dar jeito em quase tudo. Olenir, relata que ela e a mãe pegavam os papéis dos sacos cimento, esvaziados, só o papel mesmo, e ia colando um sobre o outro, até ficar na espessura que elas queriam, colocavam para secar no sol e depois de uma hora, o mesmo estava pronto para receber os desenhos para a confecção da renda, esses papelões que ela e sua mãe faziam era mais resistente e demorava a deixar os espinhos de mandacaru dançando sobre os mesmos (frouxos). Dona Olenir, diz que os pontos mais simples são: a trança, o pano e a baratinha ou traça. Eu começo ensinando a “trança”: em geral as aprendizes se iniciam fazendo este tipo de renda. O segundo ponto é o pano, para só depois aprenderem a fazer a baratinha, que segundo ela é a mais difícil.

As lições começam com o ponto que considera mais básico, a trança ou trançado, até chegar a elementos mais complexos, como o ponto e a baratinha:

Depois, vêm os pontos de “colmeia”, fazendo formatos de colmeia de abelha, onde é necessário a utilização de mais bilros. Começa-se a aprender o “trançado ou trança” com quatro pares de bilros. Depois se passa para seis pares, depois para oito e depois dez e então para doze pares de bilros. Daí vai mudando a sequência de pontos e aumentando a largura da renda. Quando a aluna já sabe fazer a trança, o pano e a traça, que são os três pontos mais básicos, já pode fazer uma blusa. Os pontos das blusas são esses: trançado/trança, pano e traça. Ao final do curso as alunas sabem fazer blusas.

Figura 4 - Três pontos básicos para a confecção de uma blusa

Pano

Trança



Baratinha ou traça

Fonte: elaborado pela autora

Tendo somente a experiência prática, as professoras tendem a associá-la com outras teorias para o ensino da renda também. Uma vez que um professor que passa pela formação teórica para exercer o magistério necessita também da formação prática, como seria a formação de um professor, ocorrendo somente na esfera prática?

O valor das tradições da oralidade se encontra menos na possibilidade de “resgatar” um passado para preservá-lo do esquecimento como apregoava o discurso folclorista do século vinte, e mais no fato de essas tradições significarem testemunhos e afirmação de identidades. [...] todo saber em uma comunidade se constrói ao longo do tempo e em função das necessidades consideradas importantes para a existência do grupo. Ao mesmo tempo em que se constitui o saber, alguns modos de ensinar são formulados envolvendo situações pedagógicas interpessoais. O saber é transmitido diante das atividades desenvolvidas no cotidiano, quando a palavra ganha estatuto de ação. Consolida-se o aprendizado no momento da ação. Há trocas de experiências entre mestres, brincantes, familiares e pessoas da comunidade no seu cotidiano. A tradição se refaz por esse caminho. (Brandão apud Brito, 2015, p. 302) “ensinar provém de



sua própria história de vida, principalmente de sua socialização enquanto alunos. Os professores são trabalhadores que ficaram imersos em seu lugar de trabalho durante boa parte da sua vida, antes mesmo de começarem a trabalhar. Essa imersão se expressa em toda uma bagagem de conhecimentos anteriores, de crenças, de representações e de certezas sobre a prática de ensino. (Tardif, p. 68).

Ora, assim como os professores de profissão, sobre os quais Brito e Tardif discorre, as professoras de renda também passaram uma boa parte de suas vidas, ou a vida inteira, inseridas em seu ambiente de trabalho, visto que muitas aprenderam ainda na infância. Presenciaram, durante a infância e toda a sua vida, a formação de rendeiras pelas mãos das mães, tias, avós e parentas das meninas de sua comunidade. É de se esperar que, ao dominarem as técnicas de confecção da renda, estejam possivelmente preparadas para passá-las adiante.

Desta vez, não só como mães ensinando o ofício para as suas filhas, mas como mestras (professoras) de outras jovens. Nas primeiras instruções que dona Oledir deu, a mesma disse que: ainda se fazia só renda de bico (ou seja, detalhes feitos de renda nas bordas de pano de prato, pano de bandeja e aplicações). Nós ainda não fazíamos vestidos, nem camisetas. Os novos desenhos só apareceram a partir do ano de 2000. Daquela época para cá, muita coisa mudou e melhorou bastante. Hoje mudou tudo. Dona Olenir (rendeira, 2024) diz:

Conseguimos ter mais firmeza no que fazemos, com o tempo e experiência que adquirimos com o mesmo, ninguém aprende nada de uma hora para outra, tudo requer tempo. Os trabalhos de renda melhoraram muito com o passar dos anos, fomos mudando e tivemos que nos adaptar com as novidades do mercado, para não ficarmos para trás, de acordo com as vivências e necessidades, cada vez mais, adquirindo conhecimento: uma coisa leva a outra. Fomos nos moldando para assim repassar o saber da melhor maneira.

Olenir, nos revela que produzir renda é produzir vivências, é ter criatividade, é se reinventar. Podemos copiar ideias, entretanto, o prazer existente em criar algo novo, de pensá-lo e tentar concretizar e conseguir, é um sentimento indescritível. Lembro-me da primeira vez que fiz o meu primeiro vestido de renda, levei duas semanas para desenhá-lo sobre a resta de papelão e mais de um mês para concluí-lo, entretanto, foi uma das minhas maiores realizações.

Primeiro comecei a fazendo apliques em blusas, panos de prato, vestidos, para depois tentar fazer um vestido completo de renda. Lembro-me da dificuldade que tive para confeccioná-lo; pois, era uma peça grande e completa, porém estudei um jeito de fazer o vestido, dividindo-o em pedaços. Assim, o primeiro vestido que fiz foi dividido entre vários pedaços pequenos, para depois juntarmos as peças em um só objeto. O resultado foi melhor do que eu esperava.

Figura 5 – Vestido com detalhes de renda



Fonte: elaborado pela autora

A seguir mostraremos um vestido totalmente feito de renda:

Figura 6 – vestido todo de renda



Fonte: elaborado pela autora

As camisetas, também, podem ser feitas divididas em aplicações, ou podem ser feitas inteiras, quando são menores. Desse modo, fomos aprendendo a modificar um desenho após o outro, um molde após o outro. As coisas vão mudando e vamos nos habituando aos dias de hoje, porque tudo tem que ser renovado. E tudo está melhorando. Agora já criamos os colares, coisa nova também.

Quando estive na Associação, coincidindo com a segunda parte da pesquisa de campo, presenciei a Dona Olenir criando uma blusa, desenhando no mesmo, para depois ir furando o papelão, para assim dar base o caminho que ela iria percorrer para a confecção daquela peça, com paciência e atenção foi fazendo cada traço no papelão. Ela também relatou que antes tudo o que ela sabe fazer, foi se inspirando também nas rendas produzidas em outros países, e que ela, assim como as demais rendeiras, buscam sempre novidades e com isso trocam saberes. Há, portanto, a noção de troca de conhecimentos, quando Olenir diz que todos os envolvidos aprenderam durante os anos em que as mudanças acontecem no âmbito da renda de bilros no Centro das Rendeiras da Prainha Luiza Távora, nos últimos anos. Muitas pessoas que vieram de fora ajudaram na mudança inicial, mas, atualmente, parece que as primeiras alterações foram como um impulso para que a criatividade de Olenir florasse:

Figura 7 – Molde de uma blusa exclusiva criada por Olenir



Fonte: elaborado pela autora

Analisando tudo o que foi dito pela entrevistada, observamos que para além da beleza existente nos trabalhos, existe planejamento, feito pelas rendeiras, para ministrar o repasse desse saber, com semelhança de outros cursos do ensino formal, sendo discriminados os passos da aluna durante o aprendizado, desde a primeira até a última aula. O planejamento divide o saber em três momentos. No primeiro para aprender o ofício, começam com as coisas mais simples e vão até a feitura dos pontos necessários para a confecção de panos de bandeja e blusas de renda. Para isso descrevem técnicas de observação do desempenho das alunas, explicações práticas, amostragem das ferramentas, entre outras, que parecem esclarecer para as alunas, rendeiras iniciantes, os caminhos para o aprendizado.

A percepção do prazer que o ofício de renda propicia, também, é ouvida na fala de dona Olenir. Destaca o fato de que gosta muito de seu trabalho e que quando realiza o mesmo, esquece do mundo enquanto troca os bilros. O trabalho, igualmente, é citado como forma de terapia. Neste caso, mais uma vez, a experiência pessoal seria pano de fundo na constituição daquelas rendeiras-professoras

Não me imagino sem a renda. Gosto muito de ensinar e ainda mais de fazer renda. Estou sempre pensando no que vou criar de novo, porque temos sempre que acompanhar as mudanças. Tudo está sempre renovando. Ensinar é bom e muito importante, mas, sentar ali na almofada e ficar fazendo a minha renda é melhor. Faço as duas coisas, entretanto, gosto mais de fazer renda. Às vezes, do nada fico pensando no que vou inventar, no que eu posso colocar a renda.

Assim, é que Olenir se levanta a cada dia com o desejo de se doar mais para o ofício, com ideias para novas criações, o que a move para o trabalho de inventar dia-a-dia novos objetos de renda. É interessante ressaltar que ela é uma das únicas que vi falando sobre o poder e a importância de ser criativa entre as artesãs. As demais seguem copiando as criações de outrem. Visando mais a parte financeira que o ofício pode proporcioná-las.

Quando se refere ao seu ofício, o orgulho pelo que faz aparece como um dos grandes móveis para produzir. Isto se reveste de significado, e remete à realização pessoal que brota do trabalho, como fica patente na fala de Socorro, que encerra a nossa conversa:

Hoje me orgulho quando eu faço um trabalho que as pessoas dizem: Olenir, isso é lindo! Foi você quem fez? E posso dizer que sim. Essa sensação não há dinheiro que pague. Hoje em dia, ser rendeira pra mim significa tudo. Eu tenho orgulho de dizer que eu sou rendeira e do trabalho que eu faço, em primeiro lugar. É maravilhoso.

Analisaremos a seguir as adversidades frente o ofício.

## **4.2 O processo de exploração do trabalho das rendeiras e o dilema da tradição: permanência e mudança**

Segundo Costa (2014)<sup>15</sup> a representatividade da mulher rendeira na capital cearense, Fortaleza, encontra como principal indicador de seu ofício, o monumento da mulher rendeira, esculpido pelo artista pernambucano Corbiniano Lins, instalada no jardim de uma

---

<sup>15</sup> Segundo Costa (2014), no ano de 1965, o referido artista ganhou o primeiro lugar em um concurso e teve a oportunidade de esculpir três esculturas que enaltecem a cultura popular, quais sejam: a rendeira; monumento a Iracema, e o Vaqueiro.

agência do Banco do Brasil, localizada no centro da cidade.

O destaque da figura feminina como a realizadora desse trabalho manual, reforça o fato da renda de bilro ser considerada uma atividade delicada e, por assim dizer, na divisão sexual de trabalho, um papel cumprido pelas mulheres.

A cultura da renda de bilro faz parte da historicidade do povo cearense de forma tão intensa que, em 2020, por ocasião de um incidente ocorrido durante a reforma da agência bancária onde estava instalada, a sobredita escultura foi praticamente destruída. Contudo, por ser considerada um patrimônio histórico, membros da sociedade civil se organizaram através das mídias e conseguiram fazer com que o Banco do Brasil assumisse a sua restauração e, quase um ano depois, foi devolvida ao seu local de origem, restaurada pelas mãos de Chico Lins, filho de Corbiniano Lins.

Segundo a Pagina *Continuidade da Tradição*<sup>16</sup>, tomando por base dados da Central de Artesanato do Ceará<sup>17</sup> (CEART), estão cadastradas mais de 38.000 rendeiras, entretanto a realidade sobre a quantidade desses dados é bem diferente, quando analisado na prática, somente em Trairi há cerca de mais de 5.000 rendeiras em atividade, essa situação não é diferente quando se leva em conta os outros municípios cearenses.

O presente trabalho, conforme explicitado anteriormente debruçou-se sobre a realidade das rendeiras do Centro de Rendeiras Luíza Távora, localizado em Aquiraz, o qual se subdivide em 38 boxes, cada um sob a responsabilidade de uma profissional dos bilros.

Essa parte da pesquisa mostrará de forma breve as dimensões de exploração e desvalorização do trabalho das referidas artesãs. Por meio das falas das entrevistadas observamos que ao analisarmos o processo de produção e reprodução do trabalho das referidas artesãs, percebemos que as mesmas peças, vendidas por essas mulheres por um preço ínfimo aos seus compradores diretos, são revendidas por um alto preço no mercado artesanal, de modo que o retorno em forma de lucro para aquelas que produzem essa renda é algo a se analisar minuciosamente, pois existe uma super-exploração desse trabalho artesanal, acarretando a desvalorização do trabalho das mesmas.

Para compreendermos a relação de desigualdade social existente na venda e na canalização do lucro do artesanato da renda de bilro, é necessário entender a relação dos interesses capitalistas x trabalhadoras artesãs.

---

<sup>16</sup> Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opiniao/editoriais/continuidade-da-tradicao-1.2965759>.

<sup>17</sup> <https://www.sps.ce.gov.br/2023/11/21/ceart-homenageia-rendeiras-de-todo-o-ceara-com-arvore-de-renda-de-bilros/>

Para tanto, faz-se interessante recordar o processo de desenvolvimento do modo de produção capitalista e observar os seus impactos, principalmente no tocante ao trabalho dos artesãos. Referimo-nos, portanto, ao desenrolar da história que teve início com a Revolução Industrial, ocorrida no século XVIII, e seus desdobramentos até o capitalismo contemporâneo, o que permite identificar que antes do surgimento das fábricas e a consolidação do sistema capitalista, o artesanato era o principal meio de organização do processo produtivo de utensílios básicos<sup>18</sup>. A partir de então, através de várias mediações, sobretudo da inserção da maquinaria nos mais diversos processos de trabalho, o artesanato foi perdendo espaço e se desvalorizando, fato presente até hoje.

Tomando por base esse processo histórico do sistema capitalista que foi se consolidando e sofrendo modificações até o período contemporâneo, esse fator impactou tanto na estrutura social quanto política das sociedades.

Assim, para entender esse percurso, partimos da compreensão marxista de que a reprodução social está intimamente ligada à esfera da produção. Por ser algo que envolve toda a sociedade em seus múltiplos aspectos, Marx (1983) em seus escritos suscita que quando o sistema capitalista foi inserido no *locus* social, tudo se alterou, principalmente a lógica mercantil, a mesma superou o processo de troca vinculado às necessidades de um fazer focado na apreensão do processo de aprendizado completo<sup>19</sup> e passou para a relação de visionar o dinheiro, a busca do D'<sup>20</sup>, o que fragmentou o trabalho e o seu processo.

Historicamente, conforme o referido autor, o capital se defronta com a propriedade fundiária, no início, em todo lugar, sob a forma de dinheiro, como fortuna em dinheiro, capital comercial e capital usurário. No entanto, não se precisa remontar à história da formação do capital para reconhecer o dinheiro como a sua primeira forma de aparição. A mesma história se desenrola diariamente ante nossos olhos, a cada novo capitalista.

Na expressão de Marx (1983, p.125) configura-se em primeira instância o palco, isto é, o mercado, mercado de mercadorias, mercado de trabalho ou mercado de dinheiro, sempre ainda como dinheiro, dinheiro que deve transformar-se em capital por meio de determinados processos.

Para Huberman (1981, p. 109) é importante compreender essa fase da organização

---

<sup>18</sup> Sobre a Revolução industrial ocorrida no século XVIII - <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/revolucao-industrial.htm>. HOBSEBAWM, E. J. **A era das revoluções**. 9.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

<sup>19</sup> Segundo Marx (1983) os artesãos eram os que detinham esse conhecimento completo.

<sup>20</sup> Segundo Marx (2004) D-M-D' - O capitalista investe um valor x para a produção da mercadoria, para no final o mesmo transformar o valor investido em mais dinheiro (ou seja, mais-valia).

industrial, pois antes os produtos do trabalho não tinham como fim a venda, mas sim o atendimento das necessidades domésticas.

Com o Sistema fabril: produção para um mercado cada vez maior e oscilante, realizada fora de casa, nos edifícios do empregador e sob rigorosa supervisão. Os trabalhadores perderam completamente sua independência. Não possuem a matéria-prima, como ocorria no sistema de corporações, nem os instrumentos, tal como no sistema doméstico. A habilidade deixou de ser tão importante como antes, devido ao maior uso da máquina. O capital tornou-se mais necessário do que nunca. Do século XIX até hoje.

Assim, observamos que o desenvolvimento do sistema capitalista tem grande influência tanto no processo de desvalorização do trabalho manual por parte do mercado, quanto cultural no que consiste à conservação de tais ofícios. A intensa exploração da força de trabalho dessas artesãs e a sua não valorização põe em risco a sua manutenção com o seu respectivo ofício, pois por ser uma atividade laboral com baixo retorno econômico para aquelas que a produzem, poucos querem dar continuidade à mesma. A reflexo disso temos os dados colhidos na pesquisa de campo.

A partir de agora adentramos aos dados colhidos pela pesquisa de campo, através da qual, buscamos trilhar o caminho de superação da aparência, pois como bem pontua Minayo (1992), o princípio da descoberta está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado.

O perfil das entrevistadas foi traçado a partir dos seguintes pontos: idade, escolaridade, estado civil, naturalidade, composição familiar, renda e saber se todas do centro possuem a carteirinha do artesão. Pensamos que a partir desses dados, conseguiríamos informações mínimas para precisarmos a realidade socioeconômica das rendeiras.

Para além disso foram realizadas perguntas referentes ao ofício, tais como: Se a renda foi um fazer cultural passado para elas de geração a geração ou se foram elas mesmas quem começaram esse fazer no meio familiar; se alguma de suas filhas seguiu seus passos como artesã; qual a importância da renda de bilro para a sua família; se há incentivo por parte do município ou até mesmo entre o núcleo familiar das rendeiras, sobre o processo da preservação e no repasse desse ofício para as gerações futuras ou se as mesmas reforçam para os filhos buscarem um meio de vida melhor e com mais estabilidade; quais as condições de trabalho; as peças são produzidas e comercializadas de forma autônoma ou são encomendadas por alguém que as comercializa; como é estabelecido o valor da sua mão de obra para cada peça, principalmente no que concerne a pessoas que compram para a revenda; quais as principais dificuldades e desafios que enfrentam para exercer a profissão de artesã; no período de alta

estação, com a chegada de turista na cidade, as vendas melhoram; se os turistas valorizam o artesanato aqui referenciado; diante das especulações dos preços (sobre acharem que a peça está cara), qual a justificativa dada para a valorização do seu trabalho manual; houve dificuldades para a senhora sustentar a família com o trabalho como artesã; Caso tenha. Quais; qual a importância para as mesmas, do artesanato da renda de bilro para a cidade de Aquiraz; o centro das rendeiras deu mais visibilidade para a cidade, no atrativo de turistas e circulação de dinheiro; como se apresenta o município e o Estado a respeito desse fazer cultural após a inauguração do Centro das rendeiras, onde fora algo muito pautado. É algo em que os mesmos deem importância, visibilidade e reforçam a relevância desse ofício para a cidade; Pautando-se disso começamos as abordagens. Iniciaremos com a rendeira Maria José

Anteriormente a essas entrevistas presenciais, realizamos uma abordagem de forma remota com a rendeira Maria José, 78 anos, possui nível fundamental incompleto, divorciada, naturalizada de Aquiraz-ce, possui 05 filhas. A mesma é aposentada, sua renda é proveniente do aposento e das peças de renda que ela ainda produz. Através de uma entrevista semiestruturada, perguntamos a dona Maria José, como se configurava para ela a prática profissional e se a mesma provinha a vida de sua família. A mesma relatou que:

A renda foi por um tempo a única forma de sustento que ela tinha, pois na época em que começou a viver da renda, ou seja, no início de sua vida adulta, a mesma tinha duas filhas e precisava ter o que comer todos os dias, o seu marido não colocava praticamente nada em casa, pois gastava com outros meios. Por isso, ela trabalhava até à noite, na época não tinha luz, ela usava lamparina. De acordo com ela, na época era difícil para vender, devido à concorrência e chegava o inverno o povo não comprava, devido à falta de movimento na cidade. Depois o artesanato passou a ser renda complementar. (MARIA JOSÉ, rendeira, 2024)

Para além disso, em conversa com a mesma, através da vídeo chamada, explicou que aprendeu a fazer renda com sua mãe, que aprendeu de sua avó e que assim teceu esse fazer passado de gerações. Adentrou também para a perspectiva de que sempre incentivou as filhas para esse ofício e que todas sabem fazer a renda de bilro, mas, somente uma seguiu seus passos. As demais procuraram outros meios e profissionalizações. Segundo Maria José (rendeira, 2023), a renda foi durante muito tempo o seu único meio de vida, com isso tem sua significância, não só por fazer parte do ciclo de mulheres que ainda levam esse conhecimento, mais também, da mesma forma que esse ofício gerou um ganho para a manutenção do seu seio familiar, compartilhar esse ensinamento auxilia também em uma melhoria de vida dessas mulheres,

a qual está sendo destinadas, dando as mesmas uma forma de independência,



visto que o mercado de trabalho cada vez mais deixa as margens um exercito de reserva.

Contudo, a artesã Maria relatou que existem dois modos de trabalhar com o referido artesanato, o primeiro é sobre encomenda a qual muitas vezes ,segundo ela , não coloca o valor real de sua força de trabalho no preço da peça, visto que já é algo bom só em ter alguém para encomendar um número X de produtos, aqui chamamos de atravessador, a pessoa que compra o produto por um valor ínfimo e por vezes ganha até o triplo , em cima da mesma peça, entretanto , segundo ela, é melhor essa realidade, do que ficar sem vender nada. O segundo modo é fazer os produtos e colocar a exposição, nos boxes, futurando uma venda. Em detrimento disso, aborda que a maior dificuldade encontrada é a de fazer o comprador compra a peça pelo valor que ela realmente vale. Visto que muitos pechinham<sup>21</sup>.

Algo bem notório em todas as respostas e argumentos das profissionais entrevistadas, foi que o centro das rendeiras é um espaço turístico que atrai pessoas de todos os lugares e que gera renda para a cidade, um reflexo disso, segundo estas são os períodos de alta estação, no caso julho e dezembro, em que as mesmas veem a faturar mais , pois os e que os turistas valorizam seus trabalhos e é quando há uma grande concentração dos mesmos , durante dias na cidade, muitos passam de 15 á 20 dias, apreciando e conhecendo as belezas da cidade.

Na pesquisa de campo, entrevistamos primeiramente Jocélia de 77 anos, escolaridade de nível fundamental incompleto, viúva, natural de cascavel-ce, a mesma possui 07 filhos ( 05 mulheres e 2 homens). No decorrer da entrevista, J u c é l i a abordou que o dinheiro advindo das peças de renda é algo que ajuda muito, apesar de ser incerto.

Nesse ir além do que aparentemente se apresenta, nos deparamos com a importância econômica daquele fazer artesanal para a cidade de Aquiraz-CE, sendo o Centro das Rendeiras um dos pontos turísticos mais visitados. Segundo a entrevistada Jocélia de 77 anos (boxe 05), a mesma abordou que os seus filhos Alisson e Alessandro são bugueiros, os mesmos mostram a cidade, os pontos turísticos, contam a história da renda de bilro e abordam, principalmente, o trabalho da mãe e das rendeiras do Centro, do qual eles têm muito orgulho.

Para compreender a realidade e o cotidiano dessas trabalhadoras, seus trabalhos objetivado e sua subjetividade, dando ênfase às rendeiras da Prainha de Aquiraz-CE, faz-se necessário entender que a grande maioria das mulheres que praticam esse trabalho artesanal costuma ser mulher de pescador, confirmando a informação de Bonatelli (1956) de que as rendeiras são mulheres com baixas condições financeiras, pertencentes à classe trabalhadora e que necessitam desse meio para a sua subsistência e a de sua família.

---

<sup>21</sup> Tentar comprar abaixo do preço que realmente vale. Disponível em : <https://www.aulete.com.br/pechinchar>

Essas mulheres são mães, esposas, donas de casa e sonhadoras, porque para produzir tamanho feitiço artesanal é preciso ter criatividade, de modo a bem formular a teleologia, antes de expressá-la através dos bilros. A prática artesanal desenvolvida por elas se perpetuou até hoje porque é um conhecimento passado de geração em geração: as mães dão prosseguimento a essa história ao ensinarem às filhas o seu ofício <sup>22</sup>.

As mulheres que produzem esse trabalho, contam, dia após dia, através do mesmo a sua história, deixando a sua marca, perpetuando a técnica, e valorizando o espaço em que estão inseridas com a beleza de sua renda, com as suas determinações e, principalmente, com a sua força diante da realidade da vida, porque criam seus filhos basicamente sozinhas, enquanto seus maridos encaram outros perigos e a incerteza de voltar para casa, ao enfrentarem o alto mar.

A primeira entrevistada no Centro das rendeiras foi Jocélia, 77 anos, com o ensino fundamental incompleto, viúva, cuja renda familiar advém da pensão de 1.200 deixada pelo marido pescador, conhecido como João. A mesma relatou que a renda de bilro para ela, nunca foi um meio de garantir a sua subsistência completamente, sempre foi um renda complementar. Nas suas palavras: “O ganho que eu consigo através da renda de bilro é algo incerto. É algo que ajuda muito quando se vende algo, mas há semanas em que eu passo de três a quatro dias sem vender nada”. (Antônia, Informação direta, 2024).

A mesma explicou que nos períodos de alta estação (Julho e Dezembro) vende bastante. Em conversa ela falou que o ofício da renda foi algo repassado pela sua avó e sua mãe e que ela fez com que todos os seus filhos seguissem os seus passos. Mãe de sete filhos, dos quais cinco são mulheres (Carla, Ana, Letícia, Joana, Célia), todas aprenderam a fazer a renda de bilro e quatro delas vivem desse trabalho. A outra filha é terapeuta e os dois filhos, Alisson e Alessandro, são bugueiros e reforçam a importância desse artesanato para a cidade.

Dona Jocélia, nasceu em Cascave-CE, no interior conhecido como Choró Zabumba, a mesma explicou que veio para Aquiraz com seis anos de idade com seus pais, cuja mãe era rendeira e o pai pescador. Ela expressou que a renda de bilro sempre foi algo presente em sua vida e por isso repassou para os seus filhos e a sua neta de apenas 10 anos de idade, mais que já se garante em fazer a famosa baratinha<sup>23</sup> nas peças a vó produz.

Ainda sobre a entrevista com dona Antônia (2021), a mesma disse que atualmente

---

<sup>22</sup> Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opiniao/editoriais/continuidade-da-tradicao-1.2965759> Acesso em: 25/05/2024

<sup>23</sup> Essa parte da peça é conhecida por diversos nomes, no Nordeste é a traça; em Campos, baratinha, matachê e goibirro; em Porciúncula, matachê; em Arraial do Cabo, bolinha; em Saquarema, folhinha. E assim vai. Disponível em: <http://www.inepac.rj.gov.br/application/assets/img/site/RendeirasdeBilro.pdf>; acesso em: 15/04/2024

trabalha das 08h às 11h e das 12h às 16h, entretanto, antes disso ela não tinha horário certo para terminar de trabalhar, começava de manhã e se prolongava para a noite, isso mudou porque segundo ela, sua visão não é mais a mesma.

Aqui faz-se oportuno lembrarmos com Marx (2013, p.42), que o trabalho excedente é a força motriz do capital, uma vez que [...], o desenvolvimento da produtividade nunca pode beneficiar espontaneamente a classe operária, mas, ao contrário, é feito precisamente para aumentar sua exploração.

A entrevistada observou que em menos de um mês havia produzido 10 biquínis de renda de bilro, e que a produção de cada um resultou em três dias de trabalho. O conjunto foi vendido por 60 reais. Há quem ache caro, mas segundo ela, não muda seu valor e nem diminui o mesmo, porque valoriza o seu trabalho e reconhece o esforço empregado.

Figura 8 - Foto retirada na pesquisa de campo realizada em 2024



Fonte: Elaborada pela autora.

Em linhas gerais, Jocélia complementou que não contribui para a Previdência Social e que há uma senhora que faz os desenhos no molde que ela coloca na almofada, para produzir a peça, do jeito que ela pede. Segundo ela, até hoje os turistas nunca especularam o valor de seu trabalho, pois os mesmos acabam por ver elas produzindo as peças, e observando o trabalho que dá, já a população da cidade de Aquiraz, são os que mais reclamam do valor das rendas.

Segundo a entrevistada todas as rendeiras do Centro Luiza Távora têm a carteirinha do artesão e que as mesmas estão vinculadas ao Centro de Artesanato do Ceará– CEART, pois segundo a referenciada, essa vinculação a CEART, garante a mesma a exposição de seus produtos na página e a carteirinha do artesão dão as mesmas muitas vantagens tais como:

- a) Possibilidade de participação em feiras de artesanato nacionais e internacionais;
- b) Possibilidade de participação em oficinas e cursos de artesanato;
- c) Acesso a incentivos fiscais (benefício dado somente em alguns estados);
- d) Isenção do ICMS na comercialização dos produtos;
- e) Facilidade de acesso ao microcrédito (empréstimo de pequeno valor a microempreendedores formais e informais);

- f) Acesso à nota fiscal avulsa de Emissão Eletrônica (e-NFA);
- g) Possibilidade de ser contribuinte autônomo para fins previdenciários.<sup>24</sup>

Entretanto, ela comentou que muitas expõem os seus trabalhos no CEART para vender, mas é algo que demora muito para ter saída. Ainda relatou que a produção das suas peças são realizadas no Centro das Rendeiras e só, às vezes, em casa, e que só trabalha com a renda.

Para finalizar, a mesma abordou que o ofício é algo rentável para a cidade e que os turistas falam: “[...] eu quero ver renda de bilro, eu quero ver a rendeira trabalhando”.

A partir disso podemos analisar que o artesanato produzido pelas rendeiras de bilro é uma atividade econômica importante para o povo cearense. A mesma possui um grande potencial como atrativo turístico para a cidade de Aquiraz-CE, que por sua beleza atrai os turistas que se deparam com uma diversidade de peças produzidas à mão.

Para confirmar a importância desse artesanato para o desenvolvimento socioeconômico da cidade de Aquiraz-Ce, foi reformado e inaugurado na Prainha, em 21 de dezembro de 2017, o Centro de Rendeiras Luíza Távora, um espaço para a produção da renda de bilro cearense, gerando empregos, atraindo turistas e, para além disso, movimentando a economia local <sup>25</sup>.

Nesse Centro encontra-se uma variedade de artesanato, desde a renda de bilro até o bordado ponto de cruz e labirinto. O investimento nesse espaço não se restringe à preservação das raízes do artesanato e o seu significado para essa cidade e as pessoas que nela vivem; mas também um espaço de apropriação do capital, visando o lucro e a atratividade de turistas para esse meio, de modo a estimular uma maior circulação de dinheiro e contribuir com o desenvolvimento socioeconômico da cidade.

Como denota Marx (2013), o sistema capitalista não se apropria apenas da força de trabalho do trabalhador, mais também do meio social como um todo. A alienação faz parte desse sistema que só desenvolve algo que gere lucro/mais-valia e tudo isso através da exploração do trabalho.

Após essa entrevistada, conversamos com outras duas rendeiras, que são filhas de dona Antônia aqui nos detenhemos na perspectiva do fazer profissional de Carla (58 anos) e

---

<sup>24</sup> Disponível em: <https://ikode.com.br/carteira-de-artesao-programa-de-artesanato-brasileiro/>. Acesso em: 09/08/2021.

<sup>25</sup> Disponível em: <http://hotsite.diariodonordeste.com.br/especiais/fios-de-tradicao/>; acesso em: 01/05/2021

Ana (56 anos) boxe 18 ambas possuem ensino médio completo, são casadas, e ambas possuem filhos, dois cada e nenhum seguiu seus passos, a renda familiar advinha do trabalho de seus esposos ganhando um salário mínimo e da renda de bilro.

Ambas falaram sobre a Associação de Moradores da Prainha de Aquiraz-CE - Amopa e da Associação de Rendeiras da Prainha de Aquiraz-CE - Aspa. Elas informaram que ambas são importantes para o fortalecimento do ofício na cidade e que é através delas que são pautadas formas de melhorias tanto para a população em geral, como também para as artesãs.

As irmãs rendeiras destacaram a importância de recuperar a origem da renda de bilro e de como valorizam a mesma para poder fazer com que as pessoas, ao saberem o preço, não pechinchem<sup>26</sup>. Nas palavras de Carla (rendeira), “[...] temos que saber contar a história para poder fazer os outros valorizarem o trabalho”.

Tanto Carla quanto Ana, em respostas as perguntas da entrevista, comentaram que a maioria dos esposos das rendeiras são pescadores. Existe uma extensa pauta em prol de alguns direitos, que as rendeiras ainda não conseguiram. Por exemplo, os pescadores têm direito a se aposentar pela atividade que realizam, as rendeiras não. Para Carla, isso só ocorre porque não é interessante para o Ceart, tornar essa categoria como um trabalho rentável. A mesma reforçou até sobre uma lei que no governo Dilma<sup>27</sup> viria a dar maior visibilidade às rendeiras, colocando em pauta a valorização do artesanato brasileiro e implementando o tempo mínimo de aprendizado para ser considerado profissional desse ofício, cujo segundo relatos de Carla, o tempo mínimo era 03 anos, entretanto não foi aprovada, para dar continuidade.

Em observação a entrevista realizada percebemos que todas relatam que o período de julho e dezembro são os melhores para as vendas de suas peças, entretanto, em julho observa-se que os turistas, em sua grande maioria, veem para apreciar o trabalho.

Ana (rendeira) explica que no trabalho da renda de bilro surge outros desdobramentos, como por exemplo: as feiras, exposições externas, os convites de outros centros de rendeiras para dar mais visibilidade ao trabalho. Porque cada município do Ceará tem sua característica no processo de realização da renda.

A rendeira Ana disse que a Secretaria de Cultura tem um trabalho bastante voltada para as rendeiras. As irmãs, diferente de sua mãe e das demais rendeiras do Centro, trabalham

<sup>26</sup> Pechincha é levar vantagem de forma inesperada. É uma expressão utilizada informalmente no português do Brasil para salientar aquilo que foi um bom negócio, que custou muito pouco, menos do que o previsto. Segundo o site: <https://www.significados.com.br/pechincha/>. Acessado em: 23/08/2021.

<sup>27</sup> Lei que buscava defender o artesão e seus direitos e apoiar o artesanato brasileiro. Segundo o site: <https://www.cordeiroaureliano.com.br/blog/post/noticias/dilma-sanciona-lei-do-artesao/1281>. Acessado em: 16/07/2021.

mais sob encomenda e as mesmas relataram que já chegaram a vender algumas peças por um valor ínfimo, porque precisava vender para ter o dinheiro e colocar comida em casa. Elas trabalham mais com acabamentos em panos de prato, porta copos, mas também produzem peças mais detalhadas.

Em entrevista a rendeira Ana mencionou que a questão da não valorização do trabalho artesanal da renda é um dos principais desafios e dificuldades que ela observa.

Esse foi um dos pontos que mais nos chamou atenção na pesquisa de campo, pois em um mesmo espaço, há dois tipos de rendeiras, a que diz que nunca baixou o preço de sua mão de obra, porque sabe o valor de seu trabalho; e a outra que relata que teve que baixar para poder vender; rendeiras que tiram seu sustento daquele trabalho e outras que só têm aquele trabalho como forma complementar de renda.

Observamos que isso ocorre devido ao fato de se produzir a renda e ao ser vendida, revendida e utilizada em outras peças, o valor inicial que foi o que a rendeira vendeu, o atravessador ou consumidor tende a pechinchar para comprar mais barato, e no processo de revender, colocar o valor real.

Existem peças extensas que exigem o dispêndio de energia de mais de uma dessas artesãs para ser feita, e quando a mesma é concluída pode-se perceber que o trabalho fora tão fragmentado que talvez muitas vezes o valor cobrado pelas mesmas não compensou tamanho trabalho.

Acreditamos que ao concluir um trabalho grande e esse mesmo ao ser vendido para um capitalista ou outro, essa profissional ao ver sua peça em uma loja ou no mesmo no Centro de Artesanato, sendo vendido a um valor maior do que o que fora cobrado anteriormente, nem reconheça o seu trabalho, nem se reconheça no mesmo. É o que Marx (2013) em seus estudos chama de trabalho alienado, quando o trabalhador não se reconhece naquilo que foi feito por ele e que está bem ali na sua frente e isso só ocorre porque aquele trabalhador fez uma parte daquele trabalho, não conhece todo o processo, ou simplesmente, seu trabalho fora utilizado em outras coisas, o que impossibilita esse reconhecimento, acreditamos que esses exemplos possam ilustrar situação das rendeiras de bilro.

Em decorrência do que fora citado anteriormente, analisamos que esse processo de não retorno de lucro para essas trabalhadoras, ocorre devido algumas dessas venderem seus trabalhos artesanais a baixo custo, até mesmo para conseguir um dinheiro, já que é um trabalho informal de ganho por vezes incerto, então quando aparece uma oportunidade as mesmas a agarram, mesmo que não seja tão lucrativa para ser vendido, para ter clientela e isso vai gerando um processo de não ganho e de não valorização lucrativa. Por vezes, não recebem o que

realmente deveria ser pago pelo seu trabalho.

Partindo dessa análise, realçamos com Ivanildo Nunes (Influencer), estilista de Fortaleza, que “[...] temos que dar valor ao nosso trabalho, principalmente as rendeiras, com tudo o que elas gastam. Vocês são artistas.

Segundo Carmen, 67 anos, possui ensino médio incompleto, casada, mãe, a mesma não falou quantos filhos tem, mais explicou que nenhum seguiu seus passos, e não foi por falta de incentivo, informou que a renda de seu lar provém totalmente da renda. Presidente do Centro das Rendeiras há dois anos e que, em breve, se tornará a primeira mestre rendeira de Aquiraz, box 05. Essa é uma integrante ativa, no que concerne ao processo de preservação do ofício e também de pauta para a construção do que hoje é o Centro das Rendeiras Luiza Távora.

A mesma relatou que foram 8 longos anos de muita persistência, que perdeu as contas de quantas vezes foi à Secretaria de Cultura do Estado com essa pauta, mas somente o governador Camilo Santana deu ouvidos às suas reivindicações. Foi a partir do olhar do mesmo, que o sonho tornou-se realidade.

A mesma relatou os momentos difíceis que ela e algumas das rendeiras ali do Centro vivenciaram, quando no inverno as vendas eram ruins, as peças por vezes levavam chuvas. Ela falou de modo emocionado, como o Centro foi uma conquista, uma esperança por dias melhores.

A presidente comentou que atualmente há uma enorme preocupação sobre a perpetuação desse ofício, pois segundo ela, em 2020, o Ceart, articulado à Secretaria de Cultura, ofereceu um curso com 22 vagas, direcionado a jovens que tivessem interesse no fazer profissional, segundo ela a turma quase não conseguia ser fechada. As participantes receberam todo o material: a almofada, as linhas, os bilros. Entretanto, a maioria desistiu e as que se esforçaram para concluir o curso, ao terminar jogaram fora os instrumentos que ganharam, ou seja, não houve o retorno esperado. Como presidente do Centro, sua grande preocupação é com a perpetuação do ofício, visto que para a juventude não tem sido algo interessante.

A esse respeito, vale elucidarmos com o exemplo das duas filhas da Carla, uma das rendeiras entrevistadas, nenhuma delas aprenderam a prática e nem tem interesse.

A dona Carmen com a voz freada comentou: “[...] observe, a maioria das rendeiras aqui são de idade, o nosso ofício tende a desaparecer, e não é por falta de esforço da nossa parte enquanto rendeiras, é por falta de um incentivo e da desvalorização que se pauta no trabalho das artesãs.

Todas as rendeiras entrevistadas anteriormente, tinham a renda como seu único meio de trabalho, algumas somente com seu ensino fundamental incompleto, como Antônia,

mas as demais possuem ensino médio incompleto ou completo.

Segundo Marx (2013), o trabalho manual sofre um processo constante de desvalorização, de modo que o trabalho intelectual se sobressai, nesse sistema que só oprime e explora.

Por fim, chegamos a última entrevista realizada no Centro, a qual mencionamos aqui dona Fátima, 69 anos, viúva, aposentada, e que desde os sete anos de idade faz renda. A mesma trabalhou em outras coisas ao longo da vida, como técnica em contabilidade e auxiliar de sala, entretanto, segundo ela, a almofada sempre estava ali por perto, lembrando a ela suas origens.

A mesma possui 4 filhos, dois homens e duas mulheres, a mesma relatou que possui ensino médio completo e que todos os seus filhos sabem fazer renda, mas não trabalham com a renda de bilro, cada um tem sua profissionalização.

Segundo Fátima, infelizmente ela já teve que vender suas peças por valores ínfimos, só para poder ter saída, já trabalhou durante uma semana sem vender nada, ela diz que é algo maravilhoso produzir as peças, a única parte arduosa é a de ver que o trabalho não é tão valorizado.

A mesma, assim como as demais, abordou que seu trabalho é realizado no Centro, mas que também trabalha em casa, ela também afirmou que houve um período em que a renda de bilro foi algo que ajudou muito na renda familiar da casa, disse que perdeu a conta dos dias que virou a noite para concluir uma encomenda, e que isso acontece até hoje. Porque cada encomenda tem um prazo específico.

Apesar de todas as adversidades do ofício dona Fátima assevera que para ela: “A renda é terapia, é como um livro, você viaja, conta a sua história através dos bilros. (Fátima, rendeira, 2021).

Analisando tudo o que foi vivenciado, observado e colhido mediante a ida ao campo de pesquisa, pude compreender que assim como a presidente Carmen das rendeiras e dona Fátima, a última entrevistada comentou, é que investimento há, valorização do Estado frente a compreender a importância do ofício para a cidade, existe. O que falta é uma maior menção e digo no âmbito educacional e cultural, de voltar os olhares da juventude para esse ofício, ter uma maior divulgação dos mesmos nas redes sociais, o que falta é a população em si valorizar essa riqueza profissional. Pois, a partir da valorização que for empregada pelos de dentro do município, isso se expande para fora dos horizontes.

Pois segundo as mesmas, a renda é um horizonte cheio de riquezas, no quesito de conhecimento e de significância para a cidade, o Centro das rendeiras é uma prova disso, é algo



que gera renda, que atrai turistas, que eleva a cidade de Aquiraz, fazendo com que a mesma seja alvo de turista e por assim dizer, mediante tudo o que já foi abordado, uma forma de complementar em seus nexos gerais o processo de desenvolvimento socioeconômico da cidade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa buscou-se compreender as dimensões do processo educativo na produção do artesanato da renda de bilro, como objeto de transformação do cenário de exploração e desvalorização do trabalho artesanal para as mulheres que produzem a renda de bilro, de modo delimitado à realidade das rendeiras da Prainha de Aquiraz-Ce. No desenvolvimento da pesquisa tivemos a oportunidade de entender melhor a realidade das rendeiras e traçar um perfil das mesmas, conseguindo conduzir o estudo para as suas finalidades específicas.

Tendo em conta que a pesquisa foi realizada após um cenário pandêmico, foi mais perceptível a captura de fatores da realidade das rendeiras. Muitas relatam sobre a perspectiva de o ofício vir a desaparecer, por falta de pessoas com interesse prévio no fazer profissional, as mesmas disponibilizam o tempo delas para quem desejar aprender, tudo com o intuito de tentar fortalecer o que está se perdendo.

Mediante a pesquisa analisamos que a crise sanitária, deixou marcas no Centro das rendeiras, assim como em todo o mundo, a mesma fragilizou ainda mais a realidade das artesãs, a pandemia levou artesãs que estavam no Centro das Rendeiras desde o primeiro centro existente, na década de 70. Na visita de campo, nos deparamos com o Centro das Rendeiras da Prainha Luiza Távora com muitos boxes fechados, apenas 20 boxes estavam em funcionamento. Observamos que não havia turistas no local, por se tratar de um período de alta estação, isso se torna inacreditável.

As rendeiras relataram, que desde que abriram uma loja próximo ao Centro das Rendeiras, com todo tipo de artesanato, as vendas no Centro das Rendeiras diminuíram. Para além disso, em conversa com as artesãs, elas comentaram que quem traz os turistas para o centro são os bugueiros, entretanto, os mesmos só fazem isso, se obtiverem 10% do valor da venda de cada peça que os turistas comprarem as artesãs. Segundo elas isso se torna mais uma forma de explorar o trabalhador do ofício.

A discussão dessa temática proporcionou a compreensão das dimensões do processo educativo, mediado pelas relações de trabalho, por meio da oralidade e prática, as rendeiras ensinam o saber tradicional, traçando estratégias para que este saber alcance mais pessoas. Carregadas de subjetividade, as peças produzidas pelas rendeiras, expressão para além de suas narrativas, o cenário contemporâneo a qual estão inseridas. Apesar disso, adentro aqui a perspectiva de que não devemos cair no fatalismo, em dizer que o que está posto é isso e que não pode ser

alterado, e nem no messianismo, em acreditar que tudo tem uma resolutividade direta.

A exploração e desvalorização do ofício compõe-se de amplos fatores, que vão desde as suas raízes fincadas numa atividade laboral direcionada às mulheres, por crê que a mulher é um ser frágil, até os fatores de organização do próprio governo, em detrimento de um não fortalecimento da cultura local.

Através da pesquisa de campo, percebemos no relato das artesãs, que o Centro das Rendeiras foi uma conquista, em detrimento de muitas reivindicações e lutas. Com isso, apesar dessa vitória, existe uma grande preocupação sobre a perpetuação do ofício, infelizmente as novas gerações não têm interesse em aprender e muito menos viver da renda, justamente devido o que muitas analisaram sobre a falta de paciência em se dedicar para o ofício, a realidade de precarização e desvalorização desse trabalho realizado por entes da família.

Acreditamos que se houvesse uma forma de dar visibilidade sobre a cultura local nas escolas, ou cursos vinculados à Secretaria de Cultura de Aquiraz - SECULT, se tivesse algo que viesse a reforçar a importância dessas artesãs para a cidade, a relevância em preservar esse ofício, a beleza de seus produtos e, principalmente, o princípio de aprender a valorizar o trabalho manual, por ser um trabalho pautado em vivências e significativos. Seria algo a dar um primeiro passo para a melhoria dessas trabalhadoras. Nossa pesquisa identificou a necessidade de haver uma política pública de Estado voltada à criação de condições de reprodução e continuidade das práticas culturais das tradições, uma vez que são parte do conhecimento e do saber da oralidade que resguardam a memória cultural de nossa história. Uma política pública que tenha como foco a cultura como um direito – o direito de ser, de existir e de perpetuar, em condições estruturais adequadas, os saberes e fazeres das tradições. (Chauí, 2006).

Através da pesquisa, pudemos compreender que, apesar das novas estratégias de uma maior visibilidade do artesanato, pela nova tendência com o *handmade*, o ofício está se esvaindo nas mãos das rendeiras que ainda conseguem realizar a prática profissional, os jovens não se interessam, buscam outras formas de vida, muitos nem seguiram os passos das mães, o curso realizado em parceria com a CEART, citado no texto anterior, refletiu isso.

Ao discutirmos sobre essas questões, analisamos que apesar das dificuldades das atividades cotidianas, da sua dupla jornada de trabalho, as rendeiras (re) significam o seu trabalho, criam laços e lutam pela preservação do ofício. A ação de formalização através da carteirinha da artesã, é algo que revela apenas mais um dos mecanismos de dominação do sistema de acumulação

capitalista. Colocando aqui em pauta, o quanto esse ofício se faz significativo para esse sistema. A CEART, apesar de ser uma plataforma utilizada para mostrar o trabalho das rendeiras de modo universal, não é algo rentável para as mesmas, segundo estas, uma peça exposta na CEART, demora muito tempo para vender, isso se chegar a ser vendida.

Podemos discorrer que o predomínio das políticas neoliberais e a redução do Estado quanto aos interesses coletivos, é algo que se reflete e reforça a exploração das trabalhadoras em todos os segmentos, principalmente o que concerne ao trabalho dessas artesãs, que estão mais suscetíveis e que são responsáveis pelos custos de sua força de trabalho e por garantir o sucesso do seu meio de vida.

Diante do que foi apresentado, na dinamicidade dessa sociedade, constitui-se significativa a ampliação da discussão dessa temática e as reflexões sobre as determinações da realidade do trabalho das rendeiras, que necessitam além de uma análise mais aprofundada, de respostas imediatas e eficientes voltadas à garantia de uma maior visibilidade para a realidade das profissionais e da perpetuação do fazer profissional, visto que o que mais vem a desmotivar as novas gerações frente a consolidar e fazer parte desse meio, é justamente a exploração advinda desse sistema que desvaloriza o trabalho manual.

Compreendemos que a construção societária sofreu alterações desde a discussão de Margareth (1985) até a discussão sobre a intersexualidade do Brasil e França de Hirata (2016) no que concerne ao papel da mulher frente a sociedade, entretanto, ainda assim observa-se que a reflexão sobre a dupla jornada de trabalho da mulher, a desvalorização de seu trabalho e o reconhecimento de ambientes onde a força de trabalho majoritariamente são realizados por mulheres, ainda são arraigados do desvalor, principalmente mediante a atualidade a qual observamos uma retomada do pensamento conservador, onde muitos carregam o pensamento consigo a ideia de lugar da mulher, referenciada ao lar, um ideário construído socialmente em que reflete de maneira direta em diversos campos da vida em sociedade.

Deste modo, estudar as relações e os processos educativos dessa realidade que vem sofrendo alterações constantemente, se faz necessária. A renda fora importada para o Brasil, mas hoje constitui-se referência da cultura brasileira, tendo assim que ser valorizada e preservada, não somente nas exposições de lojas, por meio do atravessador, mas também onde se origina, no entrelaçar dos bilros do fazer das rendeiras.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **História oral: a experiência do Cpdoc.** Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.
- ALMEIDA, L. **Genealogias femininas em O penhoar chinês**, de Rachel Jardim. Disponível em: <http://www.ucm.es/info/especulo/numero24/genealog.html>. Acesso em: 5 jul. 2024.
- ALMEIDA, M. I. de. A 'Nova Maternidade: uma ilustração das ambigüidades do processo de modernização da família'. In: FIGUEIRA, S (org). **Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira.** Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- ANGELO, E. R. B. **Tecendo rendas: gênero, cotidiano e geração Lagoa da Conceição – Florianópolis – SC.** Dissertação (Mestrado em História) – Pontfca Catolica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- ANTUNES, R. L. C. **Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho.** 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.
- ANTUNES, R. **Os Sentidos do Trabalho.** Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2001.
- ARAGÃO, R. B. **História do Ceará: síntese didática.** 2. ed. [S.l.:s.n.], 1997.
- ARARIPE, T. de A. **História da província do Ceará.** [S.l.]: IBGE, 2020. v. 4.
- ARAÚJO, Â. M. (org). **Trabalho, Cultura e Cidadania: um balanço da história social brasileira.** São Paulo: Scritta, 1997.
- ARAÚJO, C.; SCALAN, C. (orgs). **Gênero, família e trabalho no Brasil.** Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- ARAÚJO, L. F. S. de; DOLINA, J. V.; PETEAN, E.; MUSQUIM, C. dos A.; BELLATO, R.; LUCIETTO, G. C. Diário de pesquisa e suas potencialidades na pesquisa qualitativa em saúde. **Revista Brasileira Pesquisa Saúde**, Vitória, v. 2, n. 4, p. 53-61, jul./set. 2013.
- ARAÚJO, L.B C. **Assentamentos Rurais do MST: apropriação-objetivação de uma nova sociabilidade uma pesquisa exploratória.** [S.l.]: CBAS, 2001.
- ARICÓ, J. **Marx e a América Latina.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- ARRUDA, G. **Andarilhos do Sertão.** A mudança do padrão de comportamento do trabalhador rural na cidade do semi-árido nordestino. 2003. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará/ UFC, Fortaleza, 2003.

ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO ESTADO DO CEARÁ. **Inauguração do Centro: Gênero, cultura e poder.** Florianópolis: Editoras Mulheres, 2004.

AZEVEDO, H. S. **Identidade Resgatada ou Nova Identidade?** Identidade e Cotidianidade de Famílias de áreas de Assentamento. 1992. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará/ UFC, Fortaleza, 1992.

BAILEY, FG. **Gifts and Poison.** Oxford: Basil Blackwell, 1971.

BARDI, L. B. **O Design no Impasse.** São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, Tempos de Grossura, 1994.

BARTHES, R.; MARY, E. Oral/ Escrito. In: **Enciclopédia Einaudi.** Lisboa: Suprema Nacional / casa da moeda, 1887.

BATALHA, C. H. M. 'A Historiografia da Classe Operária no Brasil: Trajetórias e Tendências'. In: FREITAS, M. C de. (org). **Historiografia Brasileira em Perspectiva.** São Paulo: Contexto, São Paulo, 1998.

BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política – Ensaio sobre literatura e história da cultura,** São Paulo: brasiliense, 1994.

BERGER, P. L. **A construção social da realidade: tratado de Sociologia do Conhecimento.** Petrópolis: Vozes, 1985.

BERMAN, M. **Aventuras no Marxismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BONATELLI, M. J. **As rendas.** Florianópolis: Faculdade Catarinense de Filosofia, 1956.

BOSI, A. Cultura como Tradição. In: BOSI, A. et all.) **Cultura brasileira. Tradição/contradição.** Rio de Janeiro: Zahar / Funarte, 1987.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação e cultura. **Rede de dormir: uma pesquisa etnográfica.** Serviço de documentação do Ministério da Educação e cultura.

BRAZ, M. **Economia política: uma introdução crítica.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

BRAZ, M. **Introdução do Estudo do Método em Marx.** São Paulo: Expressão Popular, 2012.

BRITES, B.; TESSLER, É. Org. **O meio como ponto zero: metodologia de pesquisa em artes plásticas.** Porto Alegre: UFRGS, 2002.

BRITO, I. A Questão do Método em Marx e Lukács: o desafio da reprodução ideal de um processo real. IN: MENESES, A.; FIGUEIREDO, F. (org). **Trabalho, Educação e Sociabilidade**. Uma crítica à ordem do Capital. Fortaleza: UFC, 2003.

BRITO, L. H de. **A Universidade Regional do Cariri: história e política na construção da sua regionalidade**. Um estudo sobre a relação universidade/sociedade no Cariri cearense. 1995. Dissertação. (Mestrado em Educação Brasileira) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1995.

BRITO, L. H de. Cultura e trabalho na modernidade: o lugar das tradições. In: ARAÚJO, M. N. de O.; RODRIGUES, L. C (orgs). **Transformações no mundo do trabalho**. Fortaleza: Editora UFC, 2005 (Realidade e utopias. Série Percursos, 6.)

BURKE, P. **Cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CAMPOS, H. de. **Obras completas vol. II: Memórias**. Porto Alegre: Mérito, 1960.

CARVALHO, G.; GUIMARÃES, D. **Ceará feito a mão: Artesanato e arte popular**. Fortaleza: Terra da Luz Editorial, 2000.

CASCUDO, L. da C. **Mouros, franceses e judeus: três presenças marcantes no Brasil**. São Paulo: Global, 2001.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania cultural: O direito à cultura**. São Paulo: Perseu Abramo, 2006.

CORDEIRO E AURELIANO. **Dilma sanciona Lei do Artesão**: Grupo Cordeiro e Aureliano. Disponível em: <https://www.cordeiroeareliano.com.br/blog/post/noticias/dilma-sanciona-lei-doartesan/1281>. Acesso em: 5 jul. 2024.

COSTA, F. A. P. Da. **Cronologia histórica do estado do Piauí: desde os seus tempos primitivos até a proclamação da república**. 2. ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1981.

COSTA, M. de F. V. **Cultura lúdica, discurso e identidades na sociedade de consumo**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2005.

COSTA, S. A. de A. **O artista Zenon Barreto e a arte pública na cidade de Fortaleza**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2014.

DOSTOIÉVSKI, F. **Crime e castigo**. São Paulo: Ed. 34, 2003.

DU BERRY, M. M. **A renda: história da renda em diversas épocas e diferentes países**. Rio de Janeiro/Paris: H. Garnier, Ed, 1097.

DURHAM, E. R. **A dinâmica da Cultura**. São Paulo: Boitempo, 1983.

- DURHAM, E. R. **A dinâmica da cultura**: ensaios de antropologia. [S.l: s.n.], 2004.
- DURHAM, E. R. **Economia Política**. Livro 1. São Paulo: Boitempo, 2013.
- FLEURY, C. A. E. **Renda de bilros, renda da terra, renda do Ceará**: a expressão artística de um povo. São Paulo/Annablume;Fortaleza/Secult, 2002.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: o nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- FURNO, J. C. **Gênero e trabalho no Brasil e na França**: perspectivas interseccionais. São Paulo: Boitempo, 2016.
- GATTAZ, A. C. **Braços da resistência**: uma história oral da imigração espanhola. São Paulo, Ed. Xamã, 1996.
- GINZBURG, C. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GIRÃO, V. C. **Renda de bilros**. Fortaleza: Edições UFC, 1984.
- GIRÃO, V. C. **Rendas de bilro**. Fortaleza: Instituto do Ceará, 2013.
- HEGEL, G. W. F. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas**: a Ciência da Lógica. São Paulo: Edições Loyola, 1995.
- HELLER, A. **O cotidiano e a história**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- HUBERMAN, L. **História da riqueza do homem**. Tradução Waltensir Dutra. 21.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- KOSIK, K. **Dialética do concreto**. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004.
- LESSA, S. **Para compreender a ontologia de Lukács**. 4. ed. São Paulo: Instituto Lukács, 2015.
- LESSA, S.; TONET, I. **Introdução à filosofia de Marx**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- LESSA, Sergio. **Para compreender a ontologia de Lukács**. 4. ed. São Paulo: Instituto Lukács, 2015.
- LIMA, M, F.; JIMENEZ, S. V. O complexo da educação em lukács: uma análise à luz das categorias trabalho e reprodução social. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.27, n. 2, p. 73-94, ago. 2011.



LIMA, M. F. **A alienação em Lukács**: fundamentos para o entendimento do complexo da educação. 190 f. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

LIMA, M. F. **Trabalho, reprodução social e educação em Lukács**. 2009. 156f. Dissertação (Mestrado em educação) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2009.

LUKÁCS, G. **As Bases Ontológicas do Pensamento e da Atividade do Homem**. São Paulo: Ciências Humanas, 1978. (Temas de Ciências Humanas).

LUKÁCS, G. **Introdução a uma estética marxista**. São Paulo: Instituto Lukács, 2018.

LUKÁCS, G. **Marx e Engels como historiadores da literatura**. Tradução de Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2016.

LUKÁCS, G. **Ontologia do ser social**: Os princípios ontológicos fundamentais de Marx. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

LUKÁCS, G. **Ontologia do ser social**: Os princípios ontológicos fundamentais de Marx. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Livraria Ciências Humanas, 1979b.

LUKÁCS, G. **Para a ontologia do ser social**. Maceió: Coletivo Veredas, 2018.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social I**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social II**. Tradução de Nélio Schneider; Ivo Tonet; Ronaldo Vielmi Forte. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

LUKÁCS, G. **Pensamento vivido**. Autobiografia em diálogo. São Paulo: Estudos e Edições Ad Hominem; Viçosa; UFV, 1999.

LUKÁCS, G. **Prolegômenos para uma ontologia do ser Social**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

LURIA, A. R. **Pensamento e linguagem**: as últimas conferências de Luria. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

MACENO, T. E. **(Im)possibilidades e limites da universalização da educação sob o capital**. 206 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2005.

MACENO, T. E. **Educação e reprodução social**: a perspectiva da crítica marxista. São Paulo: Instituto Lukács, 2017.

MACENO, T. E. **O complexo social da educação na reprodução da Sociedade**: entre a autonomia e a dependência. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Alagoas,

Maceió, 2016.

MACENO, T. **Educação e Reprodução Social: a perspectiva da crítica marxista**, São Paulo, Instituto Lukács, 2017.

MAFFESOLI, M. **La connaissance ordinaire**. Paris: Méridiens, 1985.

MALINOWSKI, B. **A vida sexual dos selvagens do noroeste da Melanésia: descrição etnográfica do namoro, do casamento e da vida de família entre os nativos das Ilhas Trobriand (Nova Guiné Britânica)**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983.

MARTINELLI, M. L. **Serviço social: identidade e alienação**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARTINS, A. de S. **Piauí: evolução e desenvolvimento**. Teresina: Fundação CEPRO, 2003.

MARTINS, L. M. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica**. 249 f. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2011.

MARX, K. **A miséria da filosofia**. Tradução de José Paulo Netto. São Paulo: Global, 1985.

MARX, K. **Cadernos de Paris e Manuscritos econômico-filosóficos de 1844**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Lisboa: [s.n.], 1989. p.195.

MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**. 36. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. Livro 1.

MARX, K. Processo de trabalho e processo de valorização. In: MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política**. [S.l.]: Abril, 1983. p. 149-163.

MARX, K. Trabalho produtivo e trabalho improdutivo. In: MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política**. Livro 1. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. São Paulo, Editora HUCITEC, 1997.

MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes. 1998. p.10.

MARX, K.; ENGELS, F. **A sagrada família**. Martins Fontes: São Paulo, 1976.

MENDES, F. I. V. Parnaíba: educação esociedade. Parnaíba: SIEART, 2007.

MÈSZÁROS, I. **A educação para além do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo editorial,

2008.

MÈSZÁROS, I. **A teoria da alienação em Marx**. 2. ed. São Paulo: Boitempo editorial, 2016.

MÈSZÁROS, I. **O conceito de dialética em Lukács**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MINAYO, M. C. de S.; DESLANDES, S.; GOMES, R. (Orgs.). **Pesquisa social: Teoria, métodos e criatividade**. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MONGARDINI, C.; SIMMEL G. et al. la sociologie contemporaine. In: WATIER, P. (dir.), SIMMEL G. **La sociologie et l'expérience du monde moderne**. Paris: Méridiens Klincksieck, 1986.

MOREIRA, A. M. **Conhecendo a História e Geografiado Piauí**. Parnaíba –PI: [s.n.], 2007.

NASCIMENTO, A. A. V. **Dez freguesias da cidade de Salvador: aspectos sociais e urbanos do século XIX**. Salvador: EDUFBA, 2007.

NETTO, J. P.; BRANT, M. do C.C. **Cotidiano: conhecimento e crítica**. São Paulo: Cortez, 1996.

NOSCHIS, K.; CAPRONA, D. de. Postface. In: SCHUTZ, A. **Lechercheur et le quotidien: Phénoménologie des sciences sociales**, Paris: Méridiens Klincksieck, 1987.

OLIVEIRA, R. de C. M. de. (Entre)linhas de uma pesquisa: o Diário de Campo como dispositivo de (in)formação na/da abordagem (Auto)biográfica. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, v. 2, p. 69-87, 2014.

OSINSKI, D. R. B. **Arte, ensino e história: uma trajetória**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002. – (Coleção questões da nossa época; v. 79).

PAULO NETTO, J.; NETTO, J. P. **Capitalismo Monopolista e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 1996.

PESSOA, F. **Alberto Caeiro: poemas completos**. São Paulo: Saraiva, 2007.

PONCE, A. **Educação e luta de classes**. 24. ed. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 2015. p. 19-40.

PORTO ALEGRE, S. **Mãos de mestre: itinerários da cultura e da tradição**. São Paulo: Maltese, 1994.

PRINTI. **Handmade: a nova tendência do Design** – Printi Blog. Disponível em: <https://www.printi.com.br/blog/handmade-nova-tendencia-do-design>. Acesso em: 5 jul. 2020.

RAGO, L. M. **Do cabaré ao lar: A utopia da sociedade disciplinar**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RAMOS, A.; RAMOS, L. **A renda de bilros e sua aculturação no Brasil**. Rio de Janeiro: ED. Publicações de Etnografia e Etnologia, 1948.

RAMOS, L. e A. **A Renda de bilros e sua aculturação no Brasil**. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Antropologia, 1948.

RAMOS, L. e A. **Relatório de Estágio de Doutorado no Exterior/ Bolsa Sanduíche**. Coventry: University of Warwick, Inglaterra, Brasília: CAPES, 2004.

ROCHA, A. L. C.; ECKERT, C. Etnografia: saberes e práticas. In: PINTO, C. R. J; GUAZZELLI, C. A. B. (Orgs.). **Ciências Humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: Universidade, 2008. p. 9-24 Disponível em:<http://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9301/5371>. Acesso em: 15 nov. 2014.

ROSSI, R. **Lukács e a educação**. Maceió: Coletivo Veredas, 2018.

SALLES, C. A. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. São Paulo: FAPESP, Annablume, 1998.

SANTOS, D. **A particularidade na estética de Lukács**. São Paulo: Instituto Lukács, 2017.

SAVIANI, D. Debate sobre educação, formação humana e ontologia a partir da questão do método dialético. In: SAVIANI, D.; DUARTE, N. (Org.). **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas: Autores Associados, 2012. (Coleção polêmicas do nosso tempo).

SAVIANI, D. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política**. 36. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2003. (Coleção polêmicas do nosso tempo, v.5).

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 10 ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. (Coleção educação contemporânea).

SIGNIFICADOS. **Significado de pechincha**. Disponível em:<https://www.significados.com.br/pechincha/>. Acesso em: 5 jul. 2024.

SILVA, E. K. R. da. **Novas faces do trabalho artesanal: as interseções de saberes entre designers de moda e artesãos no interior do Ceará**. 2015. 219f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Brasileira, Fortaleza, 2015.

TEXEIRA, S. F.; FORTES, A (orgs). **Culturas de Classe: identidades e diversidades na formação do operariado**. Campinas, S.P: Unicamp, 2004.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TONET, I. Educação e Ontologia Marxiana. **Revista HISTEDBR**, Campinas, número especial,

p. 135-145, abr. 2011.

TONET, I. **Educação, cidadania e emancipação humana**. Ijuí. RS: Unijuí, 2005.

TUCHMAN, B. W. **A prática da história**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1991.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Novas Faces do Trabalho Artesanal**: Coleção Arthur e Luiza Ramos. Disponível em:[http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/51266/1/1974\\_cat\\_calramos](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/51266/1/1974_cat_calramos). Acesso em: 5 jul. 2024.

WATIER, P.; SIMMEL G. **La sociologie et l'expérience du mondemodern**. Paris: Méridiens Klincksieck, 1986.

ZELDITCH, M. **The psychology of legitimacy**: Emerging perspectives on ideology. [S.l.]: Stanford University, 1969.

## APÊNDICE A– ROTEIRO DE ENTREVISTAS

### ENTREVISTA

Nº.            Data: /    /

#### IDENTIFICAÇÃO/ DADOS PESSOAIS

1. Nome:
2. Idade:
3. Sexo: ( ) Feminino ( ) Masculino
4. Naturalidade:
5. Estado civil: ( ) Casado(a) ( ) Solteiro(a) Viúvo(a)  
( ) Divorciado(a) ( ) Outros: \_\_\_\_\_ .
6. Escolaridade: ( ) Ensino Fundamental ou 1º grau completo ( ) Ensino Fundamental ou 1º grau incompleto ( ) Ensino Médio ou 2º grau completo ( ) Ensino Médio ou 2º grau incompleto ( ) Superior – Graduação completo ( ) Superior – Graduação incompleto ( ) Mestrado ou doutorado ( ) Outros \_\_\_\_\_ .
7. Tem filhos? ( ) Sim ( ) Não. Quantos?
8. Quantas pessoas moram com você? / Vínculo familiar/ Escolaridade/ Trabalho/ Renda/ Aposentadoria.

#### PERGUNTAS INERENTES AO COTIDIANO E TRABALHO DAS ARTESÃS

9. Como geralmente é sua rotina? a senhora produz as peças artesanais na suacasa ou no centro das rendeiras? Sabe dizer quantas horas por dia você trabalha?
10. O trabalho aqui é de carteira assinada e vocês são pagos pelo estado ou pela CEART ou são uma comunidade?
11. Tem ajuda do estado ou do município? O que mudou?
12. O que você pensa sobre essas mudanças para as condições de trabalho evenda do produto?
13. Para quem vocês vendem as peças, existe uma pessoa fixa? Ou é pra Ceart? Ou somente para os turistas e quem visita o centro das rendeiras?
14. Ao vender as peças, é sempre no preço que as mesmas valem ou não?
15. Como estipulam o preço de cada peça? É pelo tempo gasto ou pelo dinheiro investido para produzir as mesmas?
16. Você acha que a tradição da cultura da renda de bilro pode vim a desaparecer?

quem deseja aprender? Quem geralmente ensina ou está a frente desses cursos? existe aqui uma mestre entre as rendeiras, nomeadas entre elas? Se sim, que é, e porque nomearam ela como mestre?

18. O que a mestre faz de diferente das outras rendeiras?
19. Vocês participam de fóruns ou encontros com outras rendeiras para acompanharem as mudanças do mercado?
20. O que a renda é pra você, o que você expressa através dela? O que ela trouxe de bom e o que mudou com esse espaço do centro das rendeiras?
21. Qual o valor estipulado da renda mensal, visando os períodos de alta estação, ou não, do ano advindo do trabalho artesanal produzido?
22. Qual é a realidade social das mulheres entrevistadas e se a renda de bilro é a única forma de sustento ou se há outros meios de prover a mesma?
23. A renda foi um fazer cultural passado para a senhora, de geração a geração ou se foi ela mesma quem começou esse fazer no meio familiar? Como foi apreendido? Quais as dinâmicas utilizadas para o repasse desse fazer artesanal?
24. Alguma de suas filhas seguiu seus passos como artesã?
25. No geral, qual a importância da renda de bilro para a sua família?
26. Na sua opinião, há incentivo por parte do município ou até mesmo entre o núcleo familiar das rendeiras, sobre o processo da preservação e no repasse desse ofício para as gerações futuras ou se as mesmas reforçam para os filhos buscarem um meio de vida melhor e com mais estabilidade?

27. Quais são as condições de trabalho? As peças são produzidas e comercializadas de forma autônoma ou são encomendadas por alguém que as comercializa?
28. Como é estabelecido o valor da sua mão de obra para cada peça, principalmente no que concerne a pessoas que compram para a revenda.
29. Quais as principais dificuldades e desafios que enfrentam para exercer a profissão de artesã?
30. No período de alta estação, com a chegada de turista na cidade, as vendas melhoram?
31. Na sua opinião os turistas valorizam o artesanato aqui referenciado?
32. Diante das especulações dos preços (sobre acharem que a peça está cara), qual justificativa dada para a valorização do seu trabalho manual?
33. Houve dificuldades para a senhora sustentar a família com o trabalho como artesã? Caso tenha. Quais?
34. Qual a importância para as mesmas, do artesanato da renda de bilro para a cidade de Aquiraz?
35. O centro das rendeiras deu mais visibilidade para a cidade, no atrativo de turismo e circulação de dinheiro?
25. Como se apresenta o município e o Estado a respeito desse fazer cultural após a inauguração do Centro das Rendeiras, onde fora algo muito pautado. É algo em que os mesmos deem importância, visibilidade e reforcem a relevância desse ofício para a cidade? Há projetos que incentivem essa produção?
26. Já ouviram falar da CEART? E sobre a importância da mesma para os trabalhadores artesãos e os benefícios advindos dessa central?
27. Quais as transformações na realidade local dessas artesãs, foram tecidas através do trabalho da renda?



## **APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

O (a) Sr. (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa: A Cultura da Renda de Bilro na Prainha/Aquiraz-Ce: O proceso educativo na produção do artesanato, que tem como objetivo geral: Analisar sobre como tem se constituído o processo educativo na cultura da rendade bilro pelas rendeiras da prainha, e como objetivos específicos: Identificar como se estabeleceu o ensino da prática da renda de bilro e o processo de apreensão da mesma; Investigar as condições de trabalho e como as rendeiras tem capitalizado a produção da renda em meio a um cenário de exploração e desvalorização da força de trabalho dessas artesãs, presente na comercialização dos seus produtos. Examinar, assim, como esse processo educativo no repasse do saber, do trabalho artesanal, tem transformado a realidade local das artesãs.

Quanto aos riscos, reconhecendo a possibilidade de desconforto, constrangimento que podem ocorrer, a pesquisadora se compromete a tratar com o devido respeito, procurando minimizar qualquer risco que possa ocorrer durante a pesquisa. Quanto aos benefícios, devolvendo os resultados da pesquisa para o grupo pesquisado. Que o conhecimento da realidade possa contribuir para a melhoria dos processos de trabalho.

Dessa forma, pedimos a sua colaboração nesta pesquisa, para responder a uma entrevista sobre o tema acima proposto que deverá ser gravada se o (a) Sr. (a) concordar. Bem como para autorizar a fotografar e usar as imagens na pesquisa. Garantimos que a pesquisa não trará nenhuma forma de prejuízo, dano ou transtorno para aqueles que participarem. Todas as informações obtidas neste estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Vale ressaltar, que sua participação é voluntária e o (a) Sr.(a) poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano.

Todos os participantes poderão receber quaisquer esclarecimentos acerca da pesquisa e, ressaltando novamente, terão liberdade para não participarem quando assim não acharem mais conveniente. Contatos e esclarecimentos da pesquisa com a aluna Natalia Mikaely da Silva Cavalcante.

Este termo está elaborado em duas vias sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outro para o arquivo do pesquisador.

Eu, \_\_\_\_\_, tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma.

Fortaleza, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ .

---

Assinatura da participante

---

Assinatura da pesquisadora